

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS -
LIBRAS**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Dilma Vana Rousseff
MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Fernando Haddad

SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA COORDENAÇÃO DE
APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES
João Carlos Teatini de Souza Clímaco

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
UNICENTRO**

REITOR: Aldo Nelson Bona
VICE-REITOR: Osmar Ambrósio de Souza
PRÓ-REITORA DE ENSINO: Márcia Tembil
COORDENADORA UAB/UNICENTRO: Maria Aparecida Crissi Knüppel
COORDENADORA ADJUNTA UAB/UNICENTRO: Margareth Maciel
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DIRETOR: Carlos Eduardo Schipanski
VICE-DIRETOR: Adnilson José da Silva

COMITÊ EDITORIAL DA UAB

Aldo Bona, Edelcio Stroparo, Edgar Gandra, Klevi Mary Reali, Margareth de Fátima Maciel,
Maria Aparecida Crissi Knüppel, Ruth Rieth Leonhardt.

**EQUIPE RESPONSÁVEL PELA IMPLANTAÇÃO DO CURSO
PEDAGOGIA A DISTÂNCIA:**

Marisa Schneckenberg; Nelsi Antonia Pabis;
Rejane Klein; Sandra Regina Gardacho Pietrobon;
Michelle Fernandes Lima; Anízia Costa Zyck

COORDENADORAS DO CURSO: Marisa Schneckenberg;
Rejane Klein

ELIZIANE MANOSSO STREIECHEN
ILUSTRAÇÕES: SÉRGIO STREIECHEN

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS -
LIBRAS**

COMISSÃO CIENTÍFICA: Marisa Schneckenberg; Nelsi Antonia Pabis; Rejane Klein; Sandra Regina Gardacho Pietrobon; Michelle Fernandes Lima; Anízia Costa Zyck.

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Sandra Regina Gardacho Pietrobon
Loremi Loregian Penkal

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Andressa Rickli
Espencer Ávila Gandra
Natacha Jordão

Gráfica Unicentro
reimpressão - 309 exemplares

Catálogo na Publicação
Biblioteca Central da UNICENTRO, Campus Guarapuava
Bibliotecária responsável: Vânia Jacó da Silva CRB 1544-9

Streiechen, Eliziane

S9151 Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS / Eliziane Streiechen; ilustrado por Sérgio Streiechen. – – Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

136 p.: il.

Bibliografia

1. Surdos. 2. Linguagem. 3. Bilingue. I. Título.

CDD 371.912

Copyright: © 2012

Nota: o conteúdo da obra é de exclusiva responsabilidade do autor.



Sumário



Apresentação	09
Capítulo 1	13
Um breve histórico sobre o surdo	13
Congresso de Milão	15
História da Educação do surdo no Brasil	19
Capítulo 2	21
O que é LIBRAS?	21
Mitos sobre as línguas de sinais	24
A língua de sinais é universal?	27
Variações linguísticas da LIBRAS	28
Sistema de transcrição da LIBRAS	29
Capítulo 3	31
Parâmetros Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais	31
Iconicidade e Arbitrariedade	47
Capítulo 4	51
Alfabeto manual ou datilológico	51
Números	52
Cumprimentos ou saudações	53
Pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos e indefinidos	53
Capítulo 5	59
Advérbios de tempo	59
Dias da Semana	63
Estados do tempo	64
Cores	65

Capítulo 6	69
Gênero masculino e feminino	69
Grau do substantivo	70
Advérbios de intensidade	74
Capítulo 7	83
Tipos de verbos	83
Membros da família	89
Estado civil	93
Capítulo 8	95
Fonética e Fonologia das línguas de sinais	95
Morfologia das língua de sinais	97
Sintaxe da língua de sinais	101
Capítulo 9	105
As identidades surdas	105
O que é cultura surda?	107
Capítulo 10	113
Inclusão do surdo no contexto escolar	113
O tradutor intérprete de Língua de Sinais – TILS	117
Algumas considerações sobre o processo de escrita do surdo	119
Considerações Finais	125
Referências	127



LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA

Prefácio

Este livro está dividido em dez Capítulos com os aspectos práticos e teóricos da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Vamos iniciar com alguns fatos e detalhes importantes da história dos surdos, a fim de que você possa compreender os motivos que levam tantas pessoas a se engajarem nesta luta. Em seguida abordaremos várias categorias de sinais da LIBRAS, a sua constituição gramatical e alguns aspectos peculiares da comunicação surda atual. Sua compreensão será, assim, muito mais simples.

Ao longo de todo livro você encontrará referências, sites e indicações de filmes sobre surdos para que possa aprofundar ainda mais seus conhecimentos. Você verá que este material é um excelente apoio para adquirir noções básicas sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, embora sua efetiva aprendizagem sobre o mundo surdo ocorrerá, de fato, com a sua dedicação e interesse em buscar cada vez mais informações e, principalmente, entrar em contato e conviver com a comunidade surda.

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceitei a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o

direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo.”

(TERJE BASILIER, 1993)

“Os outros escutam, eu não. Mas tenho olhos, eles observam ainda melhor que os seus, forçosamente. Tenho minhas mãos que falam [...]”

(LABORIT, 1994, p.178)

A comunidade surda tem vivido momentos de grandes conquistas, onde grupos socialmente excluídos estão ganhando paulatinamente mais força e espaço. Essa comunidade vem empreendendo esforços gigantescos para garantir sua cidadania. Muitas leis estão constantemente sendo aprovadas pelo Congresso Nacional, para dar suporte legal, priorizando a inclusão e a promoção humana a partir do direito de ser diferente no contexto da sociedade brasileira.

Um marco significativo, que demonstra o avanço das conquistas dos movimentos surdos, está claramente mencionado no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, dispondo sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Essas novas conquistas precisam ser traduzidas em ações que permitam aos surdos o acesso aos saberes sistematizados por ouvintes e, ao mesmo tempo, os ouvintes precisam ter acesso aos conhecimentos

produzidos pelos surdos ao longo da história da humanidade. Um desses saberes, surdos, é a própria **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**.

O Decreto 5626/2005 em seu Artigo 3º cita a inserção da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema Federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005).

As faculdades e universidades têm buscado ofertar a disciplina de LIBRAS em todos os cursos de licenciatura e bacharelados.

A partir de então, essa língua passa a ser aprendida e conhecida por muitos acadêmicos. Este sempre foi o grande desejo e objetivo da comunidade surda: que a língua de sinais seja difundida e não restrita às pessoas surdas, familiares, professores ou intérpretes de língua de sinais.

É um grande passo para a inclusão das pessoas surdas e sua interação ao meio em que vivem.

Antes de abordarmos as questões da LIBRAS, quero abrir aqui um parêntese para contar um pouco sobre o meu trabalho na área da surdez:

Quando iniciei meu trabalho com surdos há dezoito anos, em 1993, ainda se utilizava a metodologia Oralista. Em um dos Capítulos deste livro você estudará detalhadamente os aspectos relacionados ao Oralismo.

Lembro que utilizava todos os recursos possíveis e impossíveis para fazer com que aquelas “pobres criaturas” com apenas cinco ou seis anos de idade, ouvissem os sons dos bumbos, chocalhos, tambores, tampas de panelas, entre outros instrumentos que produzissem barulhos a fim de desenvolverem seus resíduos auditivos.

Sentados ao chão, em frente a um espelho bem grande, tentava fazê-los repetir movimentos com a boca, língua, bochecha, nariz etc. Levava suas mãozinhas em minha garganta para sentirem a vibração do “R”. Depois fazia-os repetirem fonemas e palavras durante horas. Com um esforço sobrenatural eles conseguiam pronunciar “MAMAMA

PAPAPA LALALA". Somente os fonemas que eram possíveis de se ler nos lábios.

Houve instantes em que, escondida, eu chorei. Sim, chorei, pois me sentia uma completa idiota e incompetente diante dos "fracassos", pois em seis meses, o máximo de palavras que meus alunos conseguiam pronunciar nunca passava de meia dúzia. E quem consegue comunicar-se com esse número de palavras?

Quando nos encontrávamos na rua nossa comunicação era apenas: "MAMÃE CASA"? (Mãe era um sinal nos cabelos que havíamos criado). Se ela estivesse por perto, eles apontavam: "ALI", ou "CASA" (que também era sinalizada) e "TCHAU." Essa era a nossa comunicação, ou seja, não havia comunicação.

Digo sempre que já pedi perdão a eles e também a Deus pela grande injustiça e crueldade que cometi, juntamente com milhares de outros profissionais que, assim como eu, acreditavam que seria possível fazer com que os surdos falassem.

Permaneci durante dois anos trabalhando com essa técnica. Exausta de repetir a mesma coisa diariamente e, percebendo que o trabalho não surtia resultados satisfatórios, abandonei a área da surdez.

No ano em que estive afastada surgiu a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Imediatamente comecei a fazer cursos e a pesquisar e então retornei meu trabalho com surdos utilizando a metodologia Bilíngue: a LIBRAS e a Língua Portuguesa (escrita).

Desde então acompanho um grupo de seis alunos que iniciaram no Centro de Atendimento Especializado - CAES - entre três e quatro anos de idade. Mais adiante, neste livro, você estudará a importância das crianças surdas ingressarem à escola assim que diagnosticada a surdez.

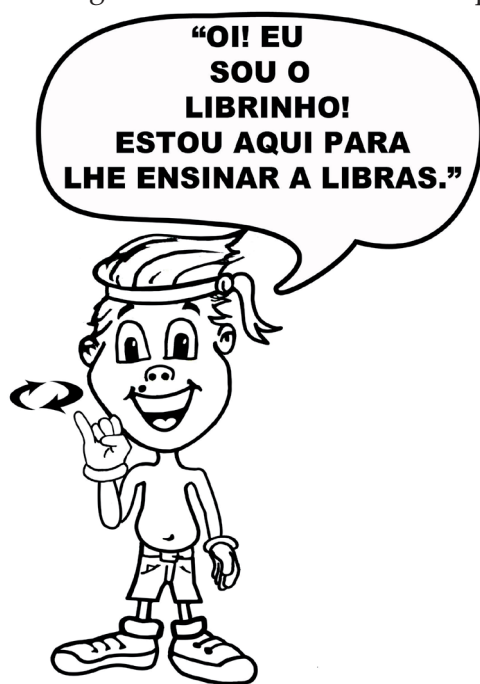
Hoje, esses alunos estão incluídos em uma sala do Ensino Regular no 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual "Arthur da Costa e Silva" - na cidade de Ivaí - PR, onde os acompanho como tradutora intérprete de língua de sinais - TILS. Esses alunos, felizmente, não passaram pela metodologia Oralista. São pessoas muito bem resolvidas, politizadas, decididas e seguras se si.

Inicialmente, eles acreditavam ser os únicos surdos que existiam no mundo. Certa vez, ao retornar de um curso onde havia alguns surdos, comentei sobre eles com meus alunos. Eles ficaram muito curiosos e fizeram-me muitas perguntas, tais como: Eles estudam? Sabem LIBRAS? São casados? Têm filhos? Namoram? Enfim eram muitos questionamentos.

Concluí, então, que eles deveriam conhecer e conviver com outros surdos. Iniciamos assim, os Encontros Regionais de Surdos. Os alunos ficam ansiosos e contam os dias para o grande acontecimento, pois esse é um meio dos surdos encontrarem com seus pares, descobrirem e construir sua verdadeira identidade, namorar, bater papo, fazer novos amigos, casar e, principalmente, enriquecer o vocabulário em LIBRAS!

Participam também dos encontros: secretários da educação, diretores, equipe pedagógica das escolas, professores, autoridades políticas, acadêmicos, familiares etc. É uma experiência maravilhosa que nos dá muito prazer e realiza a comunidade surda!

Conhecer e conviver com pessoas de diferentes culturas amplia nossa visão de mundo! É impossível viver num mundo com uma diversidade cultural tão grande e ficar isolado em sua própria cultura.





Capítulo 1

1. *Um breve histórico sobre o surdo*

Antigamente os surdos eram discriminados e proibidos de usar a língua de sinais. O acesso a todos os meios de interação social era limitado ou restrito. Isso resultou numa grande proporção de surdos analfabetos e sem nenhuma possibilidade de interação social.

Por muito tempo os surdos foram considerados seres incapazes e incompetentes. Acreditava-se que o pensamento não podia se desenvolver sem a linguagem e que a fala não se desenvolvia sem a audição: quem não ouvia, portanto, não falava e não pensava.

Os surdos não tinham possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais, por isso, eram impedidos de frequentar a escola e proibidos de conviver com outras pessoas.

Vários filósofos, como Aristóteles, acreditavam que o pensamento seria concebido somente através das palavras. Tinham como referência a citação bíblica: “No princípio era o verbo”.

Em alguns Países os surdos eram lançados ao mar, jogados do alto dos rochedos, abandonados em praças públicas, trancados em asilos ou oferecidos em sacrifício aos deuses. “Algumas culturas simplesmente

eliminavam as pessoas com deficiência, outras adotaram práticas de interná-las em grandes instituições de caridade, junto com doentes e idosos.” (SASSAKI, 2006, p. 30).

Com o predomínio do poder da Igreja, a visão sobre os surdos estabelecia que esses não poderiam se salvar, pois não podiam confessar os seus pecados. Eram proibidos de tomar comunhão e não podiam casar nem receber herança.

Os gregos, como os romanos, consideravam os surdos privados de todas as possibilidades de desenvolvimento intelectual e moral. Portanto, o surdo não poderia ser educado, sendo comparado aos idiotas e incapaz para a prática dos atos da vida jurídica e social.

De acordo com GOLDFELD (2002), MOURA (2000), SACKS (1989), entre outros estudiosos, os primeiros educadores de surdos surgiram na Europa, no século XVI, criando diferentes metodologias de ensino. Alguns utilizavam a língua oral auditiva, língua de sinais, datilologia (alfabeto manual) e outros códigos visuais, podendo ou não associar esses diferentes meios de comunicação.

Dentre os educadores, destaca-se o espanhol Pedro Ponce de Leon (1520- 1584), que inicia a educação dos surdos usando a língua de sinais. Os surdos, filhos de famílias importantes, eram entregues a ele para serem educados. Isso era, especialmente, importante porque os surdos somente poderiam tomar posse de suas heranças se falassem. Leon ensinava seus alunos surdos por meio do alfabeto manual conhecido também como datilológico.

No ano de 1620, Ivan Martim Pablo Bonet publica o primeiro livro sobre educação de surdos, que consiste no aprendizado do alfabeto manual e na importância da intervenção precoce.

No século XVIII, surgem alguns autores que desenvolvem diferentes metodologias para educação de surdos, entre eles Sammuell Heinicke que utiliza o oralismo puro, falando que “sem palavra não há humanidade”.

Charles Michel de L’Épée (1712-1789) desafiando as dificuldades defendeu a língua de sinais como sendo a língua natural e materna dos surdos. Afirma que a língua de sinais acontece por meio

da língua gestual-visual e é um verdadeiro meio de comunicação e desenvolvimento do pensamento.

Sobre esse período Sacks (1989, p. 37) salienta que:

[...] agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos, testemunhou a rápida criação de escolas para surdos em todo o mundo civilizado; a saída dos surdos da negligência e da obscuridade; sua emancipação e cidadania; a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade - escritores, engenheiros, filósofos e intelectuais surdos, antes inconciliáveis, tornaram-se subitamente possíveis.

Em 1864, o Congresso Americano autorizou o funcionamento da primeira faculdade para surdos, em Washington, fundada por Edward Gallaudet. No ano de 1867, após uma Assembleia, ficou estabelecido que a função da escola de surdos seria fornecer treinamento da fala. Portanto, os treinamentos orofacial para desenvolver a fala passou a ser considerado parte do currículo das escolas, causando, assim, um descaso com a língua de sinais.

2. *Congresso de Milão*

Em 1880 aconteceu o evento que marcou de forma negativa a vida de milhares de surdos: O Congresso Internacional de Educação de Surdos, realizado em Milão/Itália. Este Congresso reuniu professores de surdos de vinte e sete Países. O principal objetivo do Congresso era extinguir a língua de sinais e propor uma Metodologia Oralista.

De acordo com Goldfeld (2002), essa concepção de educação enquadra-se no modelo clínico, destacando a importância da integração dos surdos na comunidade de ouvintes. Para isto ocorrer o sujeito surdo deve aprender a falar por meio de reabilitação da fala em direção à “normalidade” exigida pela sociedade. A autora destaca que:

[...] o Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na

comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade. (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Durante o Congresso foram votadas oito resoluções, sendo que, de forma geral, todas giravam em torno da defesa do Oralismo frente à língua de sinais. O mais importante defensor dessa metodologia foi Alexander Graham Bell, inventor do telefone, que exerceu grande influência no resultado da votação do Congresso.

Diante disso, Moura (2000, p. 48) destaca que:

[...] o desejo de o educador ter controle total das salas das aulas e não se sujeitar a dividir seu papel com um professor Surdo. É a não valorização do Surdo enquanto elemento capaz de educar e decidir, sobre sua própria vida, como com relação à vida daqueles sobre sua tutela [...] demissão dos professores Surdos e a sua eliminação como educadores.

A metodologia Oralista, após o Congresso, passou a ser utilizada pela maioria das escolas na educação de surdos de muitos Países. A língua de sinais foi oficialmente proibida começando, assim, uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o direito linguístico por meio da sua língua natural, a língua de sinais.

Diante da concepção clínica da surdez e do surdo, as escolas são transformadas em salas de tratamento. As estratégias pedagógicas passam a ser estratégias terapêuticas. Nesta época, muitos professores surdos que trabalhavam com a língua de sinais foram demitidos de suas funções e substituídos por profissionais ouvintes. Schelp (2008), explica que no oralismo a primeira medida educacional implantada foi proibir o uso da língua de sinais e obrigar os alunos surdos a sentarem sobre as mãos para que, assim, pudessem ser oralizados. Segundo o autor, os professores surdos que, até então, atuavam nas escolas e nas salas de aula, foram dispensados de todas as escolas e institutos.

De acordo com Skliar, (1998, p. 1):

Foram mais de cem anos de práticas engececidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos.

Como consequências dessas práticas, os surdos não aprenderam a falar, exceto algumas palavras que eram repetidas de forma mecânica sem saber o que elas realmente significavam; não receberam uma educação efetiva resultando em milhões de surdos analfabetos. Os surdos que passaram por essa metodologia trazem marcas negativas, em sua vidas, até os dias atuais.

Quando se constatou que os surdos, educados por meio da metodologia Oralista, nunca conseguiriam se comunicar ou falar como os ouvintes de maneira satisfatória e que, mesmo com a imposição das práticas oralistas, as pessoas surdas insistiam em se comunicar por meio da língua de sinais, decidiu-se então permitir, liberar os surdos a utilizarem toda e qualquer forma de comunicação. Esse método ficou conhecido como Comunicação Total. A principal meta era o uso de quaisquer estratégias que permitisse o resgate da comunicação das pessoas surdas. Este modelo combinava a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, entre outros recursos que colaborasse com o desenvolvimento da língua oral. Schelp (2008).

A Comunicação Total também não surtiu resultados satisfatórios, visto que a sua abordagem defendia o uso simultâneo das duas línguas: a fala e os sinais (bimodalismo) e, por serem duas línguas distintas, com estruturas diferentes, dificultava a aprendizagem dos alunos.

Proibidos de usarem a sua própria língua, como meio de comunicação, os surdos começam a se mobilizar em busca de seus direitos linguísticos e culturais. Muitos foram os problemas enfrentados por este

povo, mas nenhum deles apagou a esperança de um dia ter sua língua reconhecida e seus direitos respeitados.

[...] Os povos surdos aspiram pela valorização de língua de sinais como a primeira língua e tendo suas opiniões respeitadas, pois os sujeitos ouvintes continuam sempre decidindo por sujeitos surdos, disputando em relação de poder acima dos líderes surdos em diversas áreas, onde eles são importantes participar e acima de tudo querem a '*dignidade*' de Ser Surdo. (MOURA, 2000, p. 52).

Hoje a metodologia defendida e utilizada, com surdos, em algumas instituições educacionais, é a Bilíngüe. Este modelo metodológico consiste em trabalhar com duas línguas no contexto escolar e, neste caso, as línguas em questão são a Língua Portuguesa (escrita) e a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Skliar (1997, p.144), afirma que:

[...] o modelo bilíngüe propõe, então, dar às crianças surdas as mesmas possibilidades psicolinguísticas que tem a ouvinte. Será só desta forma que a criança surda poderá atualizar suas capacidades linguístico-comunicativas, desenvolver sua identidade cultural e aprender.

Quando nascemos, estamos com nossos sentidos naturalmente prontos para serem usados e desenvolvidos. Isso não depende que outra pessoa nos ensine. Ver, ouvir, sentir, cheirar e tocar são coisas que aprendemos sozinhos. O que não conseguimos é desenvolver uma língua sem aprendê-la com alguém. A linguagem só se desenvolve por meio da interação com outra pessoa que tenha domínio da fala. É uma habilidade passada de geração a geração, ensinando e aprendendo. (SACKS, 1989).

Neste sentido, o surdo precisa ser inserido em um ambiente favorável para a aquisição das duas línguas, o que se faz necessário cercar-se de pessoas que tenham domínio de ambas as línguas, no caso do Brasil, a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS,¹.

¹ Assista aos filmes: "Black", "E seu nome é Jonas" e "Os filhos do silêncio".

3. *História da Educação dos surdos no Brasil*

Em 1855, chega ao Brasil o professor surdo francês chamado H Ernest Huet, trazido por D. Pedro II. Em 26 de setembro de 1857, é fundada, no Rio de Janeiro, a primeira escola para surdos, o Imperial Instituto de Surdos Mudos. Hoje conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Os ensinamentos de Huet fizeram com que a língua de sinais se difundisse no Brasil. (GOLDFELD, 2002).

Durante anos o INES foi à única escola para surdos. Tanto assim, que até hoje é considerada importante referência educacional do Brasil.

Mesmo com todos esses avanços há no Brasil, ainda hoje, escolas que trabalham com a metodologia Oralista.

Em 1987 foi criada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS - no Rio de Janeiro. A FENEIS é um órgão sem fins lucrativos que atua na defesa dos direitos das pessoas surdas. Esse órgão foi crescendo e expandindo seu trabalho em todo o território nacional, concentrando todos seus esforços na luta pelo resgate da cidadania do surdo e seu reconhecimento como força produtiva. A atual Presidente da FENEIS é uma pessoa muito conhecida e exemplo para comunidade surda, Professora Doutora Karin Strobel².

Curiosidade: *Dia 26 de setembro é comemorado o “Dia Nacional do Surdo”, pois neste dia, em 1857, um Professor surdo chamado H Ernest Huet, foi trazido da França por de D. Pedro II, para fundar o Imperial Instituto de Surdos Mudos, na cidade do Rio de Janeiro, conhecido, atualmente, como Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, maior referência em Educação de Surdos no Brasil.*

² Karin Strobel, surda, Professora Doutora na área de Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Autora do livro “A imagem do outro sobre a Cultura Surda”. Professora do Curso na modalidade a distância de Letras/LIBRAS em Licenciatura/Bacharelado da UFSC. Acesse o site e veja uma entrevista completa sobre a vida de STROBEL: www.editora-arara-azul.com.br/revista/03/perfil.php.



Capítulo 2

1. *O que é LIBRAS?*

A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS ou Língua de Sinais Brasileira – LSB: é um sistema linguístico legítimo e natural utilizada pela comunidade surda brasileira.

De acordo com STOKOE (1960); BRITO (1995) QUADROS e KARNOPP (2004), entre outros pesquisadores, as línguas de sinais se distinguem das línguas orais porque se utilizam do canal visual-espacial e não oral-auditiva. Por este motivo são denominadas línguas de modalidade viso-espacial, uma vez que as informações linguísticas são recebidas pelos olhos e produzidas no espaço pelas mãos, movimento do corpo e por meio das expressões faciais.

A LIBRAS é constituída por uma estrutura gramatical própria e independente da língua portuguesa falada no Brasil. As autoras Quadros e Karnopp (2004, p. 30), explicam que as línguas de sinais:

[...] são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, por exemplo, produtividade ilimitada (no sentido de

que permitem a produção de um número ilimitado de novas mensagens sobre um número ilimitado de novos temas); criatividade (no sentido de serem independentes de estímulo); multiplicidade de funções (função comunicativa, social e cognitiva – no sentido de expressarem o pensamento); arbitrariedade da ligação entre significante e significado, e entre signo e referente); caráter necessário dessa ligação; e articulação desses elementos em dois planos – o do conteúdo e o da expressão. As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem.

O primeiro critério importante para aprender comunicar-se por meio da língua de sinais é entender que a construção de uma frase em LIBRAS obedece a regras próprias que reflete diretamente na forma que a pessoa surda processa suas ideias, e com base em sua percepção viso-espacial. Para sinalizar uma frase em LIBRAS, portanto, é preciso seguir as regras dessa língua. No Capítulo 8 você estudará a sintaxe que explica a estrutura das sentenças em LIBRAS.

A LIBRAS é uma língua, portanto, ela pode expressar conceitos concretos ou abstratos, complexos ou simples, assim, como qualquer outro idioma. Ela não depende e nem é derivada da Língua Portuguesa, embora, por estar em contato, sofra influências dessa língua. O que é denominado de *palavra* ou item lexical na Língua Portuguesa, e nas demais línguas orais, é denominado *signal* nas línguas de sinais.

As línguas de sinais são realizadas no espaço e percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários por meio das mesmas dimensões espaciais.

A língua de sinais não é composta por mímica, pantomima, nem apenas “gestos”, como muitas pessoas imaginam.

Considerando que a pantomima e a mímica são formas artísticas de expressão, elas não podem ser comparadas com a Libras, que é uma língua gramaticalmente

organizada. Não devemos, também, colocar a Libras e os gestos na mesma categoria de análise, pois, apesar de ambos serem produções visuais, possuem natureza muito diferente. Os gestos são as expressões espontâneas das pessoas, são nossas expressividades naturais. Por exemplo, quando colocamos a mão no rosto ou na cintura, cruzamos os braços, apertamos os dedos uns contra os outros ou passamos as mãos repetidas vezes no cabelo, estamos produzindo gestos. Diferentemente, para produzirmos a Libras, precisamos passar por um processo formal de aprendizagem, pois este sistema linguístico é abstrato e não faz parte da nossa expressividade natural – se assim fosse, todos seríamos falantes natos da Libras. (SILVA, L. 2010, p. 20).

Portanto, a língua de sinais é uma língua autônoma reconhecida pela linguística e está composta de todos os componentes pertinentes a línguas orais como: gramática, semântica e outros elementos preenchendo assim os requisitos científicos para ser considerado instrumento linguístico de poder e força. Ela vem ganhando espaço na sociedade com lutas e movimentos das pessoas surdas em favor de seus direitos e garantia de sua cidadania. Foi oficializada no Brasil pela Lei 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626/2005. (BRASIL, 2005).



Fonte: www.google.com.br/search?tbm=isch&hl=pt-

Willian Stokoe (1920-2000) é considerado o pai da Linguística da Língua de Sinais Americana – ASL. Ele foi o primeiro pesquisador a perceber que a Língua de Sinais atendia a todos os critérios linguísticos de

uma língua autêntica, no léxico, na sintaxe, na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Ele observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos e com uma complexa estrutura interior.

Estudos posteriores, como os de Baker (1984), Brito (1995), entre outros, incluíram traços não-manuais, como expressão facial, movimentos da boca, direção do olhar. Neste Capítulo você estudará detalhadamente cada um destes parâmetros.



Fonte: www.google.com.br/imgres?q=Ana+Regina+Campello&hl=pt-

No Brasil, Ana Regina Campello³ é uma das primeiras surdas a estudar a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS em 2005.

2. *Mitos sobre as línguas de sinais*

Muitos mitos têm surgido a respeito das línguas de sinais, por isso, QUADROS e KARNOPP (2004, p.31-37) organizaram um quadro desmistificando alguns deles:

MITOS	DESMISTIFICAÇÃO
<i>1 – A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.</i>	Tal concepção está atrelada à idéia filosófica de que o mundo das idéias é abstrato e que o mundo dos gestos é concreto. O equívoco desta concepção é entender sinais como gestos.

³ Ana Regina Campello é Doutora em Educação pela UFSC. Faz parte da equipe de Professores da Disciplina de LIBRAS; trabalha como professora no Curso de Letras/Libras pela UFSC. Ensina a Língua Brasileira de Sinais na UFSC.

	<p>Na verdade, os sinais são palavras, apesar de não serem orais-auditivas. Os sinais são tão arbitrários quanto às palavras. A produção gestual na língua de sinais também acontece como observado nas línguas faladas. A diferença é que no caso dos sinais, os gestos também são visuais-espaciais tornando as fronteiras mais difíceis de serem estabelecidas. Os sinais das línguas de sinais podem e expressar quaisquer idéias abstratas. Podemos falar sobre as emoções, os sentimentos, os conceitos em língua de sinais, assim como nas línguas faladas.</p>
<p>2 – <i>Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.</i></p>	<p>Esta idéia está relacionada com o mito anterior. Se as línguas de sinais são consideradas gestuais, então elas são universais. Isto é uma falácia, pois as várias línguas de sinais que já foram estudadas são diferentes umas das outras. Assim como as línguas faladas, temos línguas de sinais que pertencem a troncos diferentes. Temos pelo menos dois troncos identificados, as línguas de origem francesa e as línguas de origem inglesa. Provavelmente, nossa língua de sinais pertence ao tronco das línguas de sinais que se originaram na língua de sinais francesa.</p>
<p>3 – <i>Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.</i></p>	<p>Como as línguas de sinais são consideradas gestuais, elas não poderiam apresentar a mesma complexidade das línguas faladas. Isso também não é verdadeiro, pois em primeiro lugar as línguas de sinais são línguas de fato. Em segundo lugar, as línguas de sinais independem das línguas faladas. Um exemplo que evidencia isso claramente é que a língua de sinais portuguesa é de origem inglesa e a língua de sinais brasileira é de origem francesa, mesmo sendo o português a língua falada nos respectivos países, ou seja, Portugal e Brasil. Como estas línguas de sinais pertencem a troncos diferentes, elas são muito diferentes uma da outra. É claro que não podemos negar o fato de ambas as línguas estarem em contato, principalmente entre os surdos letrados. O que se observa diante deste contato é que, assim como observado entre línguas faladas em contato, existem alguns empréstimos linguísticos. Além</p>

	<p>disso, as línguas de sinais não têm relação com as línguas faladas do seu país. Elas são autônomas e apresentam o mesmo estatuto lingüístico identificado nas línguas faladas, ou seja, dispõem dos mesmos níveis lingüísticos de análise e são tão complexas quanto às línguas faladas.</p>
<p><i>4 – A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e lingüisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.</i></p>	<p>Como as línguas de sinais são tão complexas quanto às línguas faladas, esta afirmação não procede. Nós já vimos que as línguas de sinais podem ser utilizadas para as inúmeras funções identificadas na produção das línguas humanas. Você pode usar a língua de sinais para produzir um poema, uma estória, um conto, uma informação, um argumento. Você pode persuadir, criticar, aconselhar, entre tantas outras possibilidades que se apresentam ao se dispor de uma língua. Assim, a língua de sinais não é inferior a nenhuma outra língua, mas sim, tão lingüisticamente reconhecida quanto qualquer outra língua.</p>
<p><i>5 – As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.</i></p>	<p>A idéia de que a língua de sinais seja gestual também reaparece neste mito. As pessoas pensam que as línguas de sinais são de fácil aquisição por estarem diretamente relacionadas com o sistema gestual utilizado por todas as pessoas que falam uma língua. Como isso não é verdade, as línguas de sinais são tão difíceis de serem adquiridas quanto quaisquer outras línguas. Precisamos de anos de dedicação para aprendermos uma língua de sinais, mas com base neste mito, as pessoas pensam que sabem a língua de sinais por usarem alguns gestos e alguns sinais que aprendem nas aulas de língua de sinais. A comunicação gestual usada exclusivamente é extremamente limitada, pois torna inviável a comunicação relacionada com questões mais abstratas. Assim, você vai precisar da língua de sinais para poder comunicar estas idéias. É verdade que você pode comunicar algumas coisas utilizando apenas gestos, assim como você faz quando chega a um país em que é falada uma língua desconhecida por você. Mas, também é verdade que você estará limitado à identificação direta entre o gesto e sua intenção, sem poder entrar em níveis de detalhamento necessário para transcorrer sobre um determinado assunto. Para transcorrer sobre um determinado assunto qualquer, você vai precisar de uma língua.</p>

<p>6 – <i>As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.</i></p>	<p>No caso da comunicação com surdos, você vai precisar da língua de sinais. As pesquisas com surdos apresentando lesões em um dos hemisférios apresentam evidências de que as línguas de sinais são processadas linguisticamente no hemisfério esquerdo da mesma forma que as línguas faladas. Existe sim uma diferença que está relacionada com informações espaciais, pois estas, além de serem processadas no hemisfério esquerdo com suas informações linguísticas, são também processadas no hemisfério direito quanto às suas informações de ordem puramente espacial. Assim, parece haver um processamento até mais complexo do que o observado em pessoas que usam línguas faladas. As investigações concluem que a língua de sinais é um sistema, que faz parte da linguagem humana, processado no hemisfério esquerdo e no hemisfério direito.</p>
---	---

Fonte: Texto Base da Disciplina de **Língua Brasileira de Sinais I**. Curso de Letras/ LIBRAS na modalidade a Distância. UFSC, 2009.

3. *A língua de sinais é universal?*

Vamos falar um pouco mais sobre esse mito, pois muitas pessoas pensam que todos os surdos do mundo falam a mesma língua. Entretanto, as línguas de sinais, assim como as demais línguas, variam de lugar para lugar e de comunidade para comunidade. Portanto, cada país tem a sua própria língua de sinais. Nos Estados Unidos, por exemplo, os surdos usam como meio de comunicação a Língua de Sinais Americana (ASL) que é diferente da Língua de Sinais Britânica (BSL) que, por sua vez, difere da Língua de Sinais Francesa (LSF).

Apesar das diferenças, as línguas de sinais possuem algumas semelhanças que as identificam como língua e não apenas como linguagem.

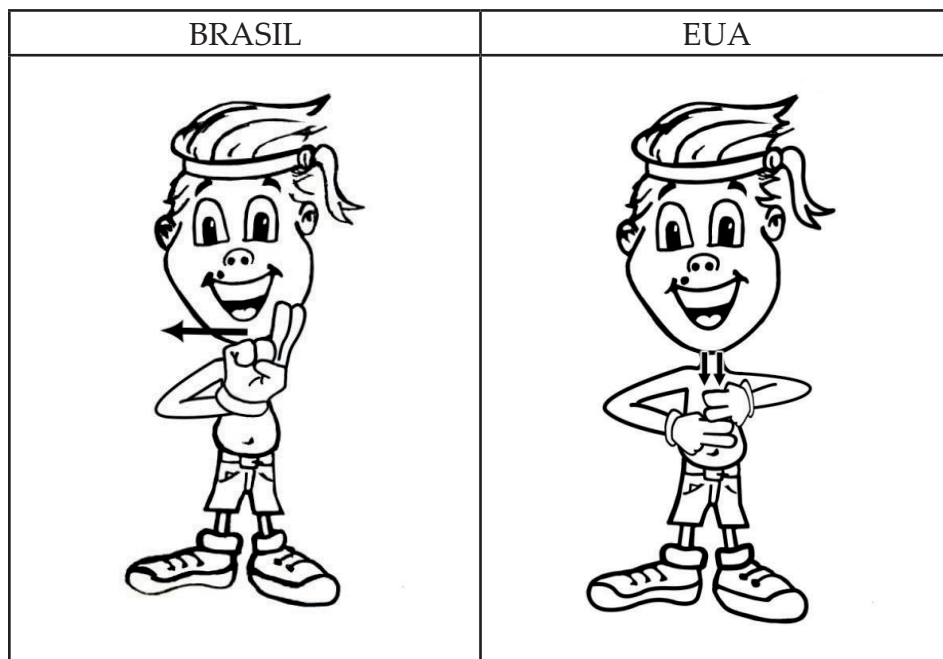
De acordo com o banco de dados do Ethnologue⁴ existem 121 línguas de sinais catalogadas, mas é provável que existam muitas outras que ainda não foram descobertas.

⁴ Disponível em: www.ethnologue.com/show_family.asp?subid=90008: acesso em 14/07/2011

As pesquisadoras QUADROS, PIZZIO e REZENDE⁵ (2009), explicam que as pessoas ouvintes nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Austrália falam inglês, mas as comunidades surdas que vivem nesses países falam línguas de sinais diferentes (ASL, BSL e AUSLAN, respectivamente). No Brasil e em Portugal as pessoas falam português, mas suas línguas de sinais são diferentes: Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Língua Gestual Portuguesa (LGP).

As autoras explicam que em um único país é possível que possa haver mais de uma língua de sinais. Este é o caso do Brasil, por exemplo, em que há duas línguas de sinais: a Língua de Sinais Brasileira-LIBRAS, utilizada pela comunidade surda das zonas urbanas e a Língua de Sinais Kaapor Brasileira – LSKB, utilizada pela tribo indígena Urubu-Kaapor, da Amazônia.

Agora observe como o sinal “NOME” é realizado no Brasil e nos Estados Unidos da América:

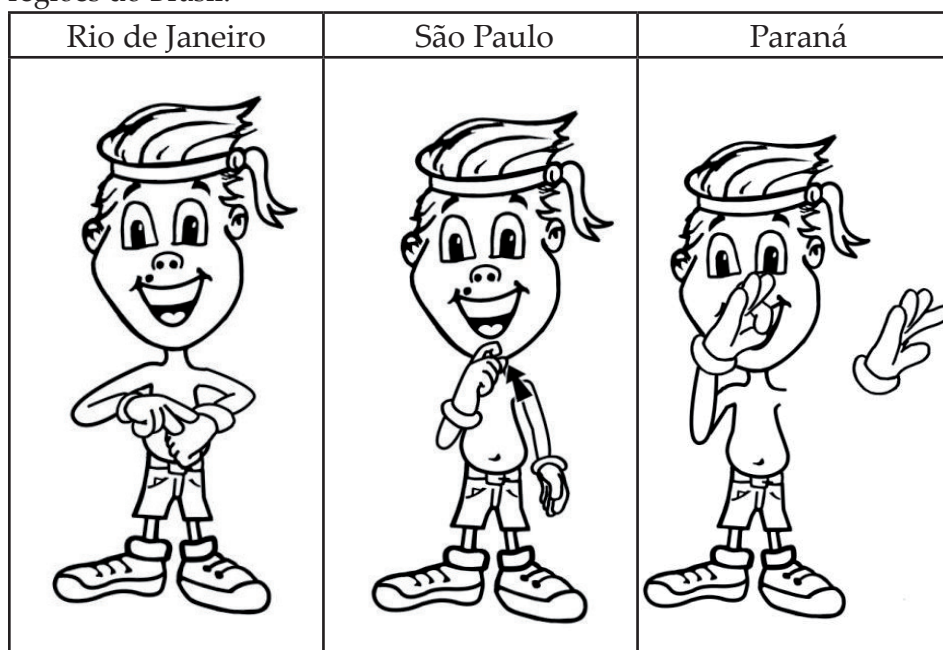


⁵Fonte: Texto base da Disciplina de LIBRAS I do Curso de Letras/LIBRAS da UFSC, 2009.

4. *Variações linguísticas da LIBRAS*

A língua portuguesa possui muitos vocabulários regionalistas. A palavra “mandioca”, por exemplo, conhecida na região Sul do Brasil, é denominada de “macaxera” e “aipim” em outras regiões. Da mesma forma, acontece com as LIBRAS, pois ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque, embora sendo de modalidade diferente, elas também possuem características em relação às diferenças regionais, sócio-culturais, entre outras. Portanto, assim como qualquer outra língua, a LIBRAS possui expressões que variam de região para região.

Observe como o sinal “VERDE” é realizado em diferentes regiões do Brasil:



5. *Sistema de transcrição da LIBRAS*

A seguir serão apresentados aspectos do sistema de transcrição para a LIBRAS. Esse sistema foi utilizado pelo grupo de Pesquisas da Federação Nacional da Educação e Integração dos Surdos - FENEIS -, livro do estudante/cursista LIBRAS em Contexto, Felipe (2001). Para maiores informações consulte a bibliografia.

Este Sistema é um meio de estabelecer a forma como os sinais são representados na escrita, visto que a escrita em sinais (Sign Writing) ainda está em estudo. Portanto, neste livro a grafia da LIBRAS será realizada por meio das seguintes convenções:

5.1. Os sinais da LIBRAS serão representados por palavras da Língua Portuguesa por meio de letras maiúsculas. Esta forma de escrever a representação dos sinais é conhecida como glosas (sistema de anotação). Exemplo: TELEFONE, ESTUDAR, MULHER.

5.2. Um sinal que é traduzido por duas ou mais palavra da língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplo. QUERER-NÃO, NÃO-PODER, COMER-MAÇÃ

5.3. A datilologia (alfabeto manual) usada para expressar nomes próprios ou outras palavras que não possuem um sinal está representada pela palavra separada por hífen letra por letra.

Exemplo: E-L-I-Z-I-A-N-E, U-N-I-C-E-N-T-R-O.

5.4. Gênero (masculino/feminino) e número (plural): na LIBRAS não há desinência para gênero e número, portanto os sinal representado por palavras da Língua Portuguesa que possui essas marcas está terminado com o símbolo @. Exemplo: AMIG@ “amigo(s) ou amiga”, FRI@ “frio ou fria”, MUIT@ “muito ou muita”, ME@ “meu ou minha”, EL@ “ele ou ela”.

5.5. Tradução da LIBRAS: serão utilizadas aspas (“ ”) para a tradução da LIBRAS para o português. Exemplo: IDADE VOCÊ “Quantos anos você tem?” ONTEM ENCONTRAR AMIG@ “Ontem eu encontrei meu amigo”.



Capítulo 3

1. *Parâmetros Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*

A LIBRAS é uma língua, portanto, possui gramática e estrutura independente da língua portuguesa e o seu reconhecimento linguístico se efetivou a partir dos estudos do Linguista Willian Stokoe (1960), conforme citado acima. Segundo esse pesquisador, a língua de sinais apresenta três parâmetros: Configuração de mão (CM), Locação (L), conhecido também como Ponto de articulação (PA), e Movimento (M). A partir de 1970, estudos mais aprofundados como os de Edward S. Klima & Ursula Bellugi (1979) identificou-se um quarto parâmetro: Orientação da palma da mão (O).

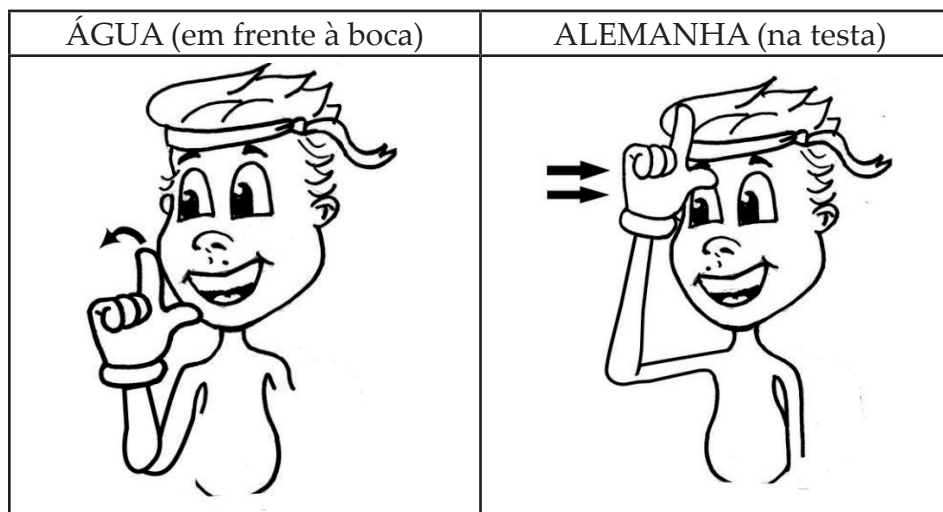
Desta forma, os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo (FELIPE, 2001, p. 20). Por isso, para entender a formação dos sinais é necessário um estudo sobre estes parâmetros que norteiam a língua de sinais:

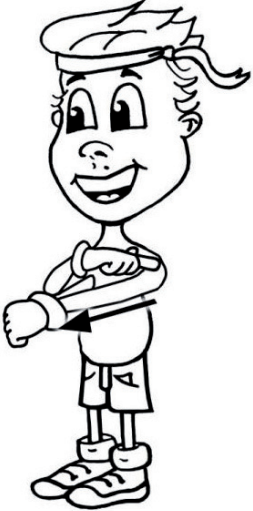
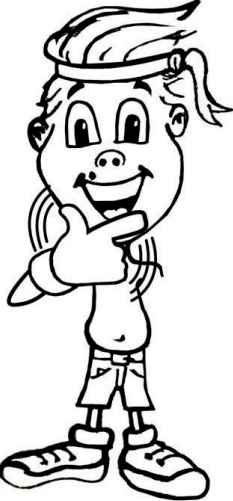
1.1. *Configuração de Mão (CM):*

São formas que as mãos podem tomar ao realizar um sinal. Algumas dessas CMs correspondem ao alfabeto manual (datilológico). Até o momento foram encontradas setenta e cinco (75) configurações de mãos.

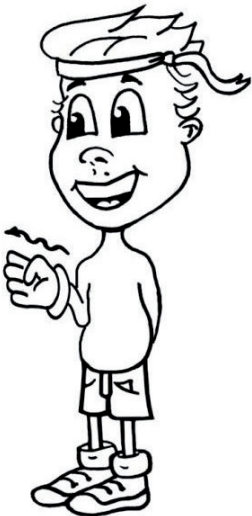
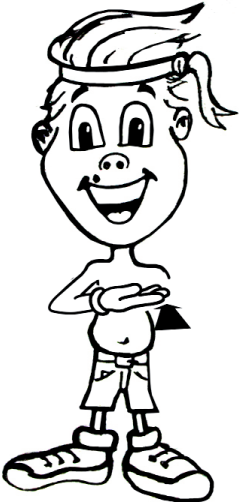


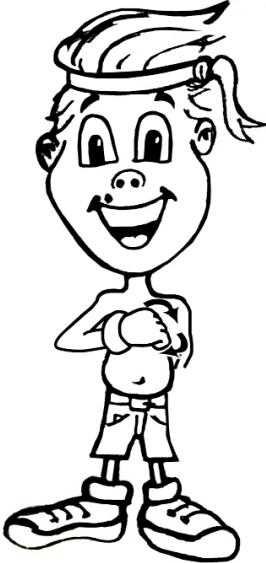
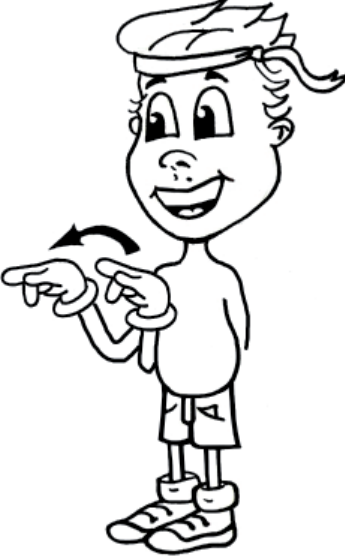
Os sinais *ÁGUA*, *ALEMANHA*, *EDUCAÇÃO* e *RIR*, por exemplo, possuem a mesma configuração de mão (CM: em L). A diferença é que cada sinal é realizado em diferentes pontos do corpo. Veja:

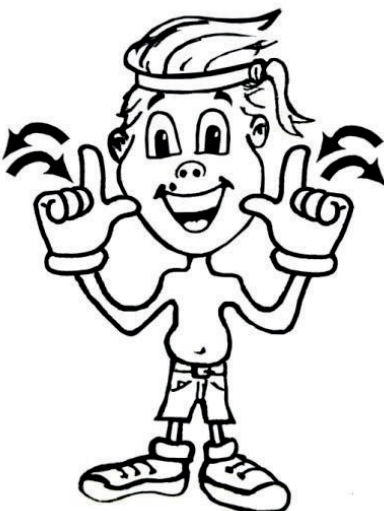



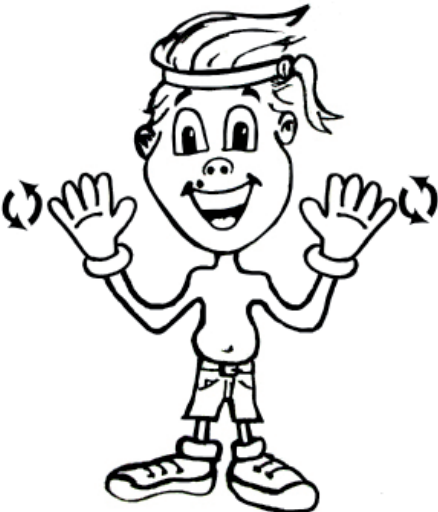

EDUCAÇÃO	RIR (em frente à boca)
	

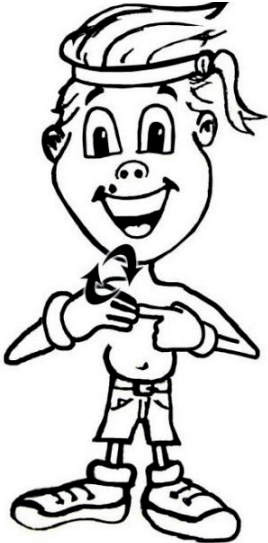

Alguns sinais são realizados com uma mão, sendo que, os destros podem usar a mão direita e os canhotos, mão esquerda. Há sinais também que são realizados pelas duas mãos produzindo configurações iguais ou diferentes. Veja:

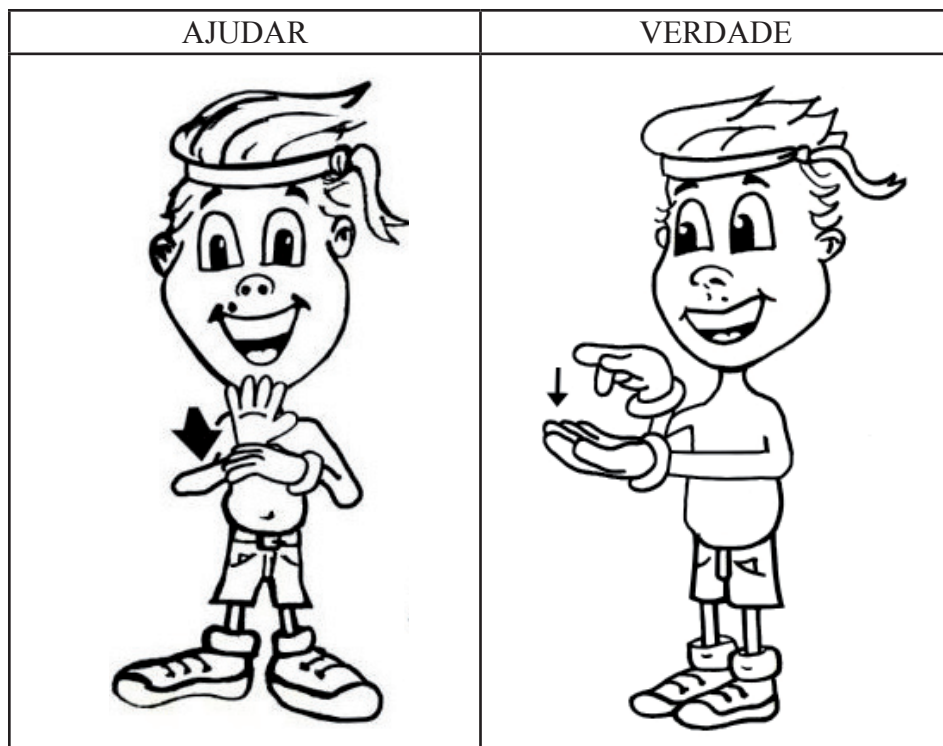
COM UMA CONFIGURAÇÃO DE MÃO	
PEIXE	AMIG@
	

AMOR	PROFESSOR
 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband, shorts, and sneakers. He has his hands clasped together in front of his chest.	 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband, shorts, and sneakers. He is pointing with both hands towards the left.

COM CONFIGURAÇÕES DE MÃOS IGUAIS	
TELEVISÃO	BORBOLETA
 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband, shorts, and sneakers. He is making peace signs with both hands.	 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband, shorts, and sneakers. He has his hands clasped together in front of his chest.

APLAUDIR SURDO	ANO
	

COM CONFIGURAÇÕES DE MÃOS DIFERENTES	
FEIJÃO	REMÉDIO
	

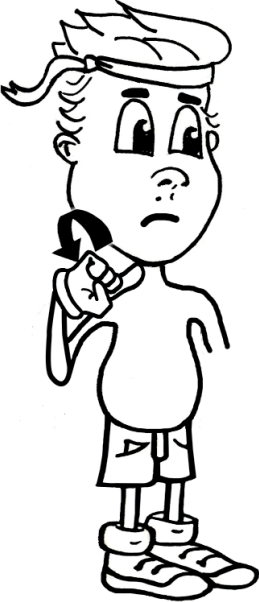

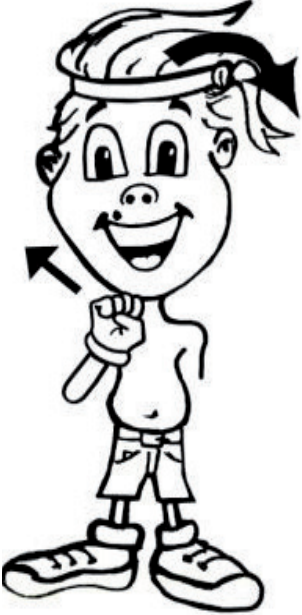
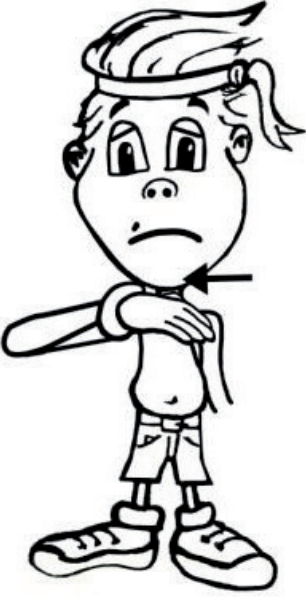


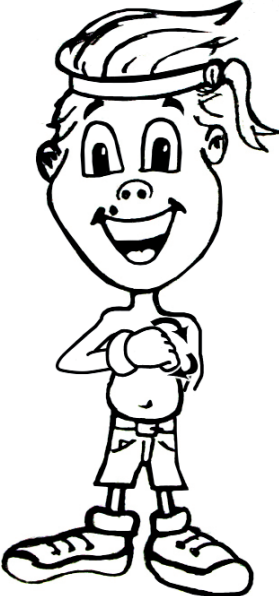
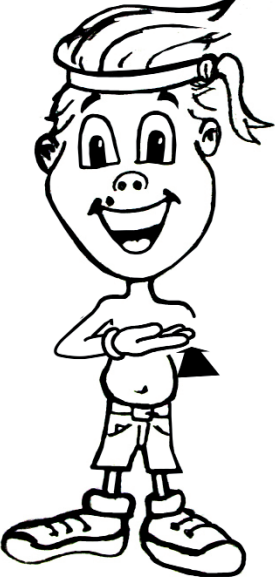

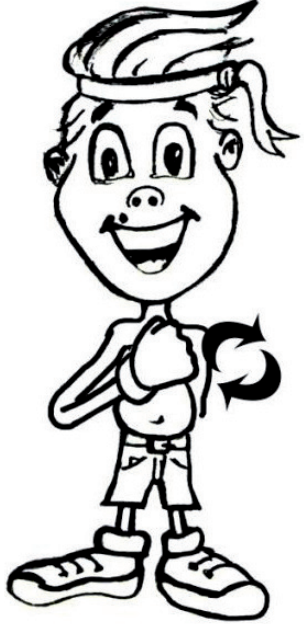
1.2. *Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA):*

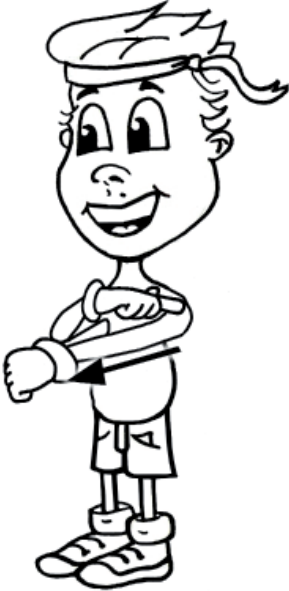
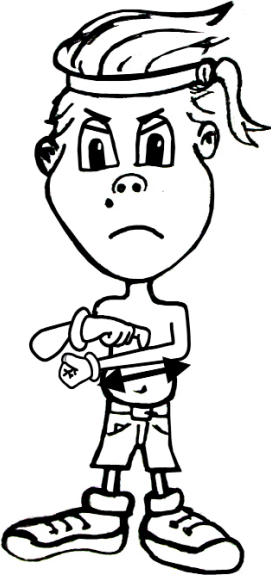

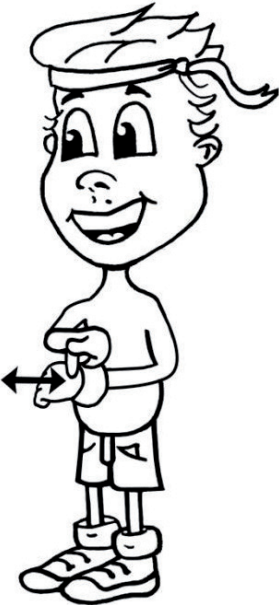
Refere-se ao lugar onde incide a mão configurada, ou seja, local onde é realizado o sinal. O ponto de articulação pode ser alguma parte do corpo ou o sinal também pode ser realizado em um espaço neutro: em frente ao corpo do sinalizador, ao lado direito ou esquerdo etc.



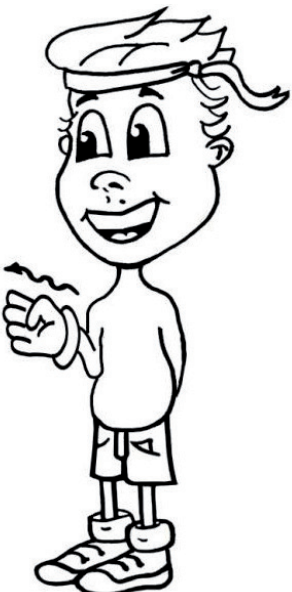

A seguir, veja alguns exemplos:

SINAIS REALIZADOS NA TESTA	
BOBO	DIFÍCIL
ALEMANHA	CONSCIÊNCIA

SINAIS REALIZADOS NO PESCOÇO	
SUJAR	DESEJAR
	
ABRIL	MORRER
	

SINAIS REALIZADOS NO PEITO	
AMAR	AMIG@
	
CORAGEM	SAUDADE
	


SINAIS REALIZADOS NO ANTEBRAÇO	
EDUCAÇÃO	NERVOS@
	
BRANCO	PEDAGOG@
	


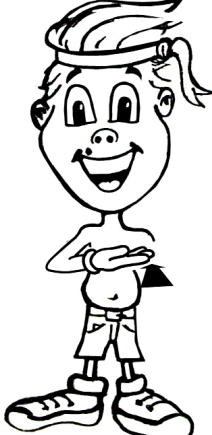
SINAIS REALIZADOS NO ESPAÇO NEUTRO	
<p>TRABALHAR</p> 	<p>BRASIL</p> 
<p>PEIXE</p> 	<p>VIAJAR</p> 

1.3. *Movimento (M):*

É um parâmetro que envolve uma grande quantidade de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, movimentos direcionais no espaço e até conjuntos de movimentos no mesmo sinal. (KLIMA & BELLUGI, 1979). O movimento que a(s) mão(s) descreve(m) no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em várias direções e posições. (BRITO, 1995). Alguns sinais têm movimentos, outros não, são estáticos.

Observe alguns exemplos de sinais com e sem movimento:


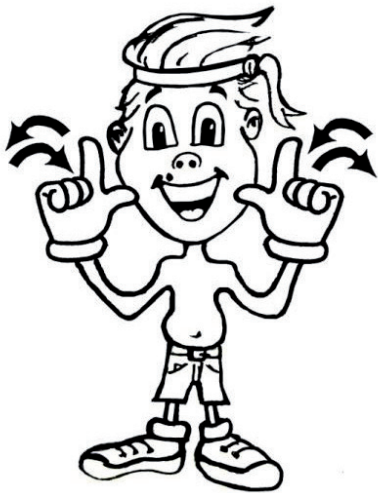
SINAIS COM MOVIMENTO	SINAIS SEM MOVIMENTO
BORBOLETA	DESCULPAR
 A cartoon illustration of a boy with a wide smile, wearing a headband and shorts. He has his hands clasped in front of his chest, and two curved arrows point outwards from his hands, indicating movement.	 A cartoon illustration of a boy with a wide smile, wearing a headband. He has his right hand raised to his chin, with the index finger pointing upwards, indicating a static sign.

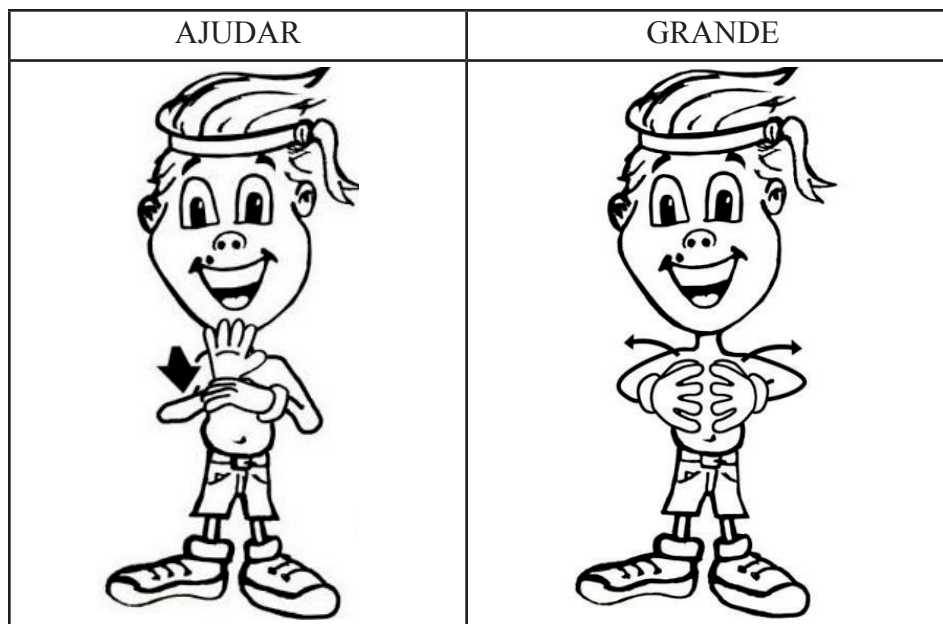
ÁGUA	AMIGO
	

1.4. Orientação (O):

É a direção que a palma da mão toma na realização do sinal podendo ser para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita. Alguns sinais se opõem em relação à direção e outros têm a mesma direção.

A seguir, veja alguns exemplos de sinais com uma ou duas direções:

SINAIS COM UMA DIREÇÃO	SINAIS COM DUAS DIREÇÕES
MANDAR	TELEVISÃO
	



1.5. *Expressões faciais:*

A gramática da língua de sinais apresenta também o uso das **expressões faciais e corporais** conhecidas como **marcadores não-manuais** (MNM). As expressões faciais são muito importantes para desenvolver uma conversação, pois, a entonação em Língua de Sinais é feita por meio deste parâmetro. Um sinal pode mudar completamente seu significado em função da expressão facial utilizada.

As expressões faciais e corporais ou marcadores não manuais – MNM – são os movimentos da face, dos olhos, da sobrancelha, da cabeça, do tronco etc. QUADROS e PIMENTA (2006) explicam que existem dois tipos diferentes de expressões faciais: as **afetivas** e as **gramaticais**:

1.5.1. Expressões faciais afetivas: são as expressões ligadas a sentimentos/ emoções, como tristeza, alegria, medo, raiva, assustado, nervoso, sono etc.

1.5.2. Expressões faciais gramaticais: são as expressões relacionadas às sentenças afirmativas, interrogativas, negativas, exclamativas etc. Estas expressões são realizadas de forma simultânea aos sinais.

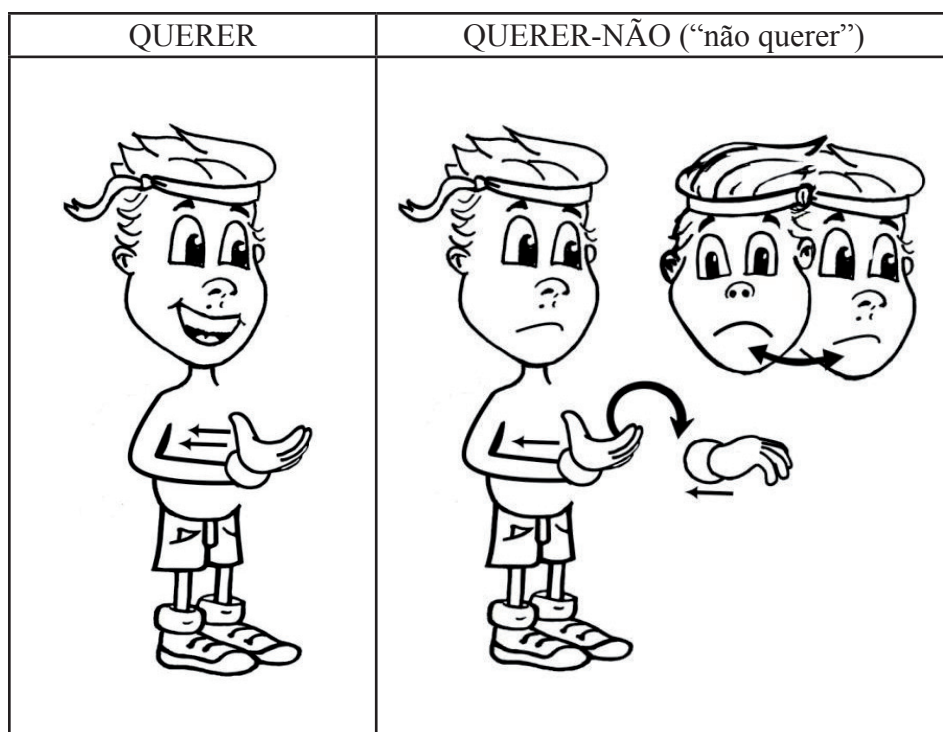
a) **Afirmativa:** a expressão facial é neutra. Exemplo: ONTEM EU VIAJAR. “Ontem eu viajei”




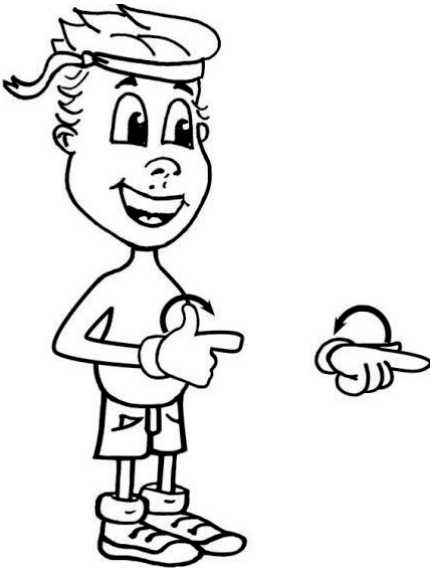
b) **Interrogativa:** sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-a para cima. Exemplo: IDADE VOCÊ? “Quantos anos você tem?”

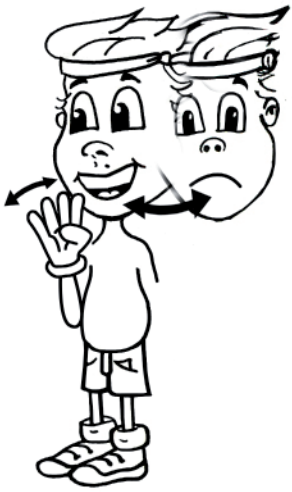
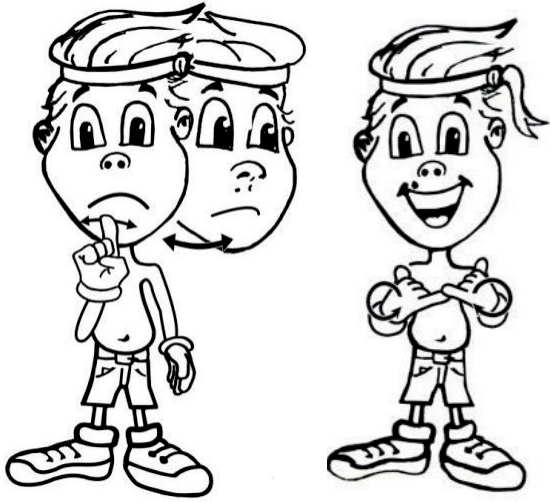
c) **Exclamativa:** sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Exemplo: MULHER BONIT@. “A mulher é bonita!”

d) **Negativa:** a negação pode ser realizada de três formas diferentes: Por exemplo:

Em alguns verbos, a incorporação da negação resulta em um movimento contrário:



GOSTAR	GOSTAR-NÃO (“não gostar”)
 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband and shorts, hugging himself with both arms.	 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband and shorts, waving with his right hand.
TER	TER- NÃO (“não ter”)
 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband and shorts, pointing his right index finger upwards. He has a starburst on his chest with the text "2x".	 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband and shorts, pointing his right index finger to the right. A separate hand is shown to the right, also pointing to the right.

O movimento de negação (com a cabeça) é realizado de forma simultânea ao sinal:	Acrescenta-se o sinal de “NÃO” realizado com o indicador:
CONHECER-NÃO “não conhecer” 	NÃO BRINCAR 

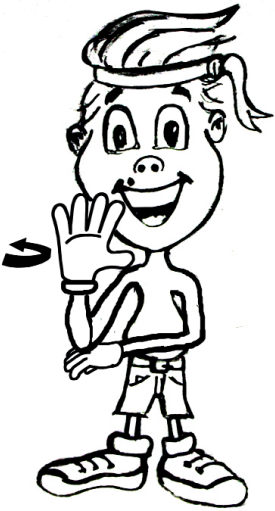

2. *Iconicidade e Arbitrariedade*



Durante muito tempo as línguas de sinais não eram constituídas como línguas, pois, acreditava-se que os sinais eram somente desenhos constituídos no ar ou, ainda, que todas os sinais precisavam ser digitados usando o alfabeto manual (datilológico). Portanto, as línguas de sinais não poderiam representar conceitos abstratos e complexos. Mas, no decorrer dos anos, com a luta da comunidade surda e por meio de vários estudos linguísticos, foi possível perceber que a língua de sinais é uma língua completa com gramática e estrutura própria. Verificou-se por meio destas pesquisas que a LIBRAS apresenta iconicidade, arbitrariedade assim como mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos, podendo representar idéias e/ou conceitos concretos ou abstratos, emocionais ou racionais, complexos ou simples. Logo mais no Capítulo 6 você estudará cada um destes mecanismos.

O fato de alguns sinais apresentarem-se em sua forma real, ou seja, a forma do referente no espaço, não quer dizer que todos os sinais sejam realizados desta maneira. Na LIBRAS há sinais icônicos e sinais arbitrários:

2.1. Sinais Icônicos: são os sinais que apresentam uma forma que tenta imitar o referencial em suas características visuais, fazendo alusão à imagem do seu significado. Uma foto, por exemplo, é icônica porque reproduz a imagem real, isto é, a pessoa ou algo que foi fotografado. STROBEL e FERNANDES(1998).

2.2. Sinais arbitrários: são aqueles que não mantêm nenhuma semelhança com o referente ou o dado da realidade que o representam. Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente. Por muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois em língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade. (STROBEL, FERNANDES, 1998, p. 9). A seguir conheça alguns sinais icônicos e arbitrários:

SINAIS ICÔNICOS	SINAIS ARBITRÁRIOS
ÁRVORE	BRANCO
	

BORBOLETA	SAUDADE
	



Capítulo 4

1. *Alfabeto manual ou datilológico*

O alfabeto manual é um recurso que os surdos utilizam para escrever nomes próprios ou de objetos que não tenham um sinal representativo na LIBRAS. Ele é considerado, portanto, um empréstimo linguístico da língua portuguesa.

Os surdos representam por meio das mãos as letras do alfabeto português, no caso do Brasil. Em outros países, essa representação é feita de acordo com o alfabeto do idioma local. A letra “T”, às vezes, pode ser sinalizada de um jeito no Brasil e de outro nos Estados Unidos. Além disso, vale ressaltar que esse recurso é externo à Libras, ele é considerado como um empréstimo da língua portuguesa, portanto, quando a pessoa está usando o alfabeto manual, deixa de usar a Libras e faz uma transferência de código, passa a fazer uso do português. Por isso, devemos ter muita cautela para usá-lo. É preferível fazer um sinal sinônimo a “escrever” a palavra a que se deseja fazer referência, pois os surdos não se relacionam com a língua portuguesa como nós nos relacionamos. Há toda uma dificuldade que se coloca a eles, pois são usuários de uma língua espacial e visual, enquanto precisam aprender uma língua oral e auditiva. Posteriormente, explicaremos com mais

detalhes a questão de o português ser uma segunda língua para os surdos. (SILVA, 2010, p.30).

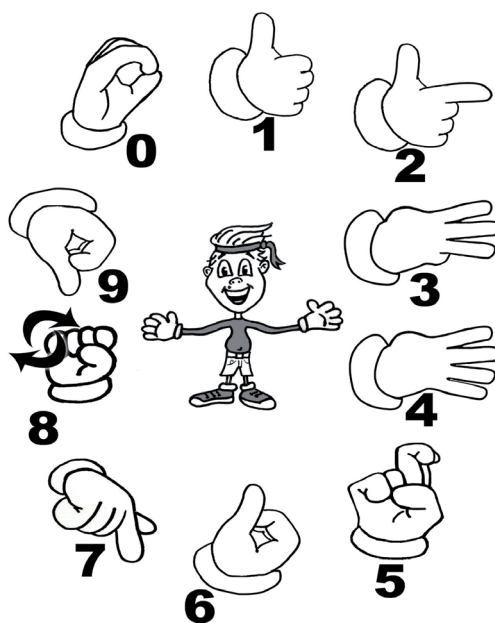
Veja a seguir o alfabeto manual e tente sinalizar todas as letras quantas vezes forem necessárias até você aprender. Lembre-se que você escreve (sinaliza) para outra pessoa, portanto, a palma da mão deverá ficar virada sempre para frente e não para você.



Fonte: www.google.com.br/search?tbm=isch&hl=pt-

Para treinar: Com o alfabeto manual digitalize seu nome e de todos os membros da sua família.

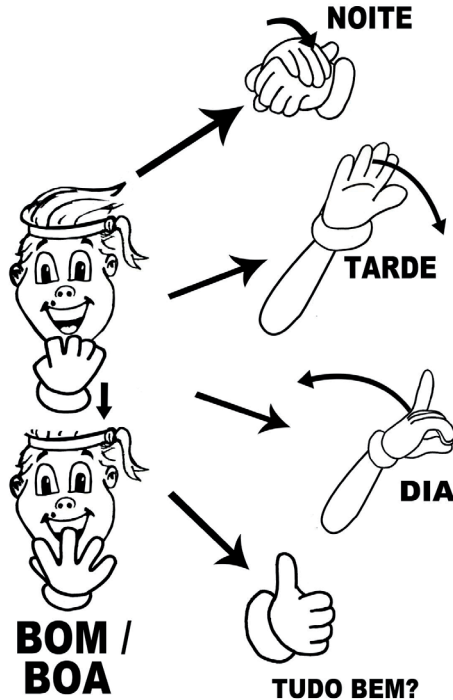
2. Números



Agora é sua vez: tente sinalizar sua idade, o ano em que nasceu e o ano em que estamos hoje.

3. *Cumprimentos ou saudações:*

Observe que o sinal de “BOM” é igual para todos os cumprimentos.



4. *Pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos e indefinidos.*

4.1. *Pronomes pessoais:*

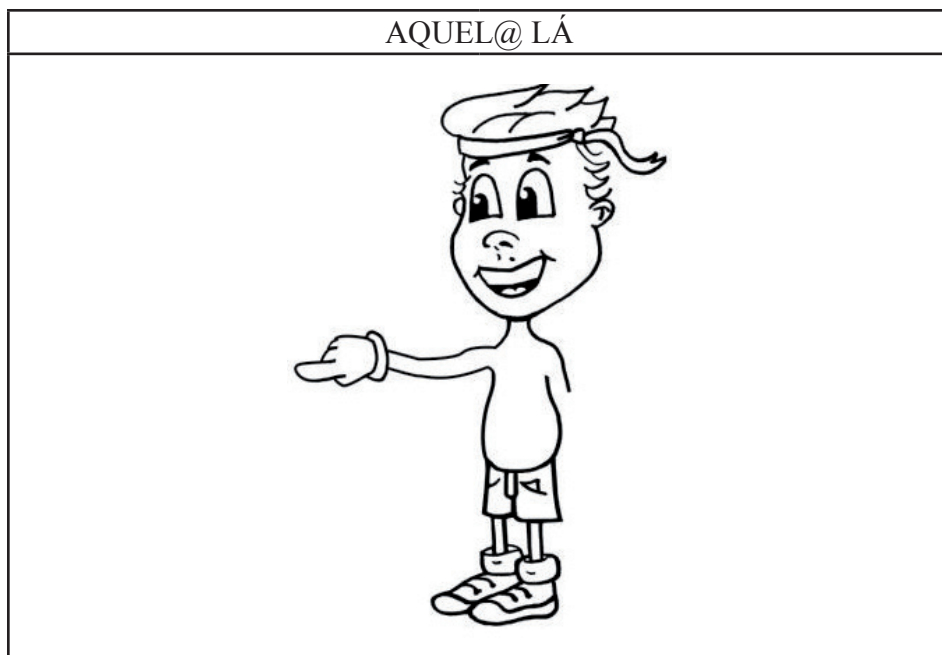
O sistema pronominal da Língua Brasileira de Sinais pode representar a primeira, segunda e terceira pessoa, e podem aparecer no singular ou no plural. Veja as configurações de mãos que devem ser utilizadas para os pronomes pessoais:



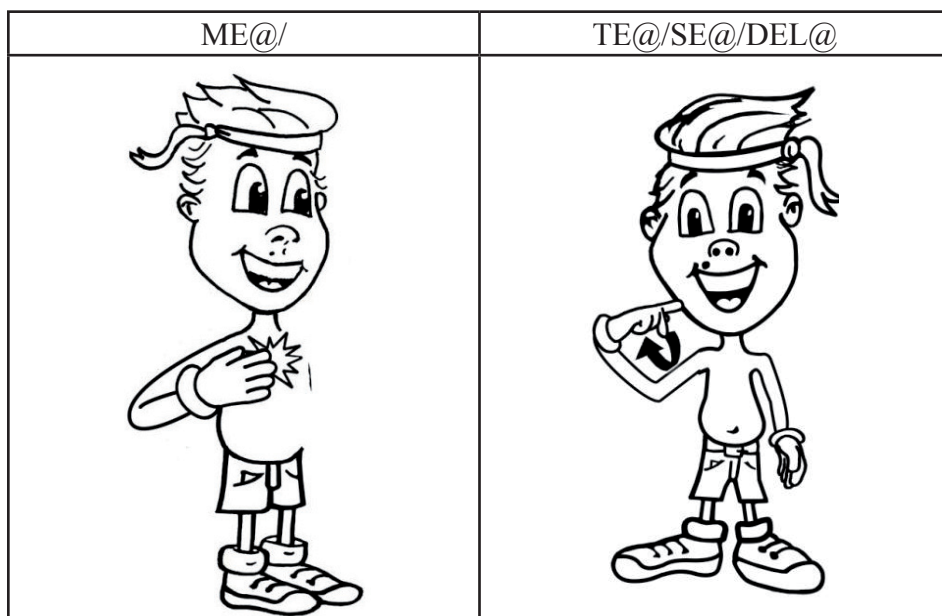
4.2 Pronomes demonstrativos:

Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm a mesma configuração de mãos, o que difere é a direção da mão e do olhar. Estes dois aspectos são determinantes na significação do sinal.

EST@	ESS@ AÍ

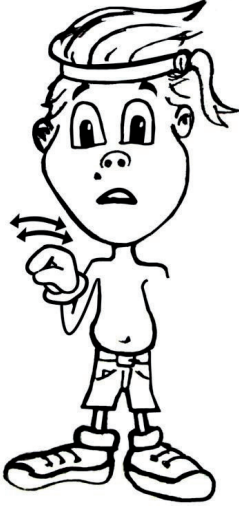
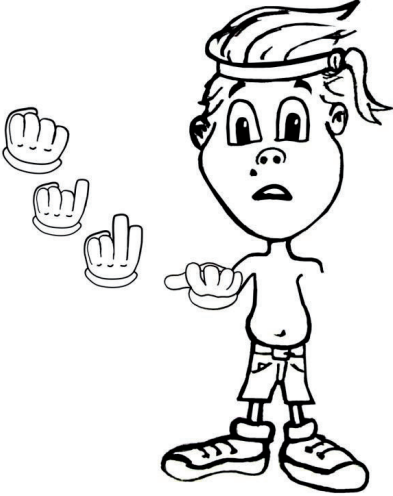
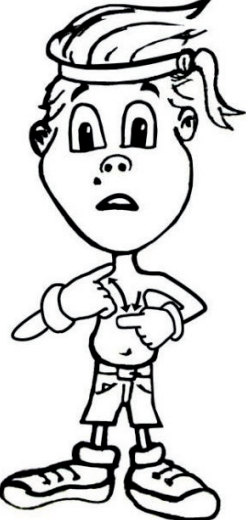
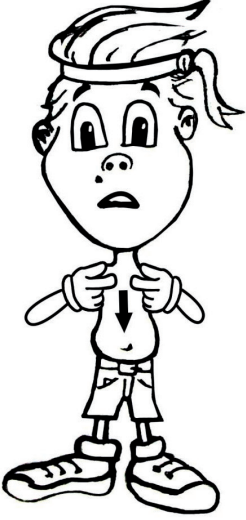


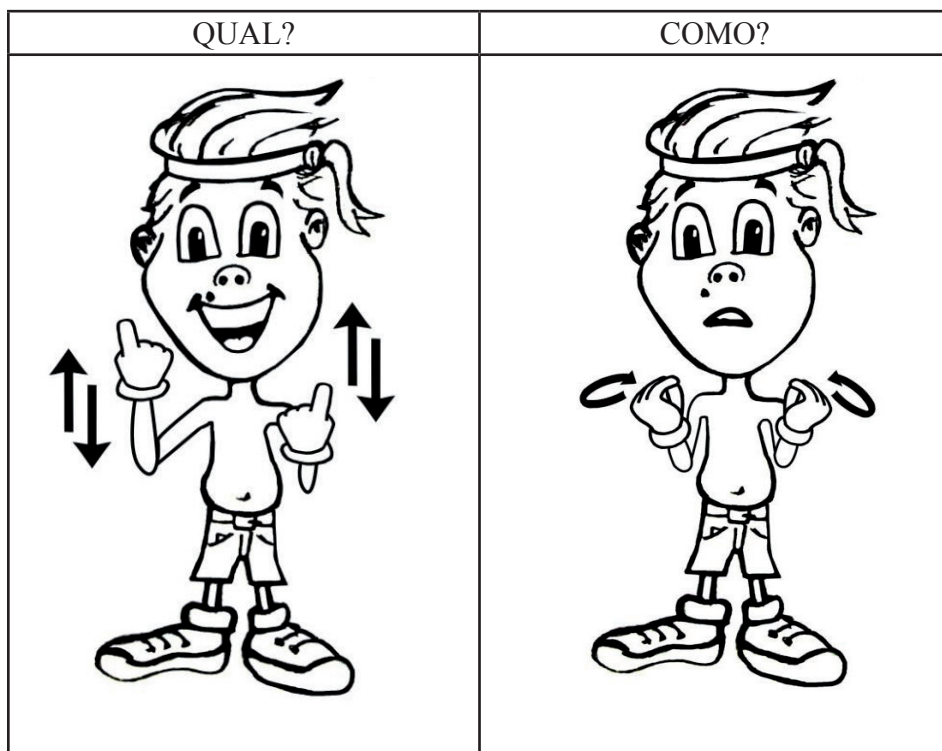
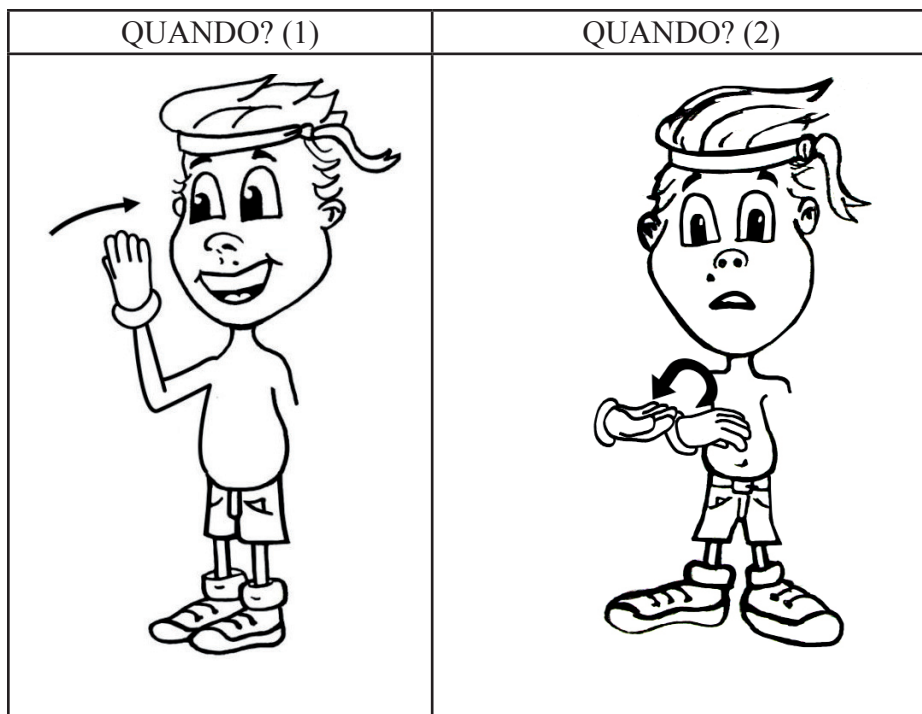
4.3 Pronomes possessivos:



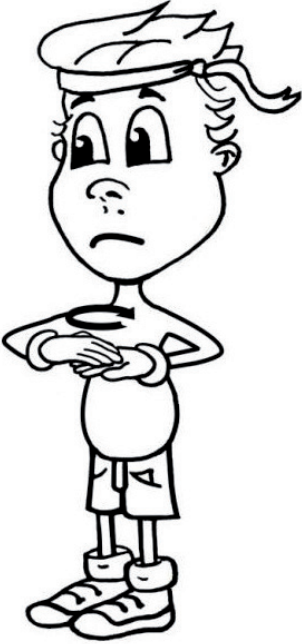
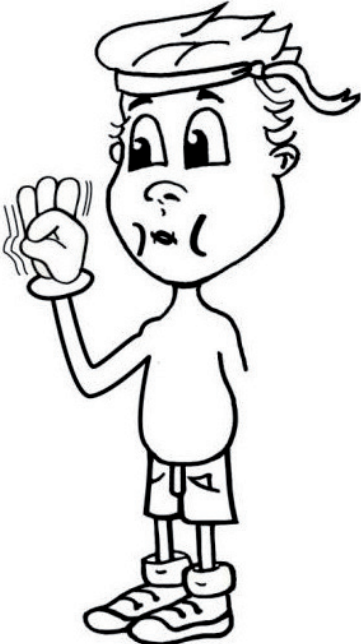
4.4 Pronomes interrogativos:

Os pronomes interrogativos caracterizam-se pelo uso simultâneo das expressões faciais com os sinais e, em alguns casos, incorporam advérbios de tempo.

O QUE?	QUANT@?
	
POR QUÊ?	ONDE?
	



4.5 Pronomes indefinidos

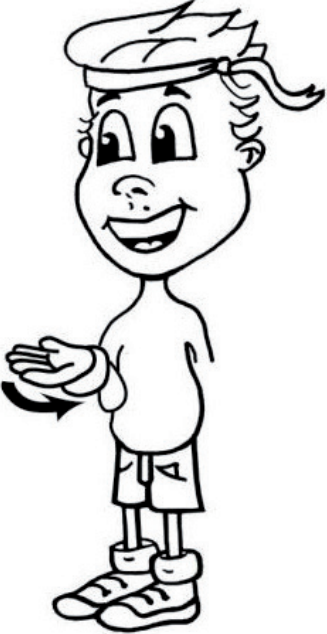

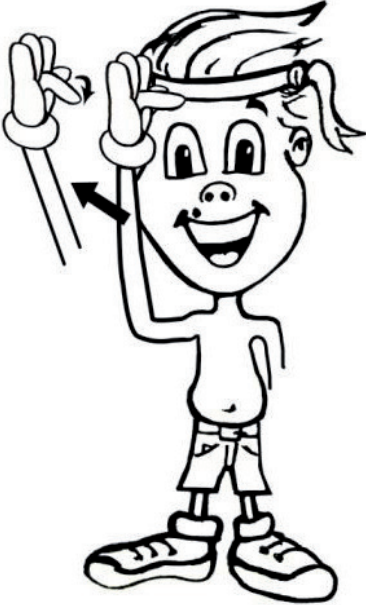
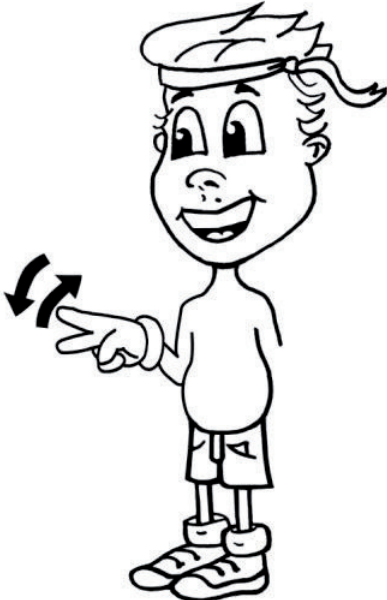
NADA	NENHUM
 A cartoon illustration of a young boy with spiky hair, wearing a cap, a t-shirt, shorts, and sneakers. He has a sad or thoughtful expression, with his hands clasped in front of his chest.	 A cartoon illustration of the same young boy, wearing the same outfit. He has a surprised or excited expression, with his mouth open and his right hand raised, showing three fingers.

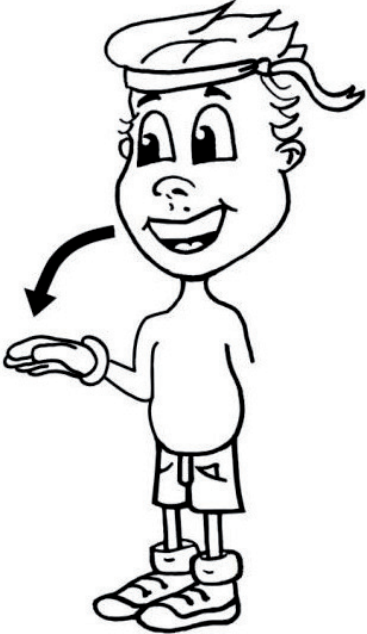
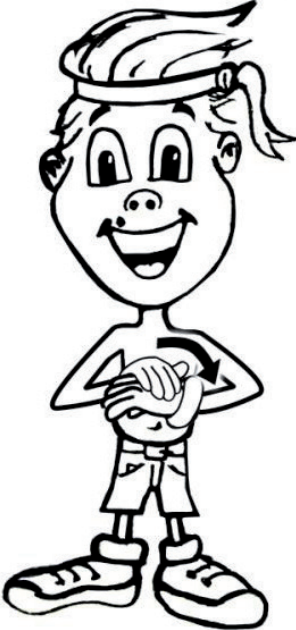

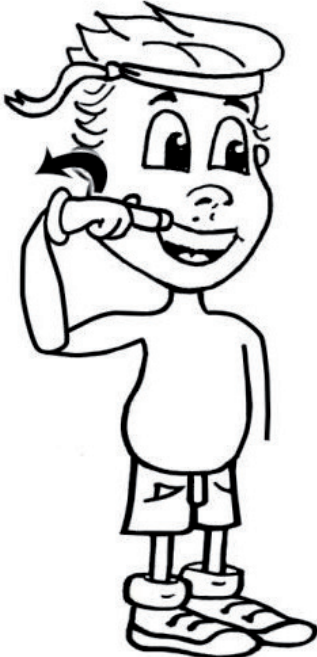


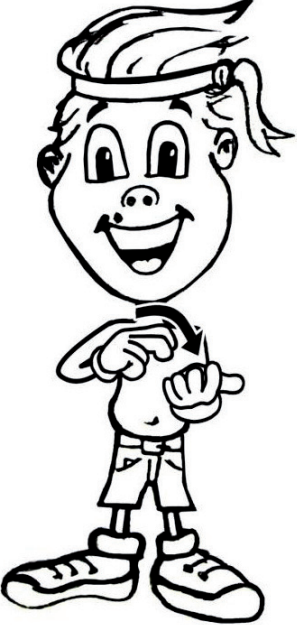
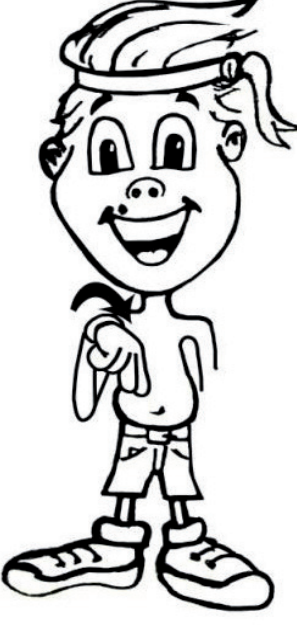
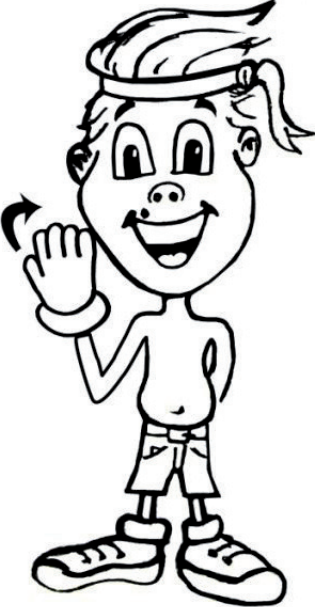
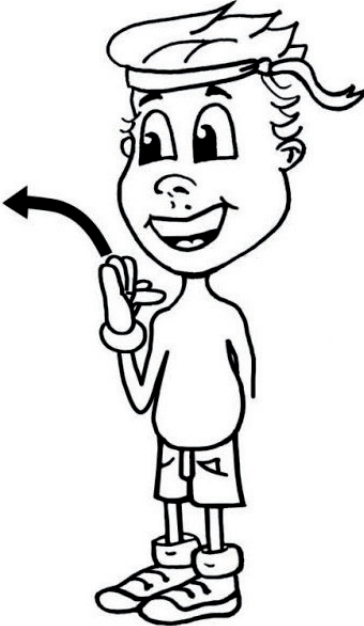
Capítulo 5

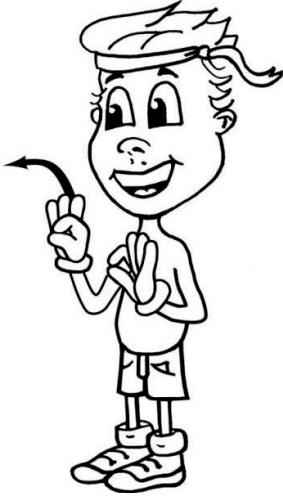
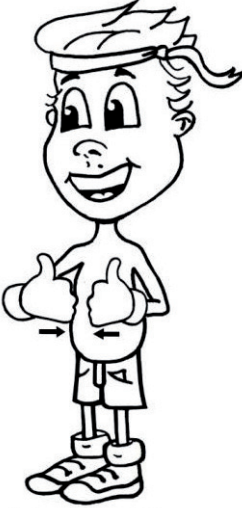
1. *Advérbios de tempo*

Na língua portuguesa, sabemos que os advérbios de tempo são incorporados aos verbos, por exemplo, quando se diz: “estudo”, “estudei”, “estudarei” não é preciso destacar o tempo, pois as terminações (sufixos) “o” “ei” e “arei” identificam o tempo: presente, passado, futuro, respectivamente. Já em LIBRAS, os sinais dos verbos permanecem sempre iguais, independente do tempo. O que determinará o tempo é um sinal auxiliar, de advérbio, que acompanha o verbo. Por exemplo, o surdo quando quer colocar o verbo ESTUDAR no presente, passado ou futuro, respectivamente, ele sinaliza da seguinte forma: EU ESTUDAR **AGORA** “Eu estudo”; EU ESTUDAR **PASSADO** “Eu estudei”; EU ESTUDAR **FUTURO** “Eu estudarei”. Conheça alguns sinais de advérbios de tempo:

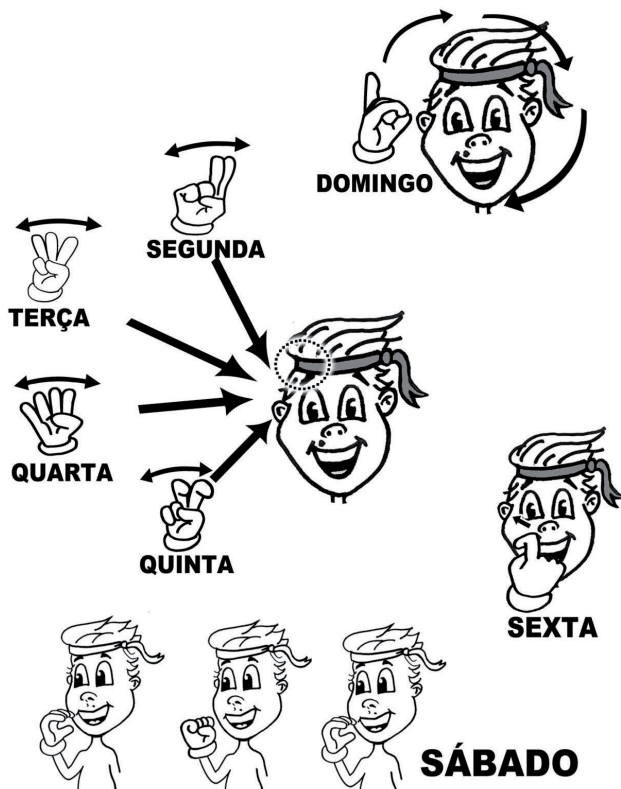
HOJE	AGORA
 <p>A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a t-shirt, shorts, and sneakers. He is smiling and has his hands held together in front of him. A curved arrow points to the right from his right hand.</p>	 <p>A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a t-shirt, shorts, and sneakers. He is smiling and has his hands held together in front of him. A curved arrow points to the left from his left hand.</p>
AMANHÃ	SEMPRE
 <p>A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a t-shirt, shorts, and sneakers. He is smiling and has his right hand on his forehead. A curved arrow points to the left from his hand.</p>	 <p>A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a t-shirt, shorts, and sneakers. He is smiling and has his right hand pointing towards the left. A curved arrow points to the right from his hand.</p>

TARDE	NOITE
 <p>A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a t-shirt, shorts, and sneakers. He is smiling and making a hand sign with his right hand, palm facing up, with a curved arrow pointing to the left above it.</p>	 <p>A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a t-shirt, shorts, and sneakers. He is smiling and making a hand sign with both hands, palms facing each other, with a curved arrow pointing to the right above them.</p>
ONTEM	ANTEONTEM
 <p>A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a t-shirt, shorts, and sneakers. He is smiling and making a hand sign with his right hand, index finger pointing up, with a curved arrow pointing to the left above it.</p>	 <p>A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a t-shirt, shorts, and sneakers. He is smiling and making a hand sign with his right hand, index finger pointing up, with a curved arrow pointing to the left above it.</p>

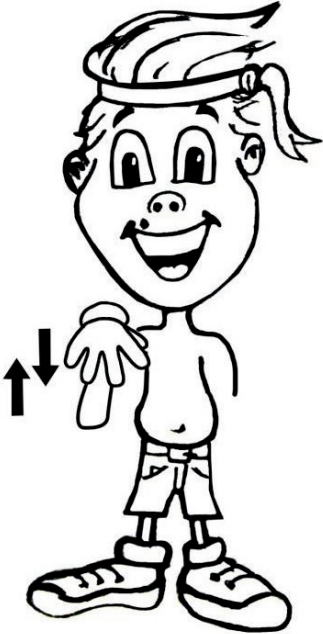
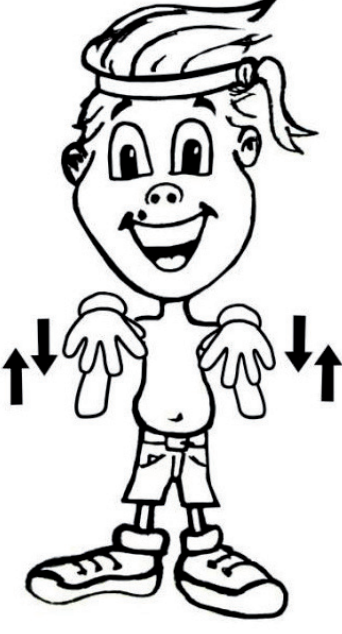
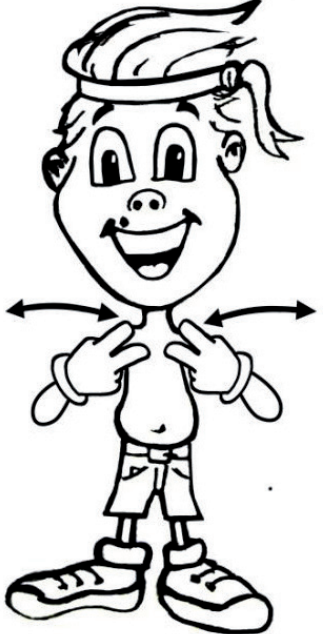
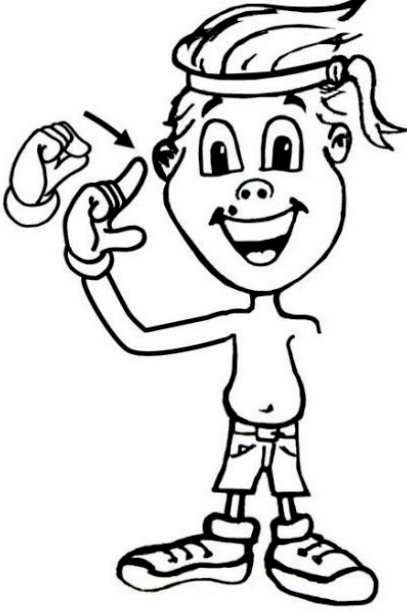
MANHÃ	NUNCA
 A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling and pointing his right hand forward.	 A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling and pointing his right hand backward.
PASSADO	FUTURO
 A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling and waving his right hand.	 A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling and pointing his right hand to the left.

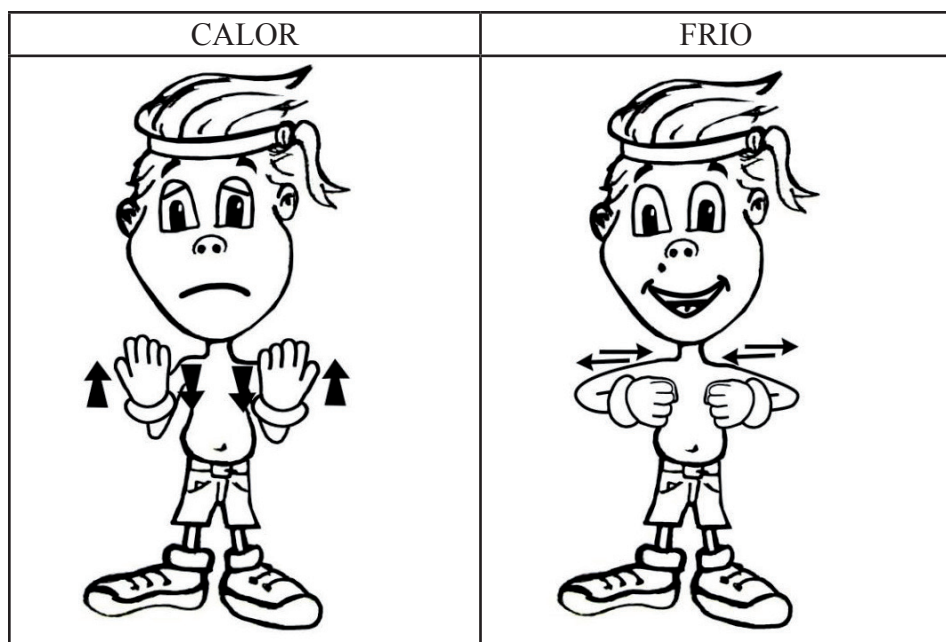
LONGE	PERTO
	

2. *Dias da Semana*



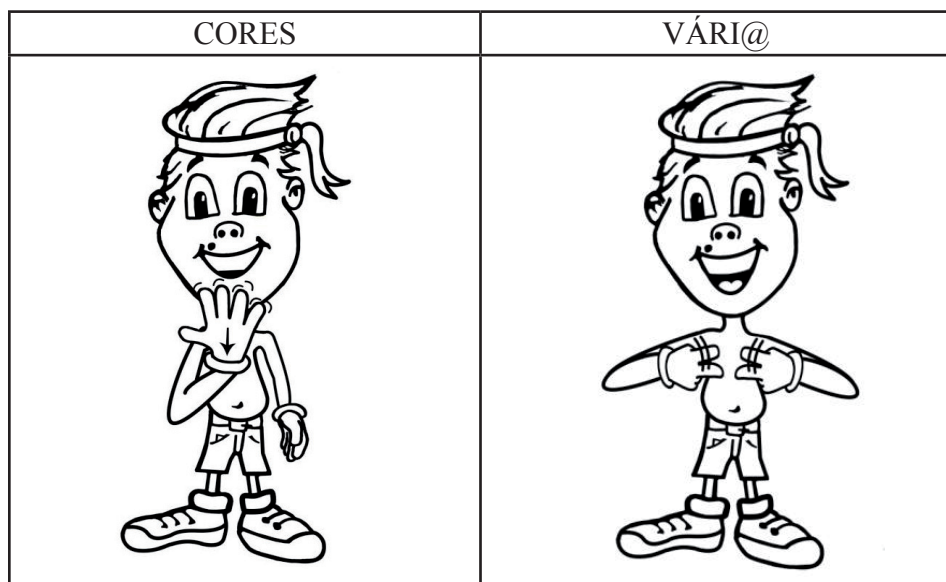
3. *Estados do tempo*

CHUVA	MUIT@ CHUVA
 A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling. He is holding two rain clouds in his hands. There are two vertical arrows next to each cloud, one pointing up and one pointing down, representing rain.	 A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling. He is holding four rain clouds in his hands. There are two vertical arrows next to each cloud, one pointing up and one pointing down, representing heavy rain.
VENTO	SOL
 A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling. He is holding two wind arrows in his hands, one in each hand, pointing outwards.	 A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling. He is holding a sun in his right hand, with a ray of light pointing towards his face.

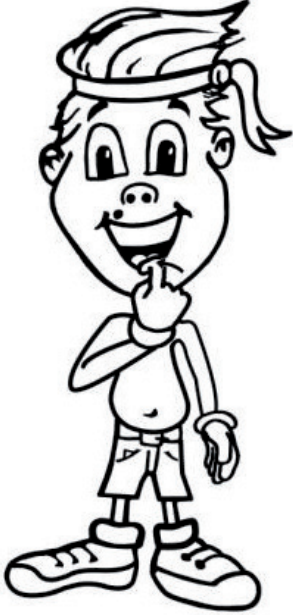
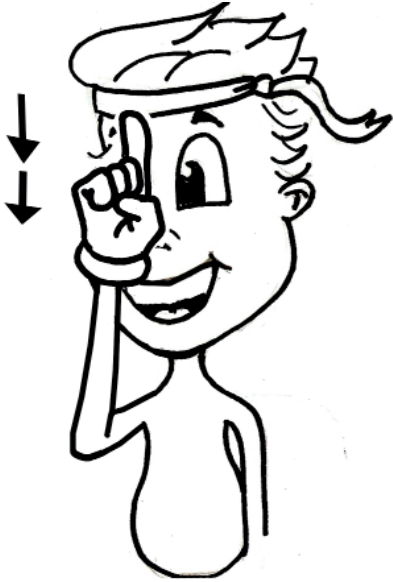
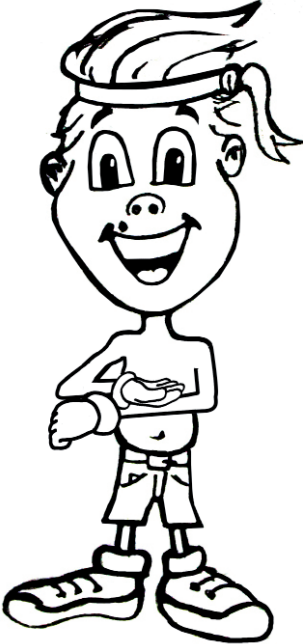
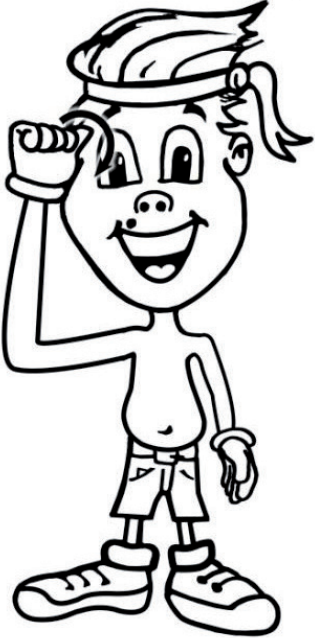


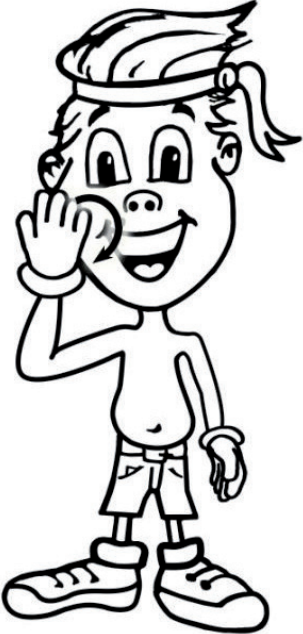


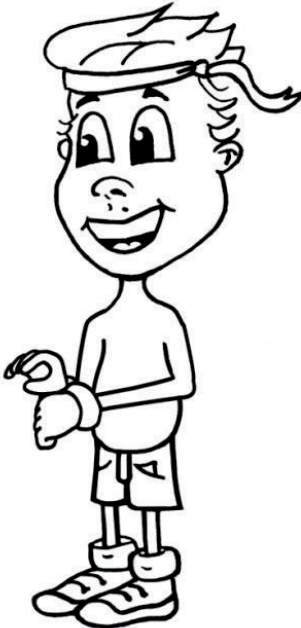
4. Cores

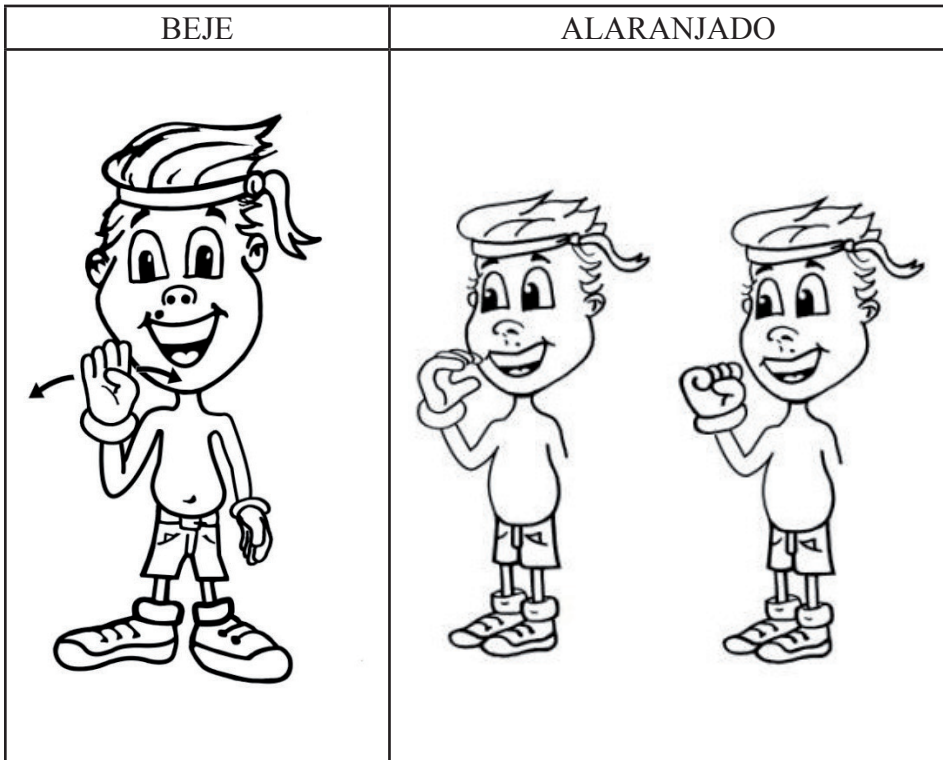
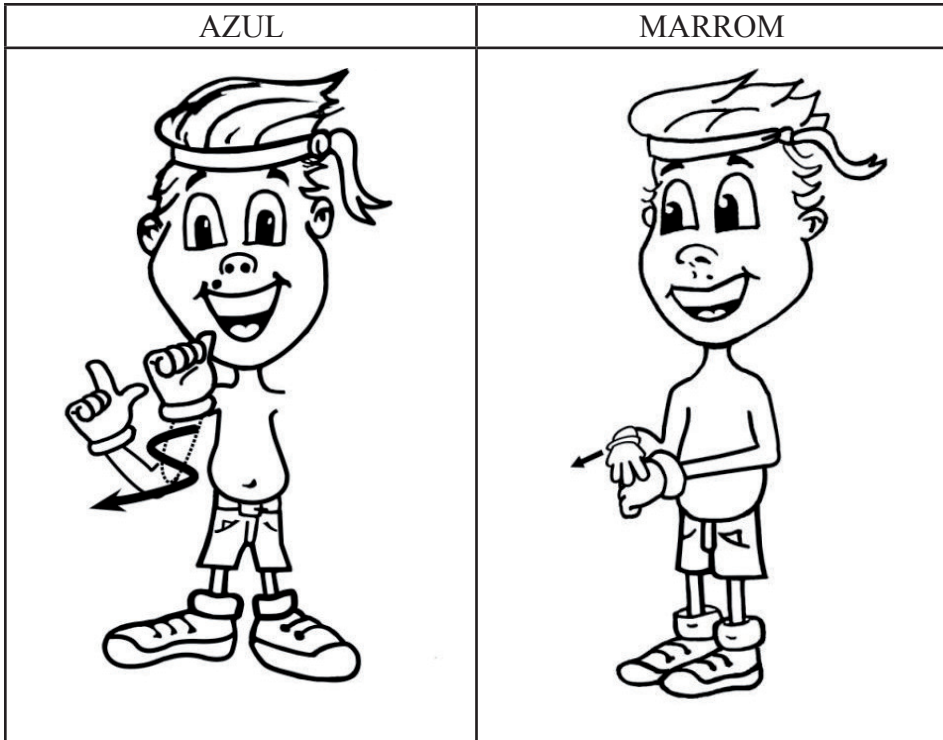
Para referir-se a uma categoria específica da LIBRAS, como animais, alimentos, frutas etc., usa-se um elemento que faz parte desta categoria mais o sinal de “etc.” ou “vários”. Para sinalizar “COLORIDO”, por exemplo, faz o sinal de “CORES” mais o sinal de “VÁRIOS”. Veja:



Conheça alguns sinais de cores:

VERMELH@	AMAREL@
 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband and sneakers. He is holding a red object in his right hand.	 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband. He is holding a yellow object in his right hand. To the left of his hand are two downward-pointing arrows.
BRANC@	PRET@
 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband and sneakers. He is holding a white object in his right hand.	 A cartoon boy with a wide smile, wearing a headband and sneakers. He is holding a black object in his right hand.

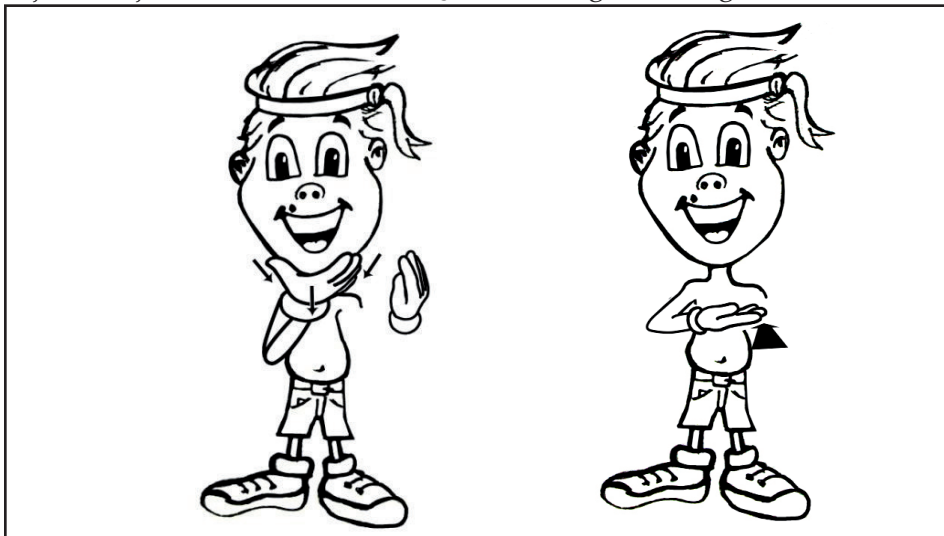
ROSA	VERDE
	
ROXO	CINZA
	

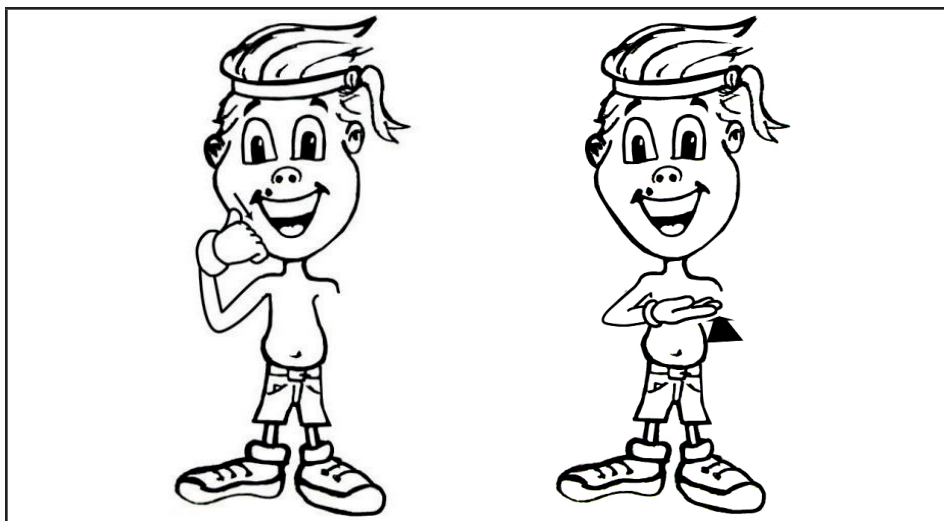


Capítulo 6

1. *Gênero masculino e feminino*

Na língua portuguesa a flexão de gênero modifica os nomes, no exemplo: “tia” e “tio”, as letras “a” e “o” indicam o gênero “homem” ou “mulher”. Na Língua Brasileira de Sinais a indicação de gênero é marcada sempre pelo sinal de “HOMEM” ou “MULHER” antecedido do sujeito. Veja como ficam as marcações de amigo ou amiga:





2. *Grau do substantivo*

O grau do substantivo, às vezes, depende de um léxico a mais acompanhando o sinal para determinar seu grau de aumentativo ou diminutivo. A seguir, veja alguns sinais que podem acompanhar os substantivos e observe também a presença dos marcadores não-manuais (expressões faciais):

Muito menor do que o normal



Menor do que o normal



Normal



Maior do que o normal



Muito maior do que o normal



Veja, agora, um exemplo de substantivo que incorporam o grau de tamanho no próprio sinal com variação das expressões faciais:



CASA



CASINHA



CASARÃO



ou CASARÃO

Observe, a seguir, que no sinal de “BEBÊ”, não há acréscimo de sinais para mencionar o tamanho. É por meio da expressão facial que se pode diferenciar o tamanho normal, pequeno e grande:



BEBÊ



BEBEZINHO

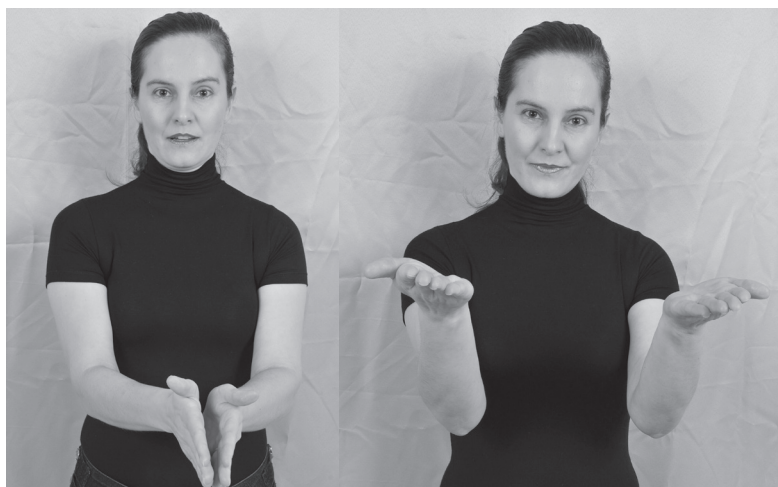


BEBEZÃO

3. *Advérbios de intensidade*

No Capítulo 2 você estudou a importância das expressões faciais ou marcadores não manuais (MNM) para a LIBRAS. Apesar de existir um sinal específico para designar o advérbio “MUITO” nem sempre ele

é usado para marcar a intensidade, pois as expressões faciais podem exercer essa função quando incorporadas ao adjetivo, substantivo ou verbo. A marcação de intensidade apresenta um padrão de expressões faciais com variação gradual e, observe que a professora não realiza o sinal de “MUITO” ao indicar a intensidade de pobreza, por exemplo. Isto é verificado pela diferença das suas expressões faciais e do movimento. Veja:



POBRE



MUITO POBRE



PAUPÉRRIM@

Veja, agora, como ficam os sinais de TRISTE e VELH@:



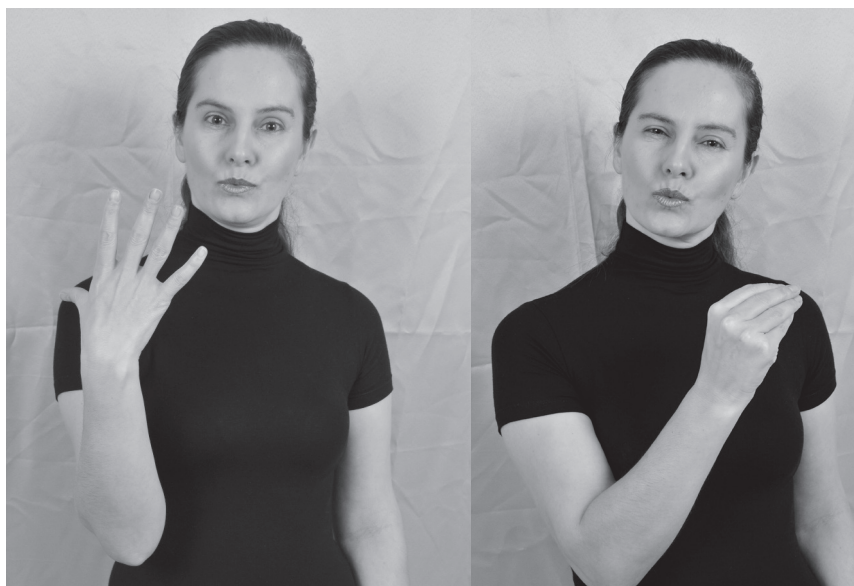
TRISTE



MUITO TRISTE

**VELH@****MUITO VELH@**

Já, no exemplo a seguir, a marcação de intensidade apresenta modificações na configuração de mão. Observe, também, que a expressão facial vai se acentuando de acordo com a intensidade:

**BONIT@**

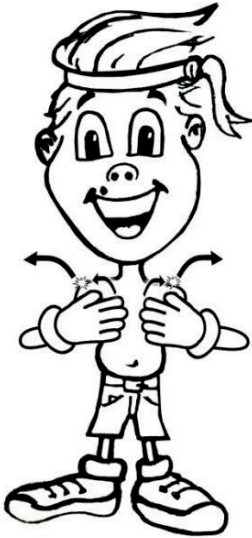
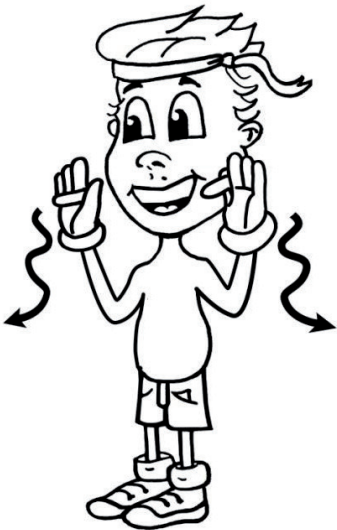



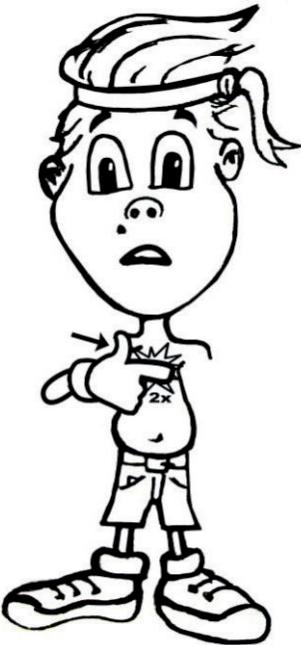
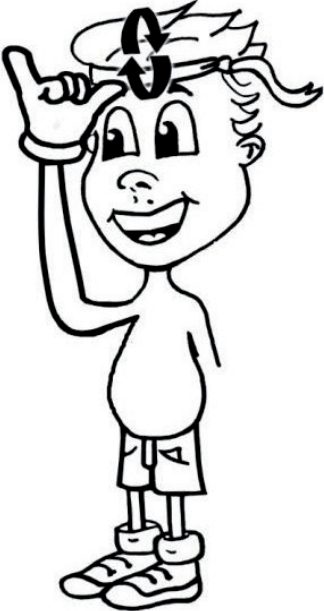
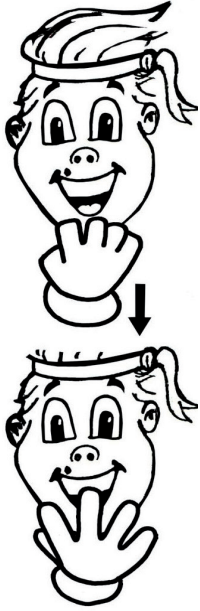
MUITO BONIT@

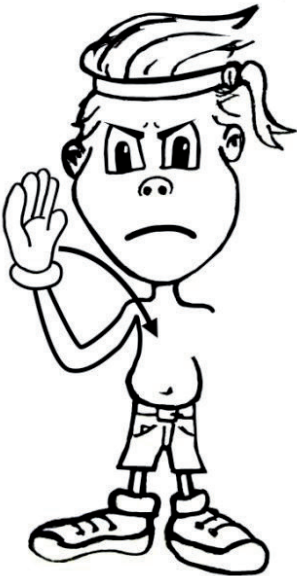
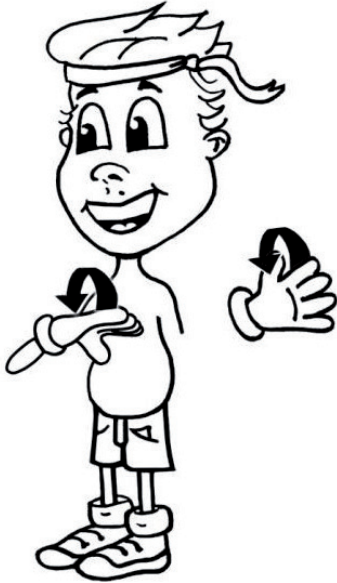
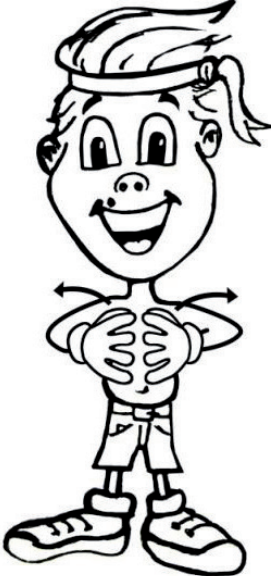
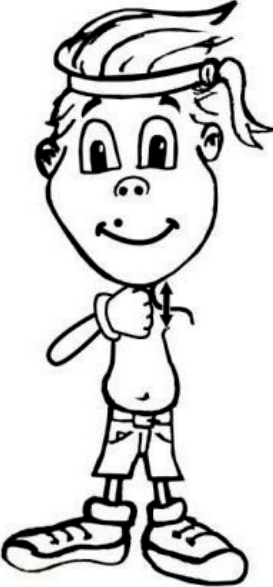
ou

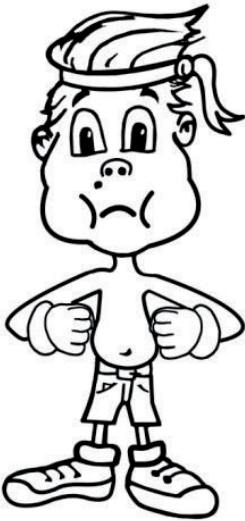
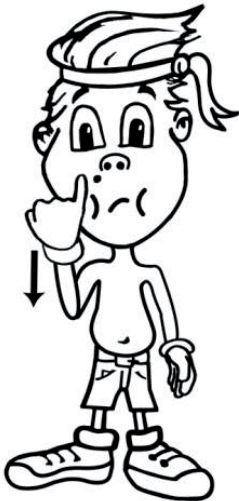
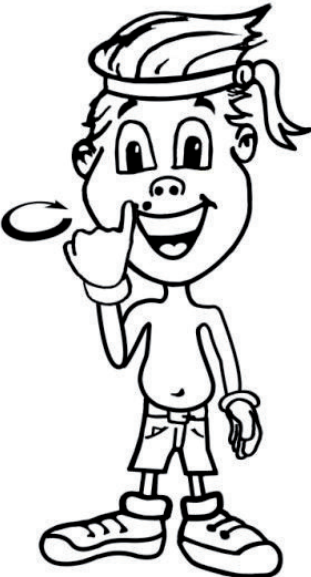
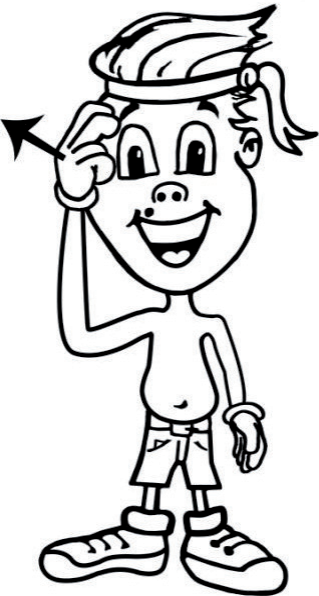
MUITO BONIT@

Conheça alguns adjetivos da LIBRAS, mas lembre-se, a intensidade será marcada pela expressão facial:

ALEGRE	FELIZ
	

<p>BONIT@</p>  <p>A cartoon boy with a headband and a ponytail, wearing shorts and sneakers. He has both hands raised in front of his face, palms facing forward. A hat is shown floating to the right of his hands.</p>	<p>FEI@</p>  <p>A cartoon boy with a headband and a ponytail, wearing shorts and sneakers. He is pointing his right index finger towards his chest.</p>
<p>BOB@</p>  <p>A cartoon boy with a headband and a ponytail, wearing shorts and sneakers. He is pointing his right index finger towards his forehead.</p>	<p>BO@</p>  <p>Two cartoon boys with headbands and ponytails, wearing shorts and sneakers. The top boy is smiling and has his right hand held down with the palm facing forward. A downward-pointing arrow is next to his hand. The bottom boy is also smiling and has his right hand held down with the palm facing forward.</p>

MAL/MAU	CORAJOS@
 A cartoon boy with a grumpy, angry expression. He has a furrowed brow and a downturned mouth. He is wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He is waving his right hand.	 A cartoon boy with a happy, smiling expression. He is wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He is holding a small object in his right hand and waving with his left hand.
GRANDE	VELH@
 A cartoon boy with a happy, smiling expression. He is wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He has his hands on his chest, with arrows pointing outwards from his chest.	 A cartoon boy with a happy, smiling expression. He is wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He has his hands clasped in front of his chest.

GORD@	MAGR@
	
IMPORTANTE	INTELIGENTE
	

Para treinar: pesquise alguns substantivos em LIBRAS e tente dar um adjetivo a ele usando os graus de intensidade conforme visto acima.



Capítulo 7

1. *Tipos de verbos*


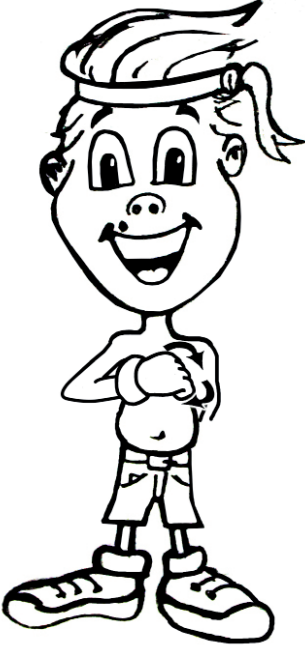
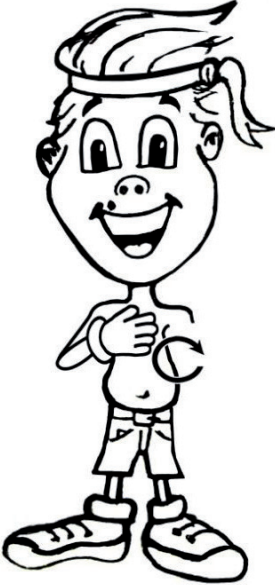
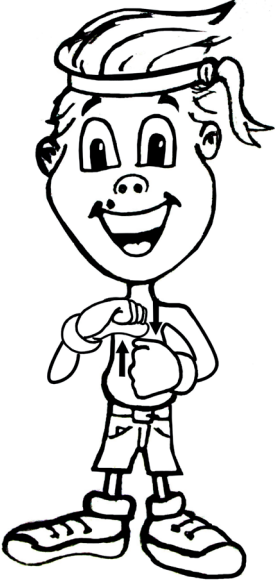
Neste Capítulo, serão abordados, basicamente, três tipos de verbo:




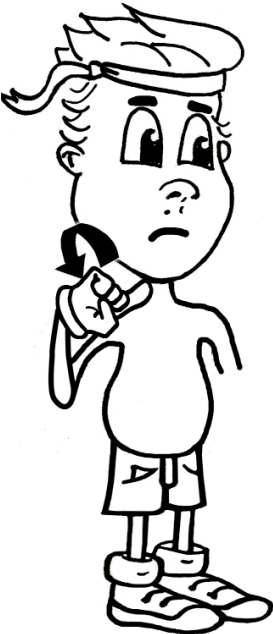
1.1 *Verbos simples ou sem concordância:*

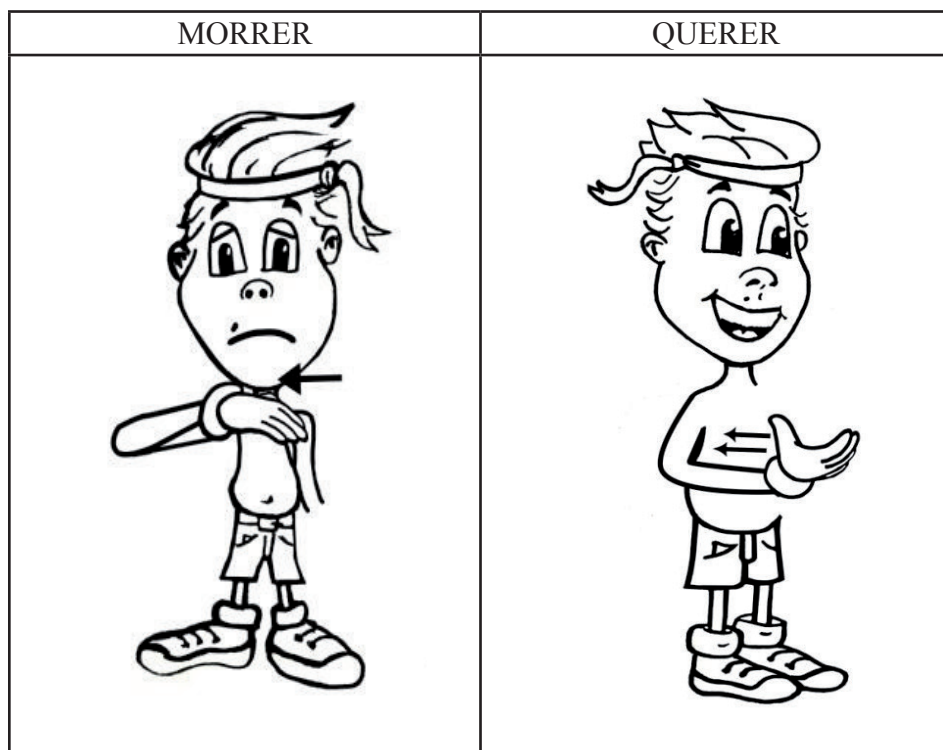
São verbos que, independente da construção frasal, o sinal nunca varia, permanece sempre igual, ou seja, mesma configuração de mão, mesma locação e mesmo movimento ainda que seja para referir-se a outras pessoas. Este tipo de verbo pode ser ancorado ao corpo ou produzido no espaço neutro. O verbo “BRINCAR” é um exemplo de verbo simples produzido no espaço neutro.

EU BRINCAR — “Eu brinco”;
EL@ BRINCAR — “Ela brinca”;
NÓS BRINCAR — “Nós brincamos”.

A seguir, conheça alguns exemplos de verbos que não possuem marca de concordância, ou seja, verbos simples:

DESEJAR	AMAR
 A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a long-sleeved shirt, shorts, and sneakers. He is standing with his right hand on his chin, looking thoughtful.	 A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He is standing with his arms crossed over his chest, smiling broadly.
GOSTAR	FAZER
 A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He is standing with his arms crossed over his chest, smiling broadly.	 A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He is standing with his arms crossed over his chest, smiling broadly.

VIAJAR	TER
	
SENTIR	SUJAR
	



1.2 Verbos com concordância ou direcionais:

São verbos que apresentam a possibilidades de direção de acordo com as pessoas do discurso. AVISAR, por exemplo, é um verbo com concordância, visto que o sinal parte da pessoa que dá o aviso em direção à pessoa que recebe o aviso.


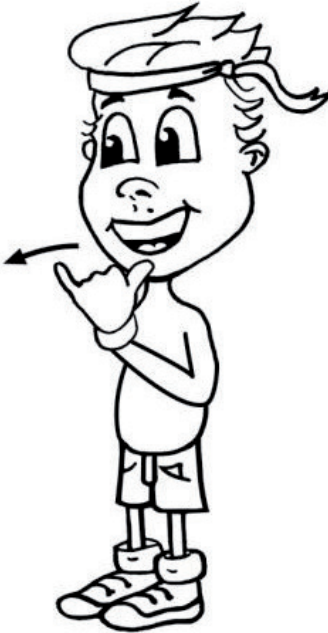
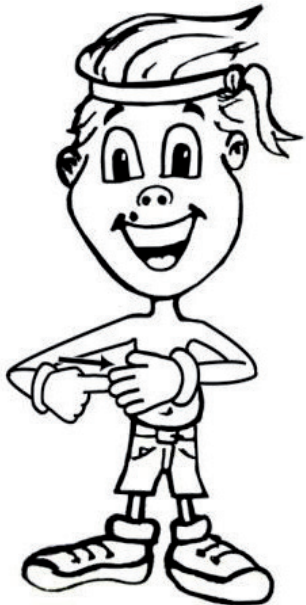

Exemplo:

EU AVISAR - “Eu aviso você”.

AVISAR EU - “Você me avisa”.

EL@ AVISAR AMIG@. “Ela avisa à amiga”.

Veja alguns exemplos de verbos com concordância:

AJUDAR “eu ajudo”	AVISAR “eu aviso”
	
PERGUNTAR “perguntaram-me”	RESPONDER ”eu respondo”
	

1.3 Verbos Manuais ou Classificadores:

Estes verbos usam classificadores e incorporam a ação. Os classificadores são configurações de mãos realizadas para atribuir forma, tamanho ou qualidade a um objeto, por exemplo: arredondado, quadrado, estampado, com listras etc. Mas a função dos classificadores também serve para descrever uma ação verbal, por exemplo, ao referir-se ao verbo SEGURAR, logo o interlocutor incorpora o objeto que foi segurado. Pense, como é que você segura um copo, um bebê, uma bandeja, um saco de feijão, uma agulha ou uma mala? A forma que sua mão toma ao realizar a ação (segurar) chama-se classificador.

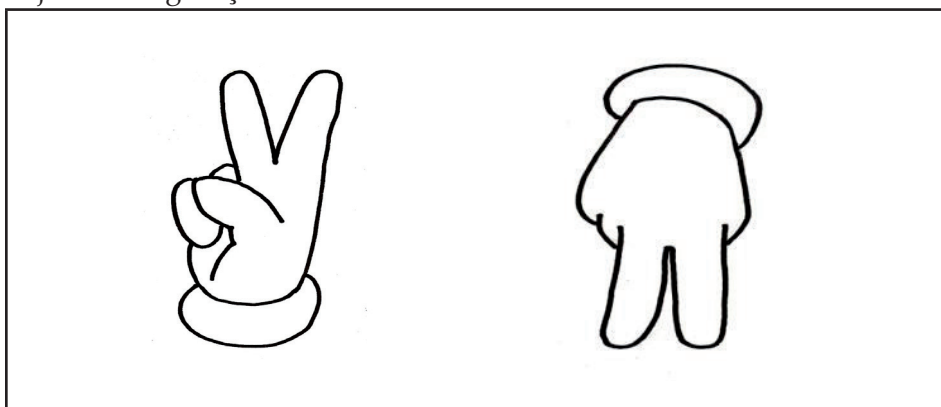
Agora vamos pensar no verbo "ANDAR":

-Todos os seres andam da mesma forma?

-Os animais andam igual às pessoas?

-E um carro, como anda?

Para representar pessoas andando, a configuração de mão pode ficar em "V", e esta mesma CM pode ser utilizada para outros significados, por exemplo: se as pontas dos dedos ficarem voltadas para cima pode significar "duas pessoas andando" ou "um casal de namorados"; pontas dos dedos para baixo significa 'uma pessoa em pé'. Veja as configurações:

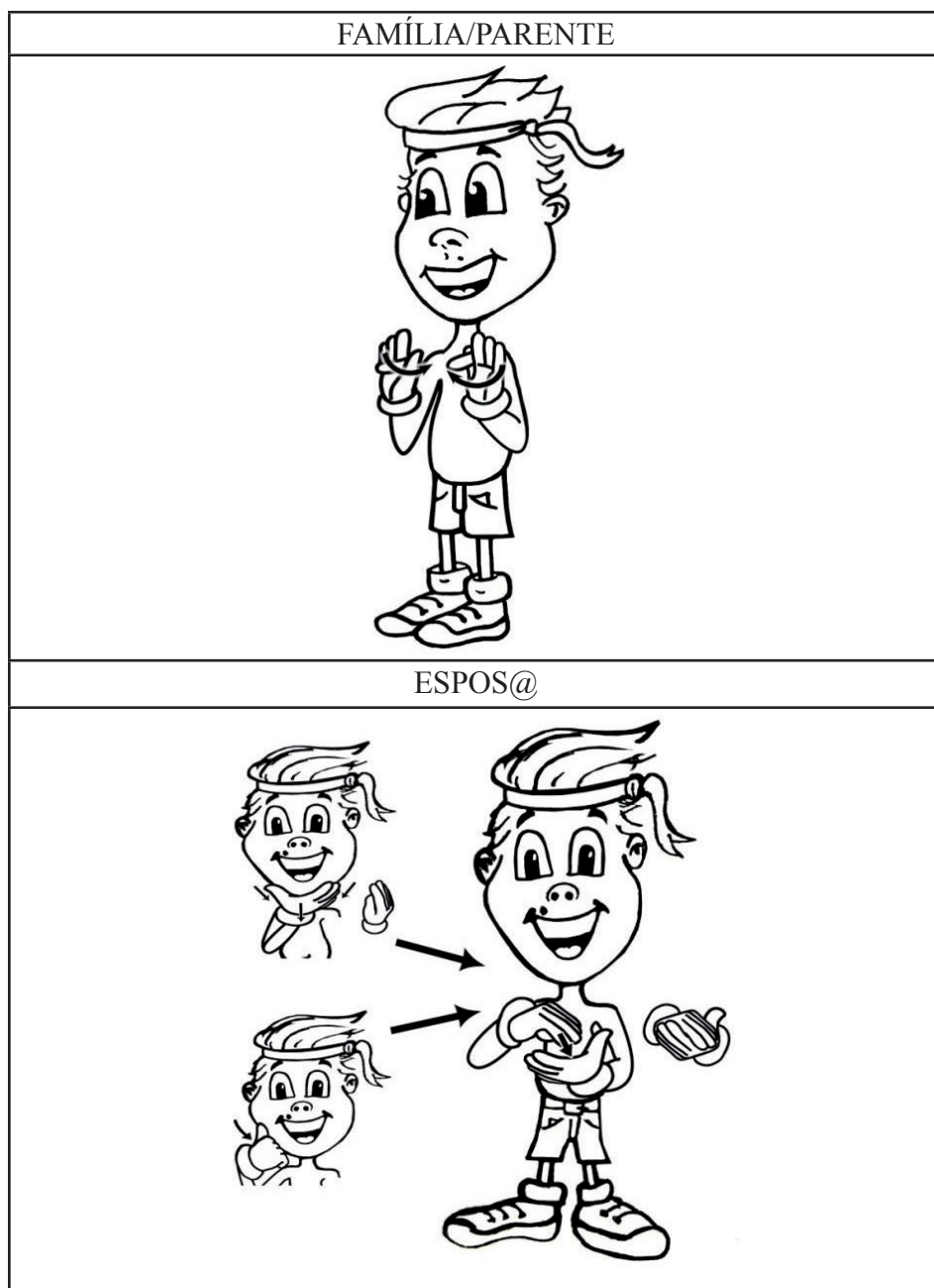


O mesmo processo pode ser observado no sinal que deriva a ação verbal "COMER".

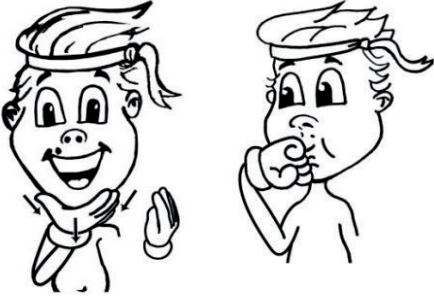
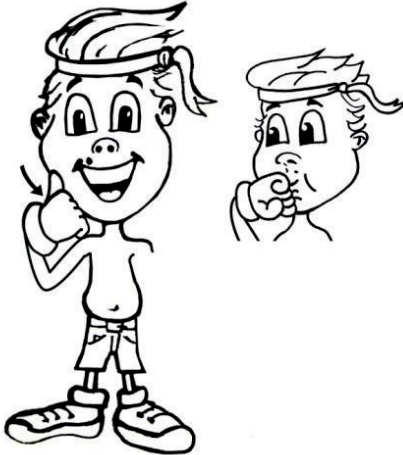
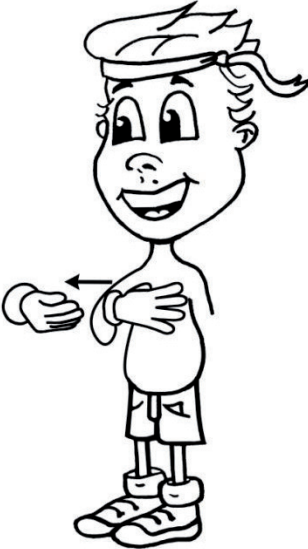
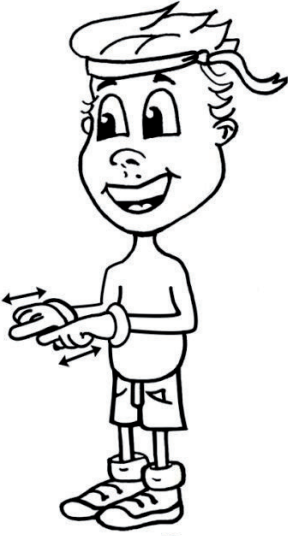
Por exemplo: para dizer que você comeu a maçã, basta imaginar que está segurando a maçã próximo à boca (CM em C) e fazer

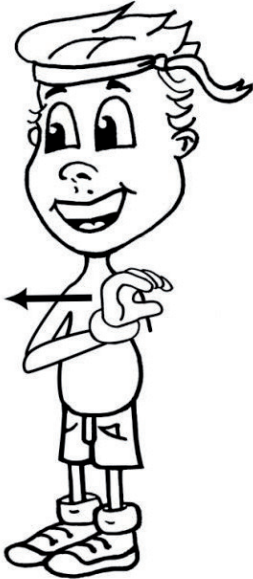
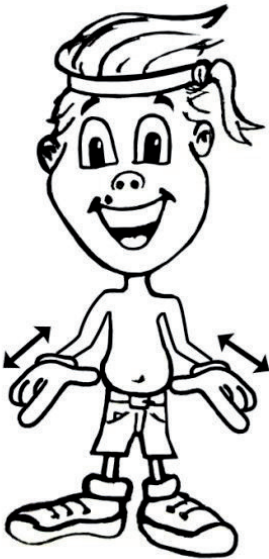
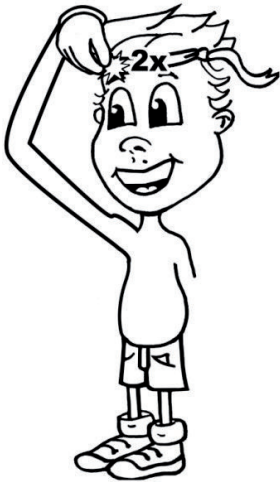
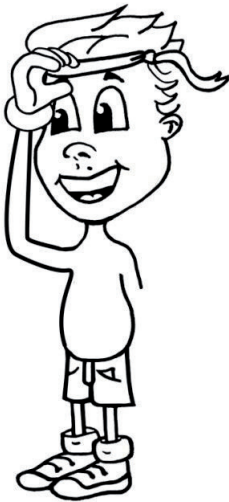
um movimento para baixo como se estivesse mordendo. Este sinal e o movimento estão incorporando o objeto direto, que no caso é a MAÇÃ⁶.

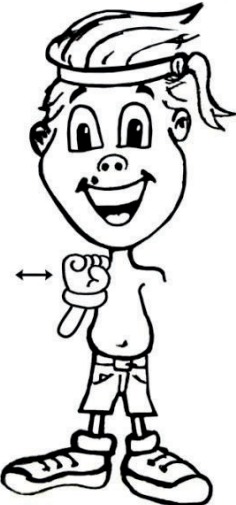


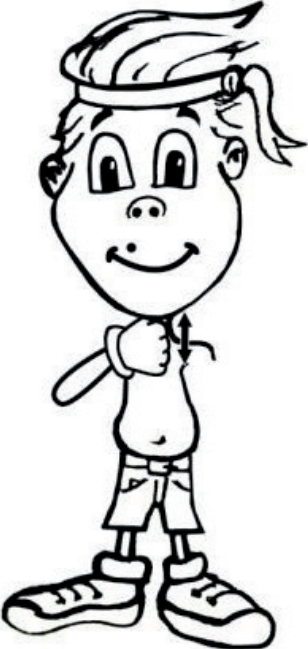
2. *Membros da família*





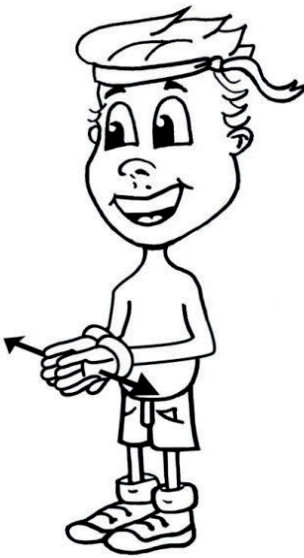
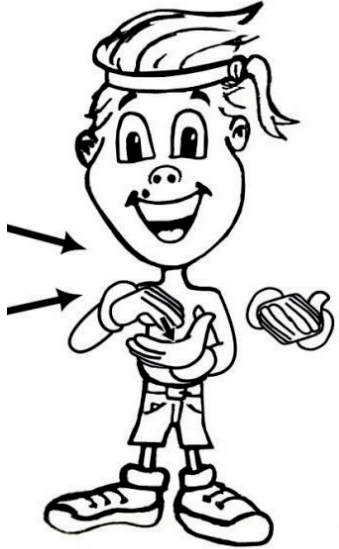
⁶ Para aprender mais sobre este assunto acesse: www.ines.gov.br/ines_livros/35/35_003.HTM

PAI	MÃE
	
FILH@	IRM@
	

<p>CUNHAD@</p>  A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He is pointing his right hand to the left. A horizontal arrow points to the left from his hand.	<p>PRIM@</p>  A cartoon boy with spiky hair, wearing a headband, a tank top, shorts, and sneakers. He has his arms outstretched to the sides. Two horizontal arrows point outwards from his hands.
<p>SOBRINH@</p>  A cartoon boy with spiky hair, wearing a tank top, shorts, and sneakers. He is touching his forehead with his right hand. The text "2x" is written above his hand.	<p>TI@</p>  A cartoon boy with spiky hair, wearing a tank top, shorts, and sneakers. He is touching his forehead with his right hand. The text "3x" is written above his hand.

SOGR@	JOVEM
 <p>A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling and pointing his right hand to the left. An arrow points to his hand.</p>	 <p>A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling with his hands held out. Two handprints are shown to the right of his hands.</p>
NET@	AV@/
 <p>A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling with his hands clasped in front of his chest.</p>	 <p>A cartoon boy with a headband and a ponytail, smiling with his hands clasped in front of his chest.</p>

3. *Estado civil*

SOLTEIR@	NAMORAD@
	
SEPARAD@	CASAD@
	



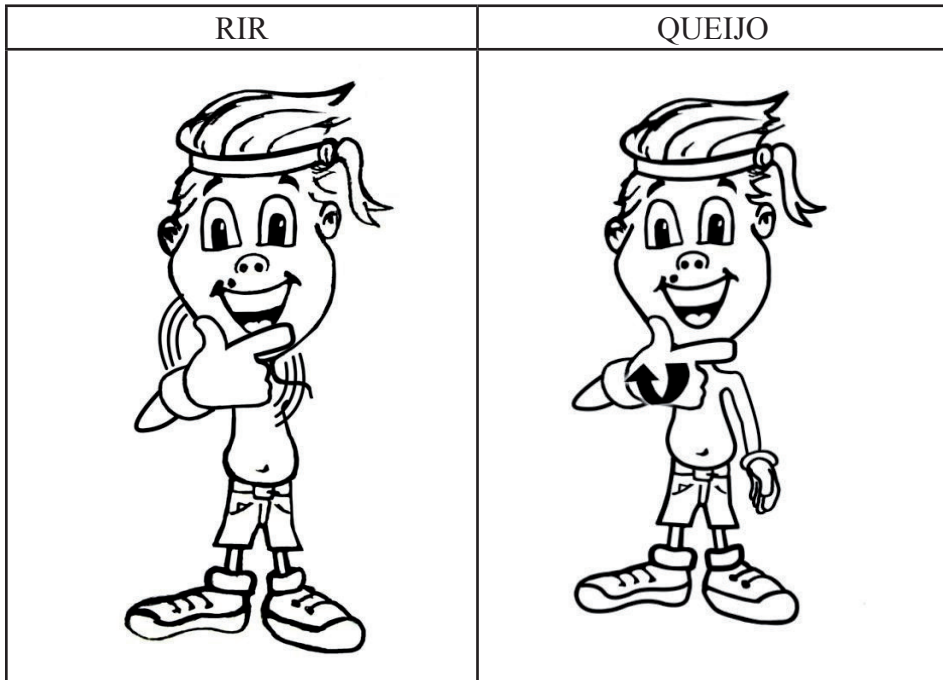
Capítulo 8

1. *Fonética e Fonologia das línguas de sinais*

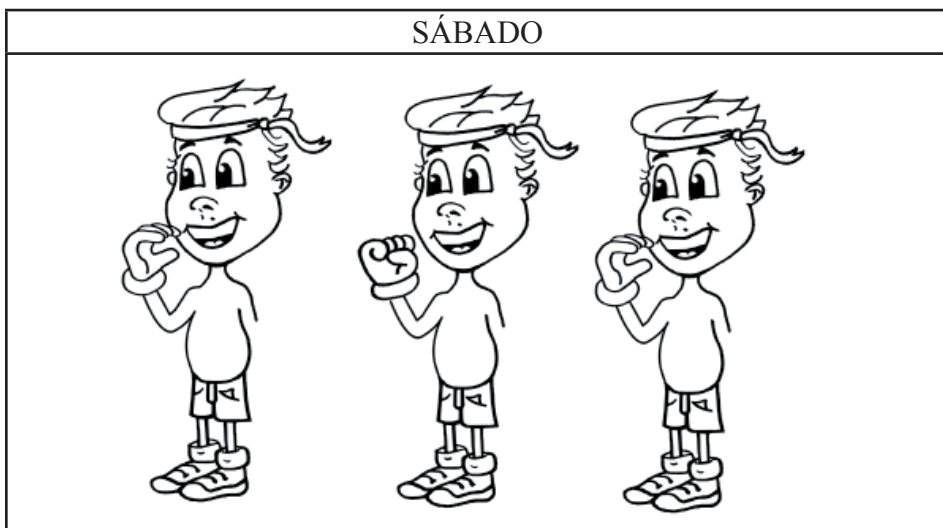
A Fonética e a Fonologia estudam a maneira como os fonemas se organizam dentro de uma língua. Estes fonemas são classificados em unidades menores capazes de distinguir significados, ou seja, fazem a diferença na formação de uma palavra. Por exemplo, no português, os sons de /f/ e de /v/ são distintivos porque formam um par mínimo /faca/ e /vaca/. O par mínimo indica que ao mudar apenas uma unidade mínima, ou seja, /f/ e /v/, em uma determinada combinação determinará mudança de significado.

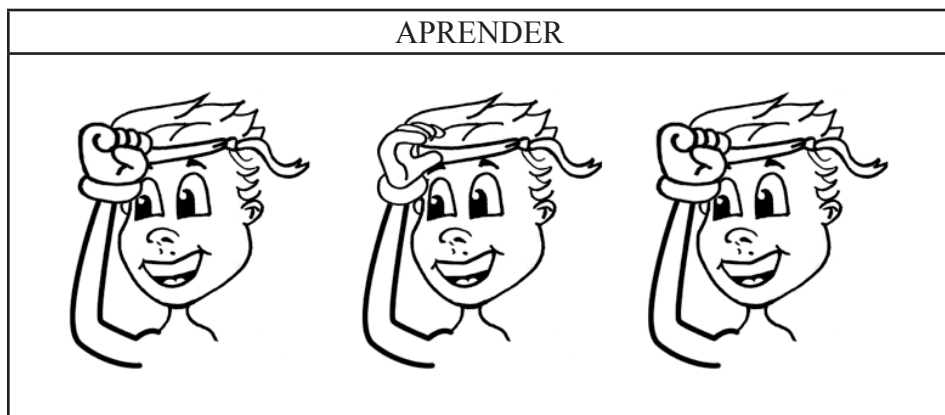
Nas línguas de sinais não há sons, pois conforme visto no Capítulo 2, as línguas de sinais são de modalidade viso-espacial. As informações são recebidas pelos olhos e produzidas pelas mãos. Portanto, Stokoe (1960) propôs o termo 'Quirema' (estudo das mãos) para referir-se às unidades mínimas que formam os sinais e "Quirologia" estudo dos movimentos das mãos. Estes estudos dizem respeito aos parâmetros, os quais você já estudou detalhadamente no Capítulo 2. Ao mudarmos alguma característica de qualquer uma destas unidades, podemos mudar o significado de um sinal. Veja alguns exemplos:

1.1 Sinais que se opõem quanto ao **movimento**, ou seja, sinais com a mesma configuração de mãos (CM), mesma locação (L), mas movimentos (M) diferentes:

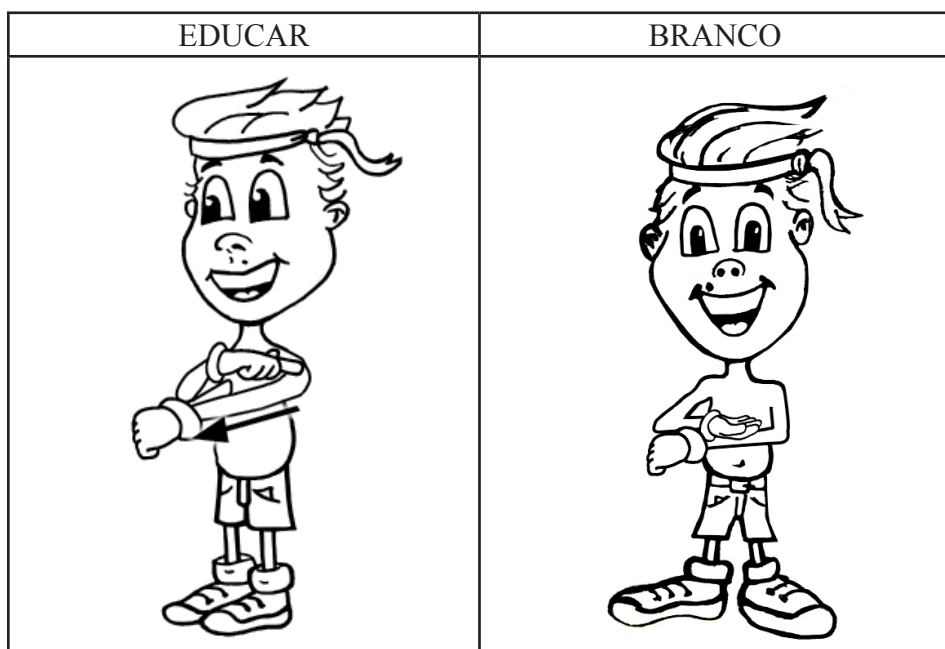


1.2 Sinais que se opõem quanto à **locação**, ou seja, mesma configuração de mãos (CM) mesmo movimento, mas locação (L) diferente:





1.3 Sinais que se opõem quanto à **configuração de mão**, ou seja, mesma locação (L) mesmo movimento, mas configurações de mãos (CM) diferentes:



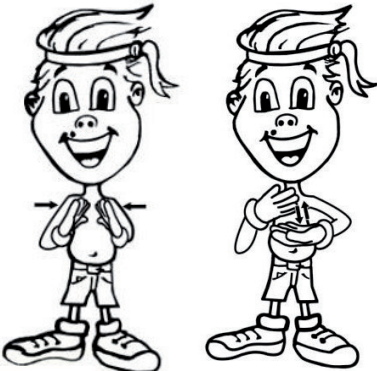
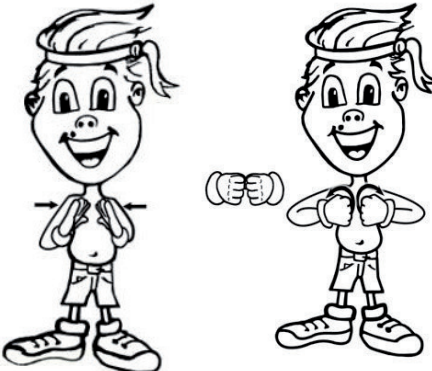
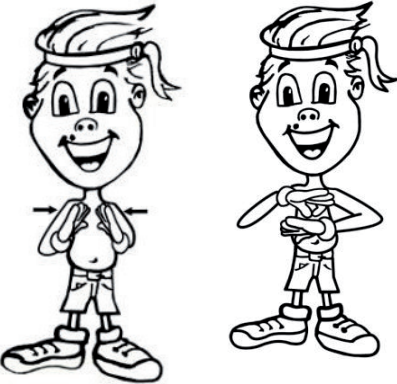
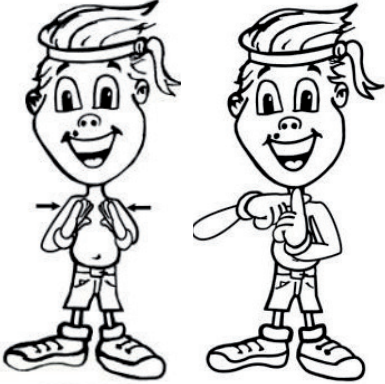
2. *Morfologia das línguas de sinais*

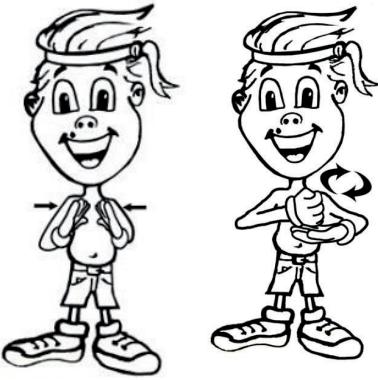
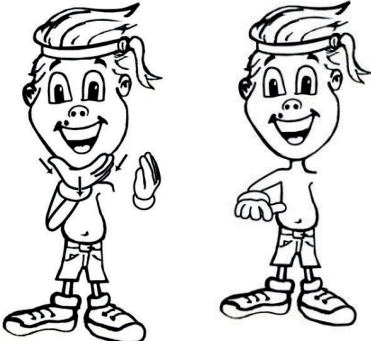
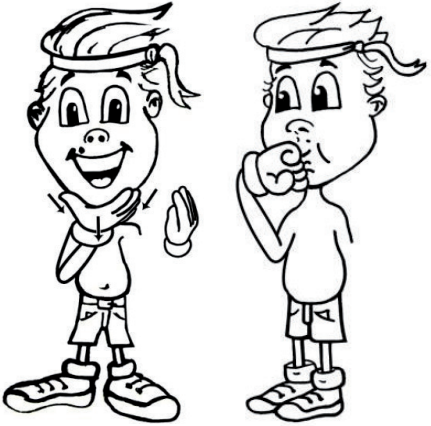
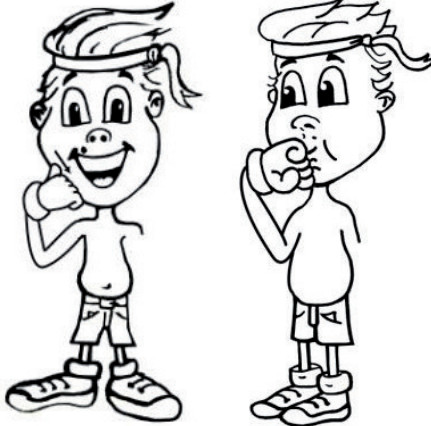
Morfologia é a parte da língua que estuda a formação de palavras, ou seja, tudo que está relacionado ao gênero e número dos

substantivos, assim como o tempo, modo, número e pessoa de um verbo. Envolve, também, os processos de formação e derivação das palavras.

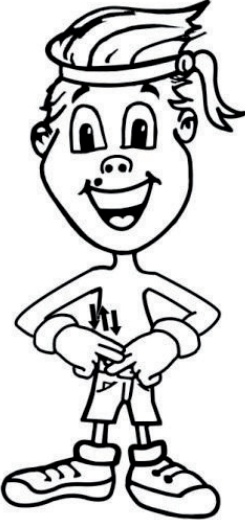

2.1. Na LIBRAS a morfologia tem a função de estudar a estrutura do sinal, ou seja, as unidades mínimas de significado. Enquanto que nas línguas orais as palavras mais complexas são na maioria formadas pela adição de um sufixo ou prefixo a uma raiz, na LIBRAS a constituição de sinais, algumas vezes, ocorre a partir da adição de outros sinais.

Os exemplos a seguir apresentam sinais formados a partir da junção de dois sinais:


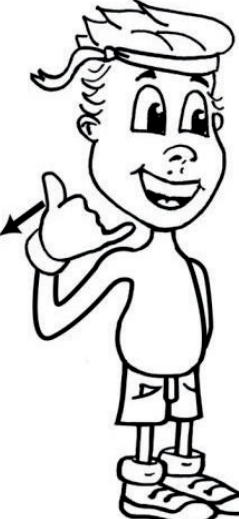
Casa+estudar= ESCOLA	Casa+pão= PANIFICADORA
	
Casa+carne= AÇOUGUE	Casa+cruz= IGREJA
	


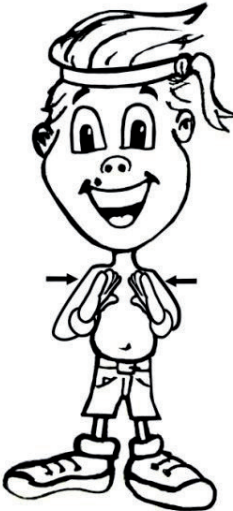


Casa+remédio= FARMÁCIA	Homem+pequeno= MENINO
	
Homem+benção= PAI	Mulher+benção= MÃE
	

2.2. Na LIBRAS há sinais que também podem derivar de um verbo por meio da repetição do sinal e do encurtamento do movimento do verbo. A seguir, observe que o sinal de “SENTAR” tem a mesma configuração e a mesma locação de “CADEIRA”, mas o movimento é mais alongado.

CADEIRA	SENTAR
	

Veja mais alguns exemplos deste processo de formação:

TELEFONE	TELEFONAR
	

CASA	MORAR
	
BEBIDA	BEBER
	

3. *Sintaxe das línguas de sinais*

A Sintaxe estuda o modo como se organizam as palavras na formação de frases. Quadros e Karnopp (2004) afirmam que o Português

e a LIBRAS seguem, basicamente, a ordem de sujeito-verbo-objeto (SVO), mas também permitem construções de verbo-sujeito-objeto (VSO), objeto-verbo-sujeito (OVS).

Um ouvinte começa uma frase pelo sujeito, depois, o verbo, o complemento e, no final, “a idéia”. “Decidi ir ao restaurante comer ostras.” Na língua de sinais, exprimimos primeiro a idéia principal, em seguida acrescentamos eventualmente os detalhes e a ornamentação da frase. Sendo comer o objetivo principal, ele é exprimido primeiro na frase dos sinais. (LABORIT, 1994, p. 120)

Para você relembrar segue uma breve explicação dos elementos ou constituintes necessários para formação de uma sentença:

Sujeito: é o termo da oração que está em relação de concordância com o verbo.

Verbo: é o termo que indicam ação, estado ou fenômeno da natureza. Exemplos de verbos: ler, estudar, brincar, chover etc.

Objeto: é o termo que completa o sentido de um verbo.

Por exemplo: João comeu a maçã.

Sujeito = João; **Verbo** = comeu; **Objeto** = a maçã⁷.

De acordo com QUADROS, PIZZIO e REZENDE (2009) os constituintes, ou seja, o sujeito, o verbo e o objeto, de uma sentença podem ser colocados em diferentes posições na sentença para expressar efeitos discursivos, mas não em todas ou em qualquer posição. Dependendo da ordem de alguns constituintes a sentença pode perder o seu real significado e, em alguns casos, podem ser consideradas agramaticais. Veja alguns exemplos de orações com os constituintes em posições diferentes:

3.1 Orações seguindo a ordem de sujeito-verbo-objeto (SVO):

JOÃO COMPRAR CARRO.

EU GOSTAR MAÇÃ.

EL@ EMPRESTAR LIVRO.

⁷ Para saber mais sobre esse assunto consulte uma gramática de Língua Portuguesa.

3.2 Orações seguindo a ordem de sujeito- objeto- verbo (SOV):

JOÃO CARRO COMPAR?

EU MAÇÃ GOSTAR.

EL@ LIVRO EMPRESTAR.

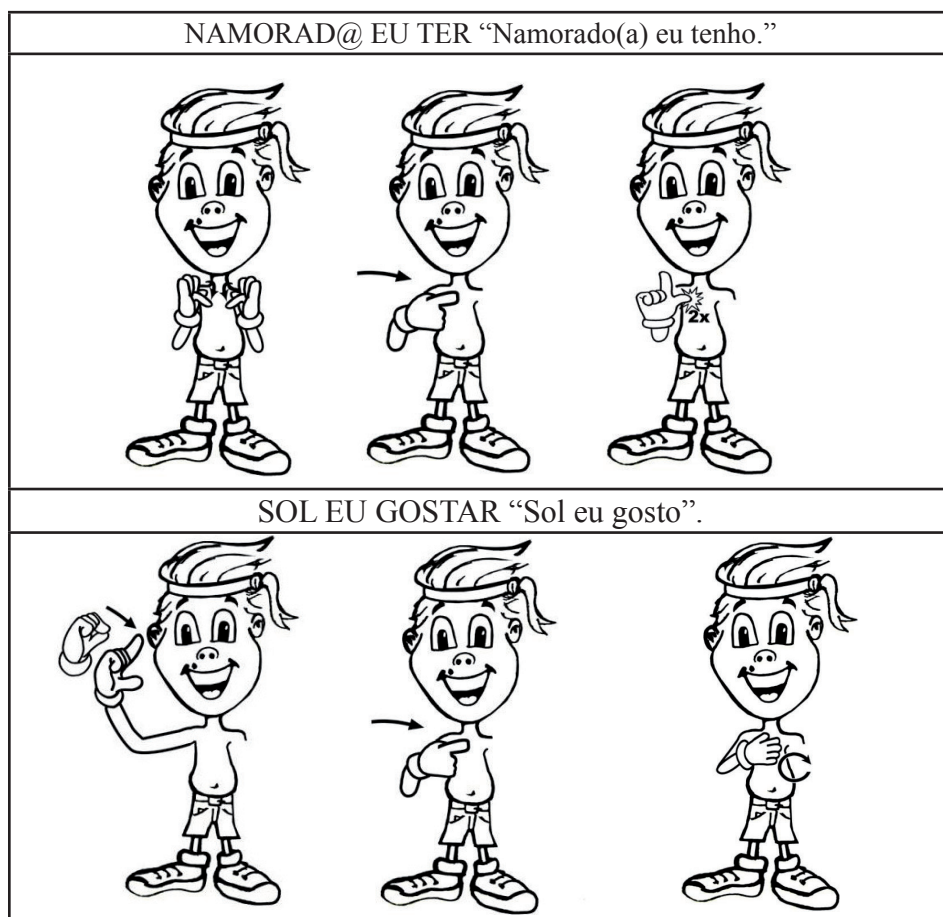
3.3 Orações seguindo a ordem de verbo- objeto- sujeito (VOS):

LEVAR JOÃO O CARRO?

GOSTAR MAÇÃ EL@?

EMPRESTAR LIVRO EL@.

3.4 Orações com tópicos: A sentença topicalizada anuncia o assunto a ser desenvolvido no decorrer do discurso. Veja exemplos destas sentenças em LIBRAS:



3.5 Orações com foco: as sentenças com foco são usadas para destacar, enfatizar alguma informação. Exemplos: EU NÃO-TER CARRO NÃO-TER “Eu não tenho carro, não tenho”. Perceba que o constituinte “NÃO-TER” é repetido ao final da sentença. Exemplos em LIBRAS:





Capítulo 9

1. *As identidades surdas*

As identidades, abaixo descritas, diferem uma das outras e, vale ressaltar que, há a possibilidade de existirem muitas outras que, ainda, não foram descobertas. Pois cada indivíduo é único, desta forma, torna-se difícil construir grupos que se assemelhem em suas características, sejam elas físicas ou psíquicas. As identidades surdas definidas pela autora PERLIN (1998/2004) são as seguintes:

1.1 Identidade surda: são os surdos que se reconhecem como surdos e usam a língua de sinais como meio de comunicação. São pessoas politizadas que gostam de estar entre seus semelhantes na escola, associações de surdos, reuniões, lazeres, movimentos, festas etc. São nestes encontros surdo-surdo que se constrói a verdadeira identidade. Essa identidade está mais relacionada aos surdos filhos de pais surdos. “Eles são criados para conviver com o virtual do ser surdo sem que isso seja uma realidade particularmente perturbadora como o é para os filhos surdos de pais ouvintes.” (PERLIN, 1998, p. 48).

1.2 Identidade surda incompleta: são os surdos que não se aceitam, negam a identidade surda e desenvolvem sentimento de inferioridade em relação aos ouvintes. Evitam envolvimento com outros surdos. Essa pode ser um tipo de identidade surda *reprimida*. Isto porque foi evitada, negada, escondida, ridicularizada etc. Há muitos casos de surdos cujas identidades foram escondidas, nunca puderam encontrar-se com outros surdos. Alguns foram mantidos em cativeiros pela própria família tornando-se seres incapacitados de decidirem-se por si mesmos. (PERLIN, 1998).

1.3 Identidades de transição: são os surdos oralizados, isto é, falam a língua portuguesa, no caso do Brasil, e, em certo momento, descobrem a comunidade surda e passam do mundo ouvinte para o mundo surdo.

Perlin (1998) salienta que:

[...] normalmente a maioria dos surdos passa por este momento de transição, visto que é composta por filhos de pais ouvintes. No momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela des-ouvintização da representação da identidade. Embora passando por essa des-ouvintização os surdos ficam com seqüelas da representação que são evidenciadas em sua identidade em reconstrução. (PERLIN, 1998, p.51)

1.4 Identidade embaçada: são os surdos que não conseguem captar a representação da surdez. Comunicam-se por meio de alguns sinais ou gestos caseiros, pois nunca tiveram contato com a língua de sinais.

1.5 Identidades Surdas Híbridas: fazem parte desta identidade os surdos que nasceram ouvintes e com o tempo se tornaram surdas. Usam a língua de sinais e, no caso do Brasil, também falam a língua portuguesa. Aceitam-se como surdos e participam das associações de surdos. “É na posse da língua de sinais que o sujeito surdo construirá a identidade surda [...] A maioria das narrativas tem como base a idéia de que a identidade surda está relacionada a uma questão de uso da língua. (STROBEL, 2008, p.89)

1.6 *Identidades flutuantes*: são os surdos que têm consciência de sua surdez, porém, desprezam a cultura surda, não participam de associações e lutas políticas. Seguem a representação da identidade ouvinte.

1.7 *Identidades Surdas Diáspora*: são os surdos que devido à necessidade de trocar experiência passam de um país a outro, de um estado a outro, ou ainda de um grupo surdo a outro⁸.

2. O que é Cultura Surda?

Perlin e Strobel (2006) afirmam que a cultura surda corresponde a línguas de sinais, história cultural, identidades surdas, leis, literatura surda, entre muitos outros aspectos que fazem parte deste povo. O espaço cultural, normalmente, são as Associações de Surdos, local onde as comunidades surdas se encontram para discutir assuntos relacionados à política, estudos, encontros, eventos, festas etc.

De acordo com Strobel (2008, p. 24):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

STROBEL (2008) defende que a cultura surda é formada por artefatos culturais, e estes estão relacionados às experiências visuais, bem como à questão linguística, à literatura surda, à vida social e esportiva dos surdos, às artes visuais dos surdos, às lutas do povo surdo e algumas tecnologias que facilitam a acessibilidade dos surdos.

⁸ Se você deseja conhecer mais sobre o povo surdo acesse: www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade1/comunidade_culturasurda.htm: acesso em 19/07/2011
www.ines.gov.br/paginas/revista/debate3.htm: acesso em 19/07/2011
Sugestão de leitura: PERLIN, Gládis T.T. *Identidades surdas*. In Skliar Carlos (org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998

Segundo a autora, os surdos possuem uma forma peculiar de apreender o mundo, pois suas experiências são por meio do canal visual. A língua de sinais constitui o “artefato linguístico” da comunidade surda e, essa é primordial para a cultura surda, sendo hoje reconhecida como primeira língua dessas pessoas.

É muito frequente ouvirmos as pessoas e as mídias dirigirem-se aos surdos utilizando alguns termos, tais como: surdo-mudo, surdinho, mudinho, deficiente auditivo etc. Essas terminologias, na visão da cultura surda, são consideradas um erro social. Portanto faz-se necessário um esclarecimento a respeito dessas denominações:

Sujeito surdo: é aquele que, conforme vimos na Identidade Surda, se aceita como surdo. É um cidadão politizado que usa a língua de sinais como meio de comunicação e luta por seus direitos.

Surdo-mudo: é a mais antiga e incorreta denominação atribuída ao surdo. O fato de uma pessoa ser surda não significa que ela seja muda. A mudez é outra deficiência sem conexão com a surdez. São minorias os surdos que também são mudos. O surdo só poderá ser considerado mudo se for constatada clinicamente deficiência em sua oralização impedindo-o de emitir sons. “Utilizar a língua dos sinais não significa ser mudo. Posso falar, gritar, rir, chorar, sons saem de minha garganta. Ninguém me cortou a língua! Tenho uma voz particular, só isso!” (LABORIT, 1994, p.199)

Portanto, o termo surdo-mudo é inadequado, pois o fato de ser surdo não quer dizer que também seja mudo⁹.

Deficiente auditivo: este termo costumava ser utilizado pela corrente oralista que defendia o desenvolvimento da fala para que os surdos pudessem ser inseridos à sociedade. Esta corrente tratava o surdo com uma visão clínico-terapêutica, onde, depois de diagnosticada a surdez era classificada como leve, moderada, severa ou profunda com o objetivo de indicar o uso da prótese auditiva (aparelho auditivo).

Laborit (1994, p. 79), sobre o termo “deficiente” faz a seguinte declaração:

⁹ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Surdo-mudo>: acesso em 15/07/2001.

[...] mas a ordem que se fez em minha cabeça, já então, recusar violentamente o rótulo de deficiente. Não sou. Sou surda. Tenho uma língua para me comunicar, companheiros que falam, meus pais que falam [...]

Os demais termos, acima citados, são considerados pejorativos e não devem jamais ser utilizados ao referir-se aos sujeitos surdos.

Na cultura surda há algumas terminologias utilizadas para indicar um determinado grupo ou comunidade. Por exemplo:

Povo Surdo: são todas as pessoas surdas independente do seu grau linguístico. Reis (2006, p.19) explica que a expressão Povo Surdo significa uma estratégia de poder, de identidade. E as associações, organizações locais, nacionais ou mundiais de surdos, assim como as lutas, a cultura e as políticas são os fatores que constitui este povo. A autora afirma que não é uma simples comunidade a quem se podem impor regras, mas uma estrutura forte que se defende, e que tem seus próprios princípios.

De acordo com Strobel (2008, p. 29):

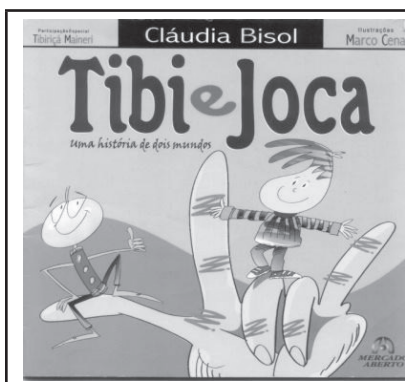
Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços.

Comunidade surda: Formada por todas as pessoas que de forma direta ou indireta estão envolvidas com surdos. São os amigos, professores, vizinhos, intérpretes, familiares etc. Strobel (2008, p. 29), explica que a comunidade surda:

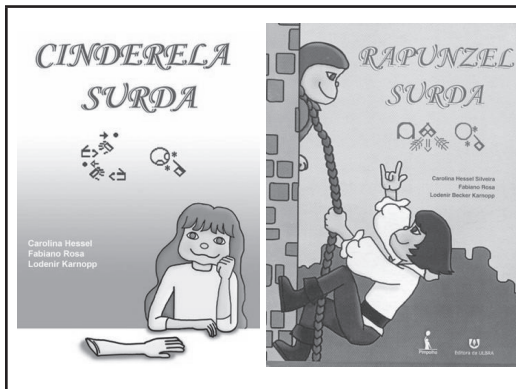
[...] não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes- membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros- que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização. (...) Em que lugares? Geralmente em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.

Conforme visto acima, a cultura surda é marcada pela língua de sinais, pelas diferentes identidades, pedagogias, políticas, leis, artes, literatura etc. As tecnologias de informações e comunicações (TICs), como: e-mail, Orkut, Messenger, facebook, sensor de choro para bebês, telefones celulares, companhia luminosa, relógios vibratórios, entre outros, são recursos importantes e facilitadores de comunicação para os surdos.

Conheça alguns livros de literatura que fazem parte da Cultura Surda¹⁰:



Conta a história de Joca, um menino especial, e seu amigo Tibi. Joca é surdo. Juntos, eles fazem uma descoberta que mudará a vida de Joca e de sua família.

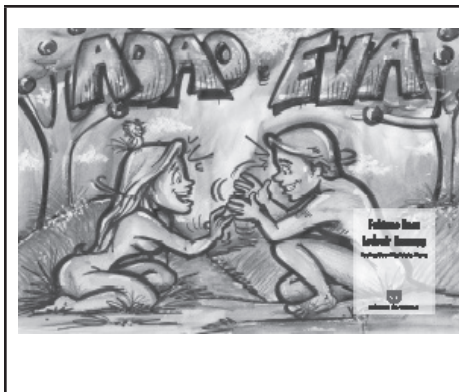


Os livros Cinderela Surda e Rapunzel Surda são versões dos tradicionais contos que insere elementos da cultura e identidade surda. Essas releituras inéditas das histórias são acompanhadas da escrita de sinais (SW), ilustrações e versão em português. Voltada para o público surdo infantil, a obra é o resultado da pesquisa desenvolvida por Lodenir Becker Karnopp, Caroline Hessel e Fabiano Rosa.

¹⁰ http://books.google.com.br/books/about/Cinderela_surda.html?id=hp9MLsD6JXUC: acesso em 19/07/2011

Para saber mais sobre a Literatura Surda acesse o site abaixo que foi organizado por um grupo de profissionais do Rio Grande do Sul – RS: www.literaturasurda.com.br: acesso em 19/07/2011.

Indicação de leitura: SÁ, Nidia Regina Limeira de. *Cultura, Poder e Educação de Surdos*. Manaus: INEP, 2002.

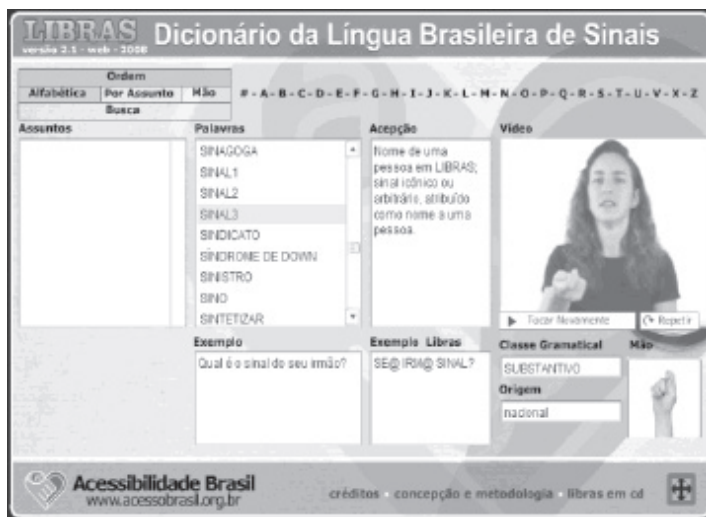


Os autores contam a origem da língua de sinais através da criação do casal feita por Deus. Na história, os dois ficam sem roupa após comerem a maçã e vêem-se obrigados a usar a fala, já que as mãos estão ocupadas em esconder a nudez dos corpos.



Conta a história de um patinho surdo que nasce em um ninho de cisnes ouvintes. Mais tarde encontra sua família e aprende a língua de sinais usada pelos bichinhos da lagoa.


Dicionário virtual



LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais
versão 2.1 - web - 2008

Ordem
Alfabética Por Assunto Mão # - A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - X - Z

Busca

Assuntos	Palavras	Acepção	Vídeo
	SINAGOGA	nome de uma pessoa em LIBRAS; sinal cônico ou arbitrário, atribuído como nome a uma pessoa	
	SINAL1		
	SINAL2		
	SINAL3		
	SINDICATO		
	SINDROME DE DOWN		
	SINISTRO		
	SIND		
	SINTETIZAR		

Exemplo: Qual é o sinal de seu irmão?

Exemplo Libras: SE@ IRIA@ SINAL?

Classe Gramatical: SUBSTANTIVO

Origem: nacional

Acessibilidade Brasil
www.acessobrasil.org.br

créditos · concepção e metodologia · libras em cd

Disponível em: www.acessobrasil.org.br/libras/; acesso em 15/07/2011

Infelizmente são poucos os surdos que vivem em uma comunidade onde sua cultura é reconhecida e respeitada. Muitos surdos sequer sabem que existe uma cultura surda. “Nunca tinha visto adultos surdos [...] portanto, na minha cabeça, as crianças surdas nunca cresciam. Iríamos morrer, assim, pequenos.” (LABORIT, 1994, p. 32).

Há surdos, principalmente, que vivem no interior, que não têm o privilégio de encontrar-se com outros surdos. Alguns até pensam que são os únicos que existem no mundo.

Muitos profissionais continuam tentando transformar o surdo em ouvinte, deixando-os perdidos quanto à sua identidade. Alguns surdos agem de acordo com os objetivos almeçados pelos pais, professores e outros ouvintes tentando falar, vivendo sobre a imposição da cultura dos ouvintes e sentindo-se um completo incompetente diante dos “fracassos”.

Curiosidade: *Você sabia que os surdos costumam “batizar” as pessoas com um “SINAL” criado por eles? Este sinal, normalmente, é criado com base em uma característica física da pessoa, por exemplo: sardas, pintas, cor dos olhos, forma como usa os cabelos (chanel, ondulados etc.), enfim, uma característica que se sobressai aos olhos dos surdos. O SINAL é uma forma que o surdo utiliza sempre que precisa referir-se a uma pessoa, pois, isso facilita sua comunicação não precisando utilizar a alfabeto manual cada vez que citar a pessoa em seu discurso.*



Capítulo 10

1. *Inclusão do surdo no contexto escolar*

A inclusão de alunos surdos em salas regulares de ensino tem gerado conflitos e angústias aos profissionais envolvidos nesse processo. Apesar das lutas sistemáticas de algumas pessoas, como os surdos, professores e intérpretes de língua de sinais, entre outros, a inclusão, no Brasil, continua a passos lentos.

Professores que trabalham com alunos surdos em salas de aula (inclusão) enfrentam inúmeras dificuldades de comunicação. A maioria dos educadores argumenta que não tem formação ou não se sente preparado para trabalhar com esses alunos.

Há algumas décadas as pessoas com necessidades educacionais especiais - PNEE - precisavam ser “preparadas” para ser inseridas à sociedade. O surdo, conforme visto no Capítulo 1, viveu períodos críticos e dolorosos, onde os ouvintes tentaram, a todo custo, transformá-los em ouvintes. Acreditava-se que, somente, desta forma poderiam fazer parte integrante da sociedade. Esta ação, de tentar aproximar as pessoas com necessidades especiais, do padrão considerado “normal” para, somente, depois serem inseridas à sociedade, denomina-se INTEGRAÇÃO. “Pelo

paradigma da integração, são as pessoas com necessidades especiais que devem adaptar-se aos sistemas [...]” (SASSAKI, 2006, p. 106).

Já no processo de INCLUSÃO são as pessoas, ou seja, a sociedade em geral que se prepara para receber as pessoas com necessidades especiais. “Pelo paradigma da inclusão, são os sistemas [...] que devem adaptar-se às necessidades das pessoas de tal forma que elas possam participar juntamente com as pessoas em geral. (SASSAKI, 2006, p.106).

A aquisição da LIBRAS, pelos acadêmicos dos cursos de licenciatura, bacharelados etc., é um exemplo do processo de INCLUSÃO, visto que somos nós, ouvintes, que, agora, estamos aprendendo a língua dos surdos, e não, mais, eles aprendendo a nossa língua.

Sasaki (2006), conceitua inclusão social como um

[...] processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI 2006, p 39)

Desta forma, analisa-se que as diversas tentativas de inclusão do surdo, em nosso meio escolar, considerado “normal”, nos remetem a uma sucessiva e decepcionante trajetória de muitos erros e pouquíssimos acertos. Isso ocorre porque a decisão final, de como as coisas devem ser feitas, sempre partem de pessoas ouvintes e nunca, ou quase nunca, se consulta o principal interessado, neste caso, o surdo.

Pode-se assim dizer que as pessoas ouvintes, ao tomar uma iniciativa destinada a beneficiar pessoas que não ouvem, acabam caindo na malha de sua própria rede por não “ouvir” uma pessoa que não ouve. “A inclusão social contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos [...] e na mentalidade de todas as pessoas.” (SASSAKI, 2006, p. 40),

No Brasil, algumas escolas especiais e Centros de Atendimento Especializado para Surdos - CAES - estão sendo desativadas com a finalidade de incluir TODOS os alunos em salas regulares. O que antes era um recurso necessário, criado pelas próprias políticas públicas, hoje é visto como um modo de segregar as pessoas com necessidades educacionais especiais.

Recentemente a comunidade surda mostrou seu poder com um forte movimento na tentativa de evitar o fechamento da maior escola para surdos do Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Nos dias 19 e 20 de maio de 2011 cerca de quatro mil pessoas, entre elas surdos, professores, intérpretes, familiares, líderes e simpatizantes marcharam em direção ao Ministério da Educação e Cultura - MEC - e ao Congresso Nacional, em Brasília, para defender o direito pela Educação Bilíngue para Surdos.

A idéia de fechar o INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos até o final de 2012 incitou muitas pessoas envolvidas com a Educação de Surdos a lutarem pelo direito linguístico dos surdos. Ao final dos debates entre as lideranças surdas com as pessoas ligadas ao MEC, deputados e senadores, os surdos tiveram a garantia de que o INES não será fechado¹¹.

No dia 16 de setembro de 2011 realizou-se, também, o 10º Congresso Internacional de Educação de Surdos na cidade do Rio de Janeiro. Neste evento cerca de 800 pesquisadores discutiram a inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino. Entre eles havia os que eram contra e os que defendiam a inclusão dos surdos em salas regulares.

A diretora do Centro e Investigação sobre a Surdez da Universidade Autônoma de Barcelona, Professora Nuria Silvestre, defendeu a interação entre crianças surdas e ouvintes explicando que “[...] esse é um meio para incluir o surdo na sociedade. Mas há todo um caminho”, disse. “Sem o apoio do corpo docente e da comunidade escolar, a inclusão pode ser um fracasso. Não há caminho se não se começar a

¹¹ Disponível em: www.youtube.com/watch?v=dNxbi-VLVw&feature=related: acesso em 07/09/2011

andar”¹², completou fazendo referência à inclusão dos alunos surdos na rede regular de ensino, citando o poeta espanhol Antonio Machado.

O modelo espanhol foi contestado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS - que defende escolas especializadas e bilíngues para surdos.

A professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e diretora de Políticas Educacionais da FENEIS, Patrícia Luiza de Rezende, resume como “massacrante” a situação da educação do surdo no Brasil. Para ela, a política de educação especial do Ministério da Educação impõe uma inclusão que não atende as peculiaridades e especificidades dos surdos. “Os surdos precisam ter uma educação bilíngue em que a língua de sinais seja uma língua de instrução e compartilhada na sala de aula. Como os surdos vão estudar nas escolas regulares se a língua dominante é a portuguesa?”, perguntou a professora.

Os professores bilíngues, que trabalham com surdos em escolas especiais ou em centros de atendimento especializado para surdos, são conhecedores da história da educação dos surdos, assim, como das metodologias adequadas à aquisição dos conteúdos escolares. Mas, infelizmente, os professores que trabalham no ensino regular com alunos surdos incluídos, desconhecem essas práticas metodológicas. E com isso os alunos surdos, ao invés de se sentirem incluídos, acabam sendo excluídos do processo escolar e impossibilitados de adquirir, de forma efetiva, o conhecimento.

O Decreto 5.626/2005 que regulamenta a Lei 10.436/2002 torna obrigatória a Disciplina de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - em todos os Cursos de Graduação em Licenciatura, inclusive nos Curso de Fonoaudiologia, porém a falta do profissional habilitados na área tem impossibilitado as Instituições de Ensino Superior em cumprir a Lei.

Ao inserir-se em um meio escolar, o surdo encontra inúmeras dificuldades, tanto socialmente como em relação aos conteúdos. Cabe à instituição de ensino a responsabilidade de tentar identificar as dificuldades desse aluno e as suas, procurando saná-las de maneira correta

¹² Leia a notícia completa disponível em: <http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=32738>: acesso em 28/09/2011

e não ofensiva, sem marginalizar ou reprimir, isolar ou omitir. Além disso, levar sempre em conta que a presença do profissional Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - TILS - em sala de aula, é fundamental para que o aluno surdo tenha acesso, efetivo, a todos os conteúdos.

2 O tradutor intérprete da Língua de Sinais – TILS

O que é preciso para tornar-se um intérprete de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS/Língua Portuguesa?

Antes de discutirmos essa questão vejamos o conceito de Intérprete de Língua de Sinais: "...é a pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais." Quadros (2004, p. 7):

Segue mais uma definição deste profissional:

O tradutor e intérprete de Libras/Língua Portuguesa - TILS é o profissional bilíngue que oferece suporte pedagógico à escolarização de alunos surdos matriculados na Educação Básica, da rede regular de ensino, por meio da mediação lingüística entre aluno(s) surdo(s) e demais membros da comunidade escolar, de modo a assegurar o desenvolvimento da proposta de educação bilíngüe (Libras/Língua Portuguesa). (BRASIL, 2008).

Para tornar-se um Intérprete é necessário, primeiramente, ter fluência em LIBRAS. Para receber a certificação de tradutor intérprete de Língua de Sinais - TILS, o candidato deve ser aprovado por uma banca avaliadora, composta por surdos e ouvintes, fluentes em LIBRAS. A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - FENEIS - oferece essa prova de seleção periodicamente.

Há também o PROLIBRAS que é um programa promovido pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC - e desenvolvido por Instituições de Educação Superior - IES - que tem por objetivo viabilizar a certificação de proficiência em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS -

bem como para a certificação de proficiência em tradução e interpretação da LIBRAS.

O PROLIBRAS certifica pessoas surdas ou ouvintes, fluentes em Libras, interessadas em ser professores ou instrutores¹³ de LIBRAS assim como pessoas ouvintes, fluentes em Libras, aprovadas no exame de proficiência em tradução e interpretação interessadas em exercer a função de tradutor intérprete de língua de sinais – TILS.

A melhor forma de adquirir fluência, em LIBRAS, é entrar em contato e conviver com pessoas surdas.

Quadros (2004, p. 28), cita alguns papéis do intérprete no que diz respeito aos preceitos éticos: confiabilidade (sigilo profissional); imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

Conforme a Instrução N.º 008/08 compete ao profissional intérprete o cumprimento das seguintes atribuições. (BRASIL, 2008):

- Mediar situações de comunicação entre os alunos surdos e demais membros da comunidade escolar.
- Viabilizar a interação e a participação efetiva do aluno nas diferentes situações de aprendizagem e interação no contexto escolar.
- Informar à comunidade escolar sobre as formas mais adequadas de comunicação com o(s) aluno(s) surdo(s).
- Interpretar, de forma fidedigna, as informações e conhecimentos veiculados em sala de aula e nas demais atividades curriculares desenvolvidas no contexto escolar.
- Ter conhecimento prévio e domínio dos conteúdos e temas a serem trabalhados pelo professor, evitando a improvisação

¹³ Instrutor: é a pessoa surda com certificação para ensinar a LIBRAS.

e proporcionando maior qualidade nas informações transmitidas.

- Ter um relacionamento amistoso com o professor regente de turma, oferecendo informações adequadas sobre a importância da interação deste com o(s) alunos(s) surdo(s).
- Sugerir aos docentes a adoção das estratégias metodológicas visuais mais adequadas ao favorecimento da aprendizagem dos alunos surdos.
- Cumprir integralmente a carga horária designada (20 ou 40 horas), de modo a oferecer apoio especializado aos alunos surdos em todas as disciplinas previstas na matriz curricular semanal para a série em questão.
- Participar das atividades pedagógicas que envolvem o coletivo da escola (reuniões pedagógicas, conselhos de classe, atividades festivas, entre outros).
- Submeter-se aos direitos e deveres previstos aos demais profissionais, no regimento da escola.
- Cumprir o Código de Ética que regulamenta a prática da interpretação. A Lei nº 12.319¹⁴ que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua de Sinais - TILS - foi aprovada somente em setembro de 2010. O Intérprete de LIBRAS/Português é um profissional bastante requisitado pelas instituições de ensino e pelas empresas públicas e privadas, mas infelizmente ainda não há intérpretes em número suficiente para a demanda do mercado.

3. Algumas considerações sobre o processo de escrita do surdo¹⁵

A falta de conhecimento de alguns professores sobre a cultura surda e a forma com que os surdos escrevem acaba gerando certas

¹⁴ Para saber mais acesse: <http://librasestudossurdos.blogspot.com/2011/04/lei-n-12319-de-1-de-setembro-de-2010.html>: acesso em 08/10/2011

¹⁵ Algumas partes sobre esse aspecto foram escritas com base no artigo “Por que o surdo escreve diferente?” (STREIECHEN, 2011) publicado na Revista Interlinguagens: Discutindo as interfaces da Língua, Literatura e Ensino. Para ler o artigo na íntegra acesse: http://www.revistainterlinguagens.com.br/sumario.php?pub_cod=3

injustiças em relação às estratégias de avaliação utilizadas nas correções de textos produzidos pelos surdos.

Há elementos usados na Língua Portuguesa falada e escrita tais como: artigos, conjunções, preposições e, em alguns casos, certos tipos de verbos que não são usados em LIBRAS. Infelizmente, a maioria dos professores desconhece o fato de que o aluno surdo fala uma língua e precisa escrever em outra. E quando se trata de língua é importante lembrar que os surdos sentem-se, praticamente, estrangeiros em seu próprio País. Muitos professores que trabalham com surdos incluídos nas salas regulares não levam em consideração essa diferença linguística ao confrontar-se com um texto escrito pelo surdo.

O professor não deve corrigir um texto produzido por um aluno surdo como se estivesse corrigindo um texto elaborado por um aluno ouvinte que usa a língua portuguesa naturalmente. Deve lembrar-se sempre do detalhe que a LIBRAS tem que ser vista como uma “outra” língua. E, mesmo reconhecida oficialmente em todo o território nacional, ainda é desconhecida pela maioria da população que não tem contato com a comunidade surda. Esta falta de conhecimento é uma das principais causas da marginalização social que os surdos sofrem até hoje. (STREIECHEN, 2011, p. 173).

Cabe, portanto, aos professores e pessoas que se relacionam com surdos levar sempre em consideração que estão lidando com outra língua e respeitarem essa diferença linguística assim como seus usuários.

O Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, em seu Art. 14. § 1º, Incisos VI e VII, garante aos alunos surdos que as avaliações devem ocorrer em ambas as línguas, Portuguesa/LIBRAS e não apenas na modalidade escrita:

VI - adotar mecanismos de avaliação coerente com o aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII – desenvolver e adotar mecanismos alternativos para avaliação de conhecimentos expressos em LIBRAS, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos.

Este Decreto estabelece, inclusive, que os alunos surdos devem ter uma educação bilíngue, na qual a Língua Brasileira de Sinais é a primeira e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, a segunda. Neste modelo, a Língua Brasileira de Sinais é a língua de instrução no sentido de que vai possibilitar o acesso aos conteúdos de todas as disciplinas, inclusive de Língua Portuguesa. Para isso, ela deve ser adquirida pelas crianças surdas o mais cedo possível, o que, em geral, vai se dar na escola, preferencialmente na interação com interlocutores surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais.

Uma criança ouvinte aprende, desde muito pequena, através do canal auditivo e pela percepção visual, muitas palavras. Quando vem para a escola, seu vocabulário é amplo e suficiente para produzir textos. Apenas é preciso ensiná-la a ler e a escrever tais palavras. Ela já sabe que tal palavra denomina certo objeto fazendo a relação do significado com o significante, apenas não conhece o “código” escrito da palavra.

Uma criança ouvinte pode comparar a palavra escrita com o som que escuta, depois com o sentido. Eu tinha que reescrever vinte vezes a palavras “mamãe”. Será que havia entendido, depois daquilo, o significado de mamãe? Era minha própria mãe que via diante de mim? Ou era uma outra coisa? Será que isso corresponde a uma mesa? (LABORIT, 1994, p 71):

O surdo grava todas as imagens que vê, mas não ouve, portanto não sabe as denominações. Quando vem para escola, não adianta apenas mostrar-lhe o sinal ou a escrita sem lhe apresentar o objeto e vice-versa. Portanto, a criança surda deve ser inserida à escola assim que a surdez for diagnosticada, pois, antes de iniciar o processo de alfabetização, ela deve adquirir uma língua, no caso das crianças surdas brasileiras, essa língua será a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Sobre a questão da aquisição da LIBRAS, Quadros (1997) aponta que:

A Libras é adquirida pelos surdos brasileiros de forma natural mediante contato com sinalizadores, sem ser ensinada, conseqüentemente, deve ser sua primeira língua. A aquisição dessa língua precisa ser assegurada para realizar um trabalho sistemático com a L2, considerando a realidade do ensino formal. A necessidade formal do ensino da língua portuguesa evidencia que essa língua é, por excelência, uma segunda língua para a pessoa surda. (QUADROS 1997, p.84)

Quanto mais precoce a criança surda iniciar o processo de estimulação mais rápido ela irá se desenvolver.

Dependendo do grau da surdez da criança e da detecção precoce do problema, algumas famílias conseguem desenvolver uma linguagem própria e muito próxima à ideal. Mas estes casos são insignificantes em um contexto geral. Não podemos, portanto, generalizar e tomar como parâmetros casos isolados.

No momento da produção escrita do aluno surdo o professor deve levar em conta que ele fala uma língua e precisa escrever em outra. E quando se trata de língua é importante lembrar que os surdos são praticamente estrangeiros em seu próprio País. Conforme visto no Capítulo 2, a língua de sinais apresenta gramática e estrutura independentes e diferentes da língua portuguesa. Em LIBRAS não há o uso de preposições, conjunções, artigos e alguns verbos. Por exemplo: uma pessoa surda ao perguntar: “quantos anos você tem?” ela sinalizará apenas: “IDADE” mais a expressão facial interrogativa. Veja outro exemplo: “EU IR CASA” (LIBRAS). “Eu irei para casa” (Português). SILVA (2010) explica que durante a aquisição da linguagem escrita pelo aluno surdo é muito comum a ocorrência da interlíngua. A autora afirma que

[...] quando estão tentando elaborar mentalmente uma frase em português, há interferência da Libras e, muitas vezes, a frase escrita não será nem em uma língua nem em outra, mas em ambas. A essa mistura chamamos de interlíngua, o que significa que o aluno não se apropriou do português completamente e não se distanciou da Libras, está em processo. Uma frase típica de interlíngua

escrita por surdos é: casa ir. Essa frase representa seu aprendizado no português, em que o nome do lugar onde moramos é casa em que usamos o verbo ir quando anunciamos que haverá deslocamento de um lugar para outro. Porém ele desconhece a necessidade de conjugar o verbo para que haja concordância com a pessoa, com o sujeito da frase que, neste caso, seria eu irei. Além disso a pessoa surda ainda não aprendeu que, depois do verbo ir, é necessário o uso da preposição **para**. (SILVA, 2010, p.152).

Na Língua Portuguesa, quando flexionamos um verbo temos a idéia de tempo. Na LIBRAS quando queremos nos referir ao tempo e outras formas fazemos o uso de sinais auxiliares. Estes sinais é que darão a marcação do tempo, número e pessoas. Portanto, os sinais dos verbos não recebem afixos anexados à raiz como na língua portuguesa. Você viu no Capítulo 5 que “ESTUDAR” é um verbo que, na LIBRAS, não há concordância, visto que o sinal é sempre o mesmo independente de tempo, número e pessoa.

Vejamos agora alguns exemplos de frases com este verbo: AMANHÃ EU ESTUDAR MATEMÁTICA VOCÊ ESTUDAR GEOGRAFIA. (LIBRAS). “Amanhã eu estudarei matemática e você estudará geografia.” (Português). NÓS ESTUDAR FUTURO. (LIBRAS). “Nós estudaremos.” (Português).

Por isso o surdo, ao escrever, terá dificuldades em empregar os elementos que fazem parte da gramática da língua portuguesa e, na maioria das vezes, tenderá a usar a estrutura da língua que fala, ou seja, da língua de sinais. Mas, não significa que o surdo nunca fará uso destes elementos em seus textos, o que ocorrerá é que eles poderão estar mal empregados. Portanto, cabe ao professor estar consciente disso e ter um olhar diferenciado ao avaliar a escrita do surdo.

Uma criança surda pode aprender satisfatoriamente o português se for corretamente estimulada e não repreendida de maneira ofensiva. O professor deve ter muita cautela e evitar rabiscar de vermelho os supostos erros da criança. Sempre levar em conta que está se tratando de um contexto bilíngue e resquícios da língua original do surdo sempre

aparecerá. Caso não entenda o que ele quis dizer, deve perguntar ao aluno e mostrar que está interessado em entendê-lo.

Diante disso, devemos levar em conta as palavras de Freire (1996, p. 71):

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece à importância dos 'conhecimentos de experiência feitos' com que chegam à escola.

Outro aspecto importante a ser esclarecido é a respeito da leitura labial. A maioria das pessoas acredita que todos os surdos são capazes de fazer leitura labial, ou seja, ler os lábios das pessoas enquanto falam. Esse é um mito, pois nem todos os surdos fazem leitura labial.

Montanher¹⁶ (2010, p. 16) afirma que: "O ouvinte não faz idéia do esforço que é para o surdo fazer leitura labial, é difícil entender o que as pessoas dizem, especialmente quando não articulam bem as palavras, usam bigodes, ficam de lado..."

O Brasil, por ser um País de dimensões continentais, pode-se também observar que existem regionalismos e maneiras diferentes de se dizer a mesma coisa, dependendo da região ou do isolamento social que uma pessoa ou comunidade enfrenta: isso se falando de pessoas ditas "normais". Quando isso acontece agimos como se a nossa maneira de falar fosse a única correta e as outras não. O que pode soar estranho para nós também pode soar estranho para os outros. Para enfrentarmos um novo desafio devemos antes tentar compreendê-lo.

¹⁶ Heloír Montanher é surdo graduado em Pedagogia e aluno do Curso de Licenciatura Letras/ Libras na modalidade a distância da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC no pólo da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Trabalha como professor na UNIOESTE em Cascavel/ PR. Aprendeu Libras quando adulto, pois sua família incentivava o oralismo e não permitia o uso da língua de sinais em casa.



Considerações Finais

Este livro apresentou alguns aspectos históricos das pessoas surdas no Brasil e no mundo, onde foi possível compreender, por meio de uma linha do tempo, as principais metodologias que vigoraram na educação dos surdos.

Desta forma, evidenciou-se também que a comunidade surda, após séculos de discriminação e sofrimento vêm, aos poucos, conseguindo ocupar seu lugar na sociedade.

Os períodos obscuros vivenciados por muitas pessoas surdas, felizmente, ficaram para trás. Novas leis e diretrizes vão surgindo a cada dia, não para impor uma cultura, mas para devolver ao surdo o que lhe é de direito: usar sua língua natural, a língua de sinais, como forma de comunicação e optar pela metodologia que privilegia o uso desta língua para sua efetiva aprendizagem.

Os aspectos linguísticos da LIBRAS foram discutidos e os parâmetros que regem a língua descritos de forma detalhada. Dentre essas questões destacou-se que a língua de sinais foi considerada **língua** a partir de 1960 com os estudos do linguista Willian Stokoe.

Procurou-se também esclarecer os principais mitos criados em torno das línguas de sinais, entre eles: as línguas de sinais não são universais; não são compostas por mímicas; não são apenas “gestos” e, nem todos os sinais são icônicos.

Por meio dos estudos de Perlin (1998) e Strobel (2008), vimos os conceitos e as diferenças das identidades surdas, assim como a cultura surda que toma como base e como marca a língua de sinais.

No último Capítulo demos ênfase à inclusão, destacando que os surdos sempre devem ser consultados quando o assunto diz respeito a eles, pois passou o tempo em que os ouvintes estabeleciam e ditavam as regras em relação à língua e metodologias educacionais utilizadas para a educação dessas pessoas. Hoje, felizmente, os surdos têm demonstrado que têm poder, força e discernimento para decidir o que é melhor para suas vidas em todos os aspectos.

De forma sucinta, mostrou-se que a língua de sinais é considerada a primeira língua (ou língua natural) do surdo e a língua portuguesa (escrita), a sua segunda língua. Entretanto, na escola, o surdo fala uma língua (LIBRAS) e escreve em outra (Português), portanto, ele apresentará dificuldades em produzir textos escritos seguindo as regras da Língua Portuguesa, mas o Decreto 5.626/2005 assegura o direito dos alunos surdos serem avaliados de forma diferenciada.

A importância do tradutor intérprete de língua de sinais - TILS - para os alunos surdos, também foi um assunto abordado no último Capítulo.

Espero que ao final da leitura e estudo deste livro eu possa ter contribuído para despertar o desejo em aprender essa maravilhosa língua, e deixo aqui o convite em nome da comunidade surda: vamos compartilhar e cultuar esta nova língua, trocar experiências e dificuldades, formar comunidades presenciais ou virtuais e desenvolver novas ideias. Participem, criem comunidades, sites de relacionamento e tudo o que estiver ao alcance!

O convívio permanente com pessoas surdas nos proporciona oportunidades de sociabilidade, afinidade e uma visão que jamais poderão ser descritas neste ou em qualquer outro livro.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - e dá outras providências.

_____. Secretaria de Educação Especial. *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

_____. *Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. In: Educação Especial, volume III, Série Atualidades Pedagógicas, Brasil: SEESP, MEC, 1997.

_____. Secretaria de Estado da Educação. *Instrução n.º 008 de 29 de julho de 2008*. Superintendência da Educação - SUED/SEED, MEC, 2008. Disponível em <http://www.nre.seed.pr.gov.br/londrina/arquivos/File/Instrucao08Interprete.pdf>: acesso em 08/10/2011

CAPOVILLA; RAPHAEL; *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue*. São Paulo, Edusp: 2000.

COUTINHO, LIBRAS e Língua Portuguesa (*Semelhanças e Diferenças*) vol. II. João Pessoa PB: Arpoador Gráfica e Editora, 2000.

FELIPE, T.A. *LIBRAS em contexto: curso básico*. Livro do estudante cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001.

FERNANDES, S.; STROBEL K. L. *Aspectos linguísticos da LIBRAS*. SEED/SUED/DEE, Curitiba, 1998.

FERNANDES, S. *Avaliação em Língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações*. Curitiba, SEED/SUED/DEE, 2007.

_____. *Critérios diferenciados de avaliação na Língua Portuguesa para estudantes surdos*. 2. ed. Curitiba: SEED/SUED/DEE. 2002.

_____. *Educação de Surdos*. Editora: Ibpex, Curitiba-PR, 2007.

_____. *Educação bilíngüe para surdos: desafios à inclusão*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.

FENEIS: http://www.feneis.com.br/page/noticias_detalhe.asp?categ=1&cod=621: Acesso em 18/07/2011

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo Paz e Terra, 2002.

GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. Ed: Parábola. São Paulo, 2009.

GÓES, R. de. *Linguagem, Surdez e Educação*. Autores Associados. São Paulo: 1996.

Goldfeld, M. A. *Criança Surda* - linguagem e cognição numa perspectiva sócio- interacionista. Plexus, 1997.

_____. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

KLIMA & BELLUGI. *The Signs of Language*. Cambridge: Cambridge university Press, 1979.

LABORIT, E. *O vôo da gaivota*. São Paulo: Best Seller, 1994.

LEITE, L.B. (Org.). *Piaget e a escola de Genebra*. São Paulo: Cortez, 1987.

MONTANHER, H. *Revista Voz de esperança*. O futuro é uma questão de escolha. Curitiba. Nº 138, setembro/2010.

MOURA, M. C. de. *O surdo: Caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PERLIN, G.T.T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. *Identidades Surdas*. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

_____. *Histórias de vida surda: identidades em questão*. Programa de Pós Graduação em Educação. UFRGS. Dissertação. Porto Alegre, 1998.

_____. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

PERLIN, G.; STROBEL, K. *Fundamentos da Educação de Surdos*. Texto Base do Curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS na modalidade a distância. UFSC, 2008.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; e, QUADROS, R. M. de. *Texto Base da Disciplina LIBRAS I. Letras/LIBRAS na modalidade a distância*. UFSC, 2009.

_____. *Texto Base da Disciplina LIBRAS II. Letras/LIBRAS na modalidade a distância*. UFSC, 2009.

_____. *Texto Base da Disciplina LIBRAS III. Letras/LIBRAS na modalidade a distância*. UFSC, 2010.

_____. *Texto Base da Disciplina LIBRAS IV. Letras/LIBRAS na modalidade a distância*. UFSC, 2009.

_____. *Texto Base da Disciplina LIBRAS V. Letras/LIBRAS na modalidade a distância*. UFSC, 2009.

_____. *Texto Base da Disciplina LIBRAS VI. Letras/LIBRAS na modalidade a distância*. UFSC, 2011.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. MEC: Brasil, 2004.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais I. Letras/LIBRAS na Modalidade a Distância*. UFSC: 2009.

RODRIGUES, Z. Histórico da Educação dos Surdos. Publicado 10/01/2008. Acesso <http://www.webartigos.com>. Acesso em 13/07/2011

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E; CARVALHO, O. L. C.; RAMOS, L. *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Vol. 1. Brasília: MEC/SEE/SEESP, 2002.

_____. *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Secretária de Educação Especial. Vol. 2. Brasília: MEC/SEE/SEESP, 2002.

SCHELP, Patrícia Paula. *Práticas de letramento de alunos surdos em contexto de escola inclusiva*. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2008.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução: Laura Teixeira Motta. Editora. Schwarcz Ltda. São Paulo, 1989.

SANTANA, A.P.; BERGAMO, A. Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br> >. Acesso em: 15 de julho de 2011.

SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SILVA, C. B. da. *Cenário Armado, Objetos Situados: O Ensino de Geografia na Educação de Surdos*. Porto Alegre: 2003.

SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus, 2003.

SILVA, L. da. *Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. Curitiba: Editora Fael, 2010.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. (Org.) *Educação e exclusão: abordagem sócio-antropológica em educação especial*. Porto alegre, Mediação, 1997.

STREIECHEN, E.M. *Porque o surdo escreve diferente?* Revista Interlinguagens- discutindo as interfaces da língua, literatura e ensino. Nº 02. Volume 02, p. 158-175, 2011. Disponível em: http://www.revistainterlinguagens.com.br/sumario.php?pub_cod=3

_____. *A aquisição da linguagem escrita pelo aluno surdo*. Paranaguá: INSULPAR - Trabalho de conclusão de curso - Especialização, 2007.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis. Editora UFSC. 2008.

STROBEL, FERNANDES, *Língua de Sinais*; Secretaria de Estado da Educação. Curitiba /PR: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, M. *Práticas de bilingüismo: relato de experiência*. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, jun/2006, p.290-299.

Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Surdo-mudo>: *acessado em 15/07/2011*

<http://pt.scribd.com/doc/2538359/lucinda-ferreira-brito-estrutura-linguistica-da-LIBRAS>: *acesso em 15/07/2011*